

MARILDA CASTELAR

CONTRIBUIÇÕES DA MEMÓRIA PARA UMA
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO SERVIÇO
PÚBLICO EM CAMPINAS

Doutorado em Psicologia Social

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
São Paulo
2005

MARILDA CASTELAR

CONTRIBUIÇÕES DA MEMÓRIA PARA UMA HISTÓRIA DA
PSICOLOGIA NO SERVIÇO PÚBLICO EM CAMPINAS

Tese apresentada à Banca Examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título
de Doutor em Psicologia Social sob a orientação
da Prof^ª Dr^ª Maria do Carmo Guedes.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
São Paulo
2005

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a Maria do Carmo Guedes, orientadora, pela acolhida, respeito, confiança e apoio incondicional.

Aos entrevistados e entrevistadas, pela confiança, receptividade e disponibilidade ao fornecerem seu tempo, compartilharem suas recordações e por acreditarem no projeto.

A Banca de qualificação, Marisa Baptista e Mitsuko Antunes, que com seus comentários e sugestões iluminaram este percurso final.

A todos os colegas e amigos com quem convivi no Museu da Imagem e do Som de Campinas, em especial Maria do Carmo Cassaniga, Orestes Toledo, Adriana Barão e Sônia Fardin, com os quais aprendi a trabalhar em equipe multiprofissional e a compartilhar os sonhos de um serviço público efetivo, pela convivência frutífera e apoio decisivo nesta jornada.

A todos os colegas do NEPHPSI - Núcleo de Estudos e Pesquisa em História da Psicologia, em especial as amigas Ana Karina Fachini, Carmem Taverna, Fernanda Waeny, Mônica Leopardi, pelo companheirismo e palavras de incentivo.

Ao Paulo Guillarducci, amigo de longa jornada, pelo apoio decisivo em questões de ordem prática em Campinas, pelas longas discussões sobre o tema e seu olhar cético em relação ao serviço público que me ajudou a dosar meu envolvimento com o tema.

Ao Fernão Ciampa, pelo seu talento e dedicação no trabalho em equipe que me ajudou a perceber aspectos a serem explorados no serviço público para a pesquisa.

A todos meus amigos e amigas de Campinas, em especial à Célia Barbosa, Sônia Salzberg, Eliana Sundfeld, Ana Maria Pedroso, Nielse Maluf e Celso Giampietro que

sempre estiveram presentes em minha vida pessoal e profissional e continuam me apoiando apesar da distância.

Ao meu irmão Mauri Castelar e minha cunhada Valquiria Segretti Castelar, pela amizade e carinho de sempre com que me acolheram em sua casa em São Paulo, nestes últimos anos.

Ao Wagner Zampar Jorge, companheiro sempre presente que soube compreender e respeitar as longas ausências, pela colaboração e carinho constante.

“Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu.”

Ecléa Bosi

RESUMO

Este trabalho pretendeu contribuir para a historiografia da Psicologia no Brasil, a partir da memória de profissionais de psicologia que iniciaram, na década de 1970, atividades de psicologia nos serviços públicos municipais de Campinas – SP. Buscou-se estabelecer conexões entre o contexto histórico de Campinas e do país e o início das atividades de psicologia na cidade. A pesquisa consistiu no levantamento de fontes documentais, na transcrição e na interpretação de depoimentos de psicólogas que em sua maioria ainda se encontram vinculadas ao serviço público municipal. Foram adotados os procedimentos da História Oral e, na análise das entrevistas, buscou-se a perspectiva histórica dos relatos, partindo da imagem que cada entrevistada possui de sua própria trajetória e do serviço público, para elaborar uma versão para a História da Psicologia no serviço público municipal. A análise de depoimentos colocou em evidência a trajetória das entrevistadas, as atividades de psicologia desenvolvidas, o campo de atuação profissional de que se constitui o serviço público de saúde e a relação entre a formação do psicólogo e o seu compromisso social. Constatou-se que a história dos caminhos percorridos por estas psicólogas nestes contextos públicos ainda não se encontrava registrada, organizada e disponível, a não ser no formato de experiências e na memória dessas profissionais. Portanto, disponibilizar esse conhecimento às novas gerações pode proporcionar avanços para a psicologia, enquanto ciência e profissão, e para a História da Psicologia Brasileira. Para finalizar, o trabalho propõe uma reflexão sobre as possibilidades de realização profissional e de desenvolvimento de uma psicologia no serviço público, cada vez mais comprometida com o social.

Palavras-chave: Memória da Psicologia, História da Psicologia Brasileira, Serviço Público, Saúde Pública.

ABSTRACT

This work intended to contribute to Brazilian Psychology historiography, from the memory of psychology professionals that had initiated, in the decade of 1970, psychology activities in the municipal public services of Campinas – SP. One searched to establish connections between Campinas and the country historical context and the beginning of psychology activities in the city. The research consisted of documentary sources survey, in the transcription and the interpretation of psychologists depositions whom in its majority are still entailed to the municipal public service. Verbal History procedures had been adopted and, in the interviews analysis they searched for stories historical perspective, from the image that each interviewed possess of its proper trajectory and the public service, to elaborate a version for the Psychology History in the municipal public service. The depositions analysis placed in evidence the trajectory of the interviewed ones, the psychology developed activities, the professional performance field that constitutes health public service and the relation between the psychologist formation and its social commitment. It was also evidenced that the ways covered history for these psychologists in these public contexts still were not registered, organized and available, except for the format of experiences and the memory of these professionals. Therefore, to make this knowledge available to the new generations can provide advances for psychology, while science and profession, and for Brazilian Psychology History. To sum up, this work considers a reflection on the possibilities of accomplishment professional and psychology development in the public service, each time more compromised with the social one.

Key words: Psychology Memory, Brazilian Psychology History, Public Service, Health Service.

RESUMÉ

Ce travail a voulu contribuer pour l'histoire de la psychologie au Brésil, à partir de la mémoire des professionnelles en psychologie qui ont commencé dans les années soixante-dix, activités de la psychologie dans les services publics municipaux de Campinas à São Paulo. On a voulu établir des connexions entre le contexte historique de Campinas et du pays, et le début des activités de la psychologie dans la ville. La recherche a consisté dans les ressources des documents, dans la transcription et l'interprétation des témoignages et des psychologues qui sont encore liés aux services Publics Municipaux. Des procédures ont été adoptées à l'histoire Orale, et dans les analyses des entrevues, on a cherché les perspectives historiques des faits, en partant de l'image que chaque interviewé, possède de sa propre trajectoire et du service public, pour élaborer une version pour l'histoire de la psychologie dans le service public Municipale. L'analyse des témoignages a mis en évidence la trajectoire des interviewés, les activités de la psychologie développées, dans le domaine professionnel qui constitue le service public de santé et le rapport entre la formation du psychologue avec la responsabilité sociale. On a constaté que l'histoire des chemins parcourus par ces psychologues, dans ces contextes publics, n'est pas encore enregistrée, organisée, ni disponible, au moins dans les expériences et dans la mémoire de ces professionnelles. Pourtant, disponibiliser cette connaissance aux nouvelles générations peuvent proposer des avancées pour la psychologie, la science, la profession, et l'histoire de la psychologie Brésilienne. Pour terminer, le travail propose une réflexion sur les possibilités de réalisation et des développements d'une psychologue dans le service public, de plus en plus accordé avec le sociale.

Mots clés: Mémoire de la psychologie, l'histoire de la psychologie Brésilienne, Service public, Santé Publique.

LISTA DE SIGLAS

ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia
CAPS – Centro de Atenção Psicossocial
CEVI – Centro de Vivência Infantil
CFP – Conselho Federal de Psicologia
CLT – Consolidação das Leis do Trabalho
CONASEMS - Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde
CONASS – Conselho Nacional de Secretários de Saúde
CRPSP – Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – 6ª Região
CS - Centro de Saúde
FEAC – Federação das Entidades Assistenciais de Campinas
GT – Grupo de Trabalho
GDRH – Gerência de Desenvolvimento de Recursos Humanos
IPPGC – Instituto de Psicodrama e Psicoterapia de Grupo de Campinas
MIS Campinas – Museu da Imagem e do Som de Campinas
PMC – Prefeitura Municipal de Campinas
PT - Partido dos Trabalhadores
PUCC - Pontifícia Universidade Católica de Campinas
PUC Campinas – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
RH – Recursos Humanos
SADA – Serviço de Atenção às Dificuldades de Aprendizagem
SANASA – Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SME – Secretaria Municipal de Educação
SMS – Secretaria Municipal de Saúde de Campinas
SNI – Serviço Nacional de Informações
SUS – Serviço Único de Saúde
UCC – Universidade Católica de Campinas
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - A escolha do tema	13
INTRODUÇÃO	18
CAPÍTULO 1	
O PROJETO "HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM CAMPINAS: PIONEIROS NO SERVIÇO PÚBLICO"	21
1.1. A ORIGEM DO PROJETO.....	21
1.2. O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO (MIS/CRPSP)	22
1.3. PERSEGUINDO O OBJETIVO DA TESE NA BUSCA DE MÉTODOS E PROCEDIMENTOS	25
1.3.1. Primeira Organização e Tratamento dos Depoimentos para a Tese	25
1.3.2. Plano de Análise	32
CAPÍTULO 2	
IMAGEM, MEMÓRIA, HISTÓRIA	36
CAPÍTULO 3	
HISTÓRIA E MEMÓRIAS DA PSICOLOGIA EM CAMPINAS	44
3.1. OS SÉCULOS XVIII E XIX (1774-1900)	44
3.2. O SÉCULO XX	46
3.2.1. As primeiras décadas (1901-1930)	46
3.2.2. As décadas de 1940-1950	51
3.2.3. As décadas de 1960-1970	53

CAPÍTULO 4	
A PSICOLOGIA NO SERVIÇO PÚBLICO EM CAMPINAS	64
4.1. O SERVIÇO PÚBLICO.....	64
4.2. A PSICOLOGIA NO SERVIÇO PÚBLICO: UM CAMPO DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	65
CAPÍTULO 5	
TRAJETÓRIA DAS ENTREVISTADAS: UMA VISÃO PANORÂMICA	69
5.1. AS ENTREVISTADAS.....	69
5.1.1. A escolha da profissão.....	69
5.1.2. Lembranças da graduação.....	70
5.1.3. A relação entre a formação e o exercício profissional	72
5.1.4. Experiência profissional antes do serviço público	74
5.1.5. O Ingresso no serviço público	76
5.2. A TRAJETÓRIA DAS ENTREVISTAS NO SERVIÇO PÚBLICO MUNICIPAL....	79
5.2.1. As atividades iniciais	80
5.2.2. As atividades iniciais na Secretaria Municipal de Saúde	85
5.2.3. As condições de trabalho e as alterações na década de 1980.....	91
CAPÍTULO 6	
O SERVIÇO PÚBLICO DE SAÚDE COMO UM LUGAR DE REALIZAÇÃO?	99
6.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS	104
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	107
ANEXOS.....	110
Anexo A Roteiro Geral das Entrevistas.....	111
Anexo B Autorização do uso da Imagem e som da voz (MIS/CRPSP).....	112
Anexo C Nova Autorização do uso da Imagem e som da voz.....	113
Anexo D Relação das entrevistadas.....	114
Anexo E Projeto de Saúde Mental em Campinas Vira Referência (Folha de S.P).....	116
Anexo F Cronologia da Psicologia no Serviço Público em Campinas.....	117

APRESENTAÇÃO

A escolha do tema

O meu percurso como estudante de longa data e como profissional de psicologia me conduziu à presente pesquisa. Este trabalho é também um retorno às minhas raízes e, ao mesmo tempo uma oportunidade de olhar alguns aspectos da História da Psicologia no serviço público em Campinas. Por isso, incluí um breve histórico pessoal sobre o meu envolvimento com a profissão, com o serviço público e de como cheguei a este tema.

Nasci em Guaranésia-MG, em 11/09/1961. Em 1980, fui morar em Campinas para estudar Psicologia na PUC Campinas, onde concluí o curso em 1985. Os anos de Faculdade foram vividos de forma muito intensa: participei do Movimento Estudantil e de todos os encontros nacionais dos estudantes de Psicologia da época (Natal, Rio de Janeiro, Maceió, Goiânia e São Paulo), participei do Diretório Central dos Estudantes e fui representante discente nos colegiados do Curso de Psicologia e da PUC Campinas. Nessa época fui sensibilizada com a importância da organização da categoria e a rever a formação do psicólogo; participei de eventos no Conselho de Psicologia e semanas de estudos na Faculdade, onde se discutiam esses assuntos. No terceiro ano de faculdade comecei a estagiar em uma empresa (Cia. Ultragaz do Grupo Ultra) na área de Psicologia Organizacional e fui efetivada como selecionadora em 1986, para atuar em seleção e treinamento. Embora essa empresa tenha sido uma grande escola - fiz diversos cursos de aperfeiçoamento com especialistas da área; avaliação psicológica; aprendi aplicar e avaliar testes psicológicos e outros instrumentos de seleção e treinamento -, essas atividades de psicologia se constituíam em uma imensa contradição ideológica, justificada apenas pela necessidade de sobrevivência. Em 1987 concluí uma especialização em Administração de Recursos Humanos. Paralelamente iniciei atividades no consultório de Psicologia que mantive em Campinas até 2001.

No fim de 1987 ingressei, via processo seletivo, na Prefeitura Municipal de Campinas como Analista de Recursos Humanos. Na época, devido à experiência que havia adquirido, fui contratada para estudar perfis profissiográficos, construir

baterias de testes e planejar os processos seletivos para a enorme diversidade de cargos da Prefeitura. Seis meses depois, assumi a Coordenação do Serviço de Seleção, no qual trabalhavam cinco psicólogas (Analistas de R.H.) e uma Auxiliar Administrativa. Estávamos começando a estruturar a área de seleção e a estabelecer procedimentos, porém outros já haviam iniciado este trabalho antes, sem deixar muitas pistas, a não ser algumas mesas de PMK, que eram utilizadas como apoio para o café nas salas de Recursos Humanos (ninguém sabia de quem eram e nem para que serviam...). Sempre tive curiosidade de conhecer a história dos profissionais de psicologia que estiveram naquele setor antes de nós, havia muitas questões sem resposta. Quanto ao trabalho, sentia uma deficiência enorme de instrumentos de seleção disponíveis no mercado, pois não se aplicavam à nossa realidade. Para superar as dificuldades encontradas no cotidiano de trabalho na Prefeitura de Campinas, ingressei no Mestrado em Múltiplos Meios no Instituto de Artes da Unicamp em 1988, para estudar a viabilidade do desenvolvimento de novos instrumentos de avaliação com o uso dos meios de comunicação disponíveis na época.

Com a Constituição de 1988, muitas mudanças foram aprovadas, e começamos a estudar na Prefeitura a implantação do Concurso Público. Em 1989, com a eleição da primeira gestão petista da Prefeitura de Campinas, as mudanças começaram a ser colocadas em curso, porém com um desrespeito enorme pelos profissionais que ali estavam e por tudo que havíamos construído. Cheguei a ficar afastada durante o ano de 1991, para escrever a dissertação do Mestrado - o referido trabalho se intitulou "Os Múltiplos Meios e os Instrumentos de Avaliação de Pessoas" e recebeu a orientação da Prof^a Dra. Nelly de Camargo -, o qual só foi possível ser concluído em fevereiro de 1993. Durante o período de afastamento, pude dar mais atenção ao consultório, prestei concurso na Prefeitura para o meu próprio cargo e, ao retornar, parecia que este Mestrado havia fechado uma fase da minha vida profissional na Prefeitura. Existia uma vaga em Treinamento e resolvi atuar nesta área, pois com a implantação do Concurso Público, a área de Seleção se tornara um local bastante burocrático; passaram a realizar concursos no sistema tradicional com provas de conhecimento, e muitas vezes eram contratadas empresas especializadas para o trabalho. Por diversos momentos me senti muito desrespeitada como profissional de psicologia atuando em Recursos Humanos, por

vários motivos: com as mudanças de governo os projetos não tinham continuidade; os profissionais de Recursos Humanos, inclusive os de psicologia, não eram coesos; na área de Treinamento houve momentos difíceis e de confrontos com a ideologia neoliberal que a administração da época procurou implantar. Lembro-me que uma das pérolas deste momento foi uma palestra seguida do lançamento do livro “Reinventando o Governo”¹. Este e outros aspectos me causavam profunda frustração com o meu trabalho e com o sentido da minha vida, culminando com meu afastamento do cargo de Coordenadora da área de Treinamento. Continuei como Analista de RH e comecei a dar aulas de psicologia para um curso Técnico em Administração Pública. Esse curso profissionalizante era coordenado pelo Serviço de Treinamento e destinado apenas aos funcionários da Prefeitura. Encontrei finalmente, na Prefeitura, uma atividade que me dava prazer.

Em 1995, fui convidada para participar da Subsede do CRP de Campinas², o que deu um novo sentido a minha vida, pois foi possível retomar as lutas da época da graduação, agora com um sentido mais profundo e definido.

Em 1997, solicitei minha transferência para o Museu da Imagem e do Som de Campinas – MIS Campinas³; atuava na função de pesquisadora em equipe multidisciplinar – iniciei estudos nas áreas de História Oral, História de Campinas e Pedagogia da Imagem. A equipe era composta de historiadores, sociólogos, jornalistas e psicólogos; apesar das dificuldades de infra-estrutura, conseguimos colocar em prática alguns dos projetos que estudávamos e elaborávamos. Nesta experiência foi possível vivenciar o que é trabalhar em uma equipe de profissionais de áreas afins num ambiente institucional; sentia que era respeitada e valorizada como psicóloga; aprendi muito, no contato com os idosos e suas memórias, sobre a história da cidade. Como resultado do trabalho de pesquisa em grupo produziram-se exposições, livros⁴ e vídeos documentários⁵ com o uso da História Oral, além da

¹ OSBONE, David e GAEBER, Ted, “*Reinventando o Governo*”. Trad. de Sérgio Bath e Ewandro Magalhães Júnior. Brasília, MH Comunicações, 1994.

² O CRPSP – Conselho Regional de Psicologia de São Paulo mantém oito Subsedes no interior do Estado, a Subsede de Campinas abrange 85 cidades e conta com aproximadamente 6000 Psicólogos inscritos.

³ O MIS Campinas foi fundado em 1975 e é um órgão da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Campinas.

⁴ Participei como co-autora do texto “Relatos e Reflexões sobre alguns aspectos da pesquisa” pp.21-27. In: Fardin, Sônia Aparecida, (org.) “*Fragmentos de uma demolição: História Oral do Teatro Municipal Carlos Gomes*”, Campinas: Ed. Átomo, 2000. Trata-se do relato dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa resultados de dois anos de trabalho.

participação em Congressos⁶. Neste período tive muito prazer em aprender e transmitir todos esses conhecimentos adquiridos.

Essa experiência positiva no MIS Campinas, o contato com outros profissionais de psicologia na Prefeitura e os trabalhos nas comissões no CRPSP contribuíram para pensar formas de participação junto à categoria e à sociedade. Na Comissão de Recursos Humanos do CRPSP foi marcante a discussão sobre a inclusão de grupos historicamente excluídos do mercado de trabalho, resultando na realização de uma série de palestras⁷ e em duas publicações: o livro sobre Ações Afirmativas⁸ e outro a propósito da Inclusão no Trabalho⁹. Estas atividades me fizeram entender que a luta pelas transformações sociais é imensa e que nós, psicólogos, podemos dar uma contribuição mais efetiva; isto passa por entender nossa história ao nos engajar nas lutas. Tais reflexões me motivaram a unir os conhecimentos adquiridos no Mestrado, a experiência na Prefeitura e a vivência no CRPSP; meu objetivo passou a ser elaborar um projeto que envolvesse a História e a Psicologia e minha prática cotidiana de pesquisa. Só foi possível visualizar uma possibilidade concreta no fim do ano de 1999, quando a comissão de memória do CRPSP lançou os primeiros vídeos produzidos pela comissão de memória do CFP.

⁵ Participei como co-autora da Pesquisa, Produção e Roteiro Vídeo: “*Fragmentos da Memória: Teatro Municipal Carlos Gomes*” Museu da Imagem e do Som de Campinas - MIS, 2000. Este vídeo é um dos produtos finais da pesquisa realizada sobre o Teatro Municipal Carlos Gomes, faz uma síntese do que restou na memória de alguns entrevistados sobre esse Teatro, contando a sua história.

⁶ Participei como Co-autora do artigo: “*História Oral e os Desafios da Linguagem Audiovisual*”, publicado nos Anais do Xth Internacional Oral History Conference, Rio de Janeiro. 1998. Vol. 1 pp. 486-495. Trata-se de uma reflexão sobre as experiências de pesquisa com a metodologia da História Oral junto à Equipe multidisciplinar do Museu da Imagem e do Som. A pesquisa teve por objetivo elaborar um quadro contendo referências sobre personagens, instituições e eventos citados em obras sobre a história da psicologia no Brasil.

⁷ O trabalho nesta comissão resultou na realização de uma série de palestras, sendo 5 delas gravadas, gerando a série “*Psicologia no mundo do trabalho*”

⁸ Escrevi o capítulo “*Inclusão no Trabalho Via Economia Solidária*” pp.155-171 in BENTO, Maria Aparecida Silva (org). “*Ação Afirmativa e Diversidade no Trabalho: Desafios e Possibilidades*”, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000. Este capítulo buscou refletir sobre as experiências que utilizam os princípios da Economia Solidária, que se mostram como alternativas concretas, para auxiliar pessoas excluídas do mundo do trabalho a usarem sua criatividade, redefinindo seus projetos de vida para reincidirem na sociedade de forma digna. Aponta também para uma reflexão do atual papel dos psicólogos organizacionais e os caminhos para a mudança dentro deste novo contexto de possibilidades.

⁹ Participei como co-organizadora do livro BENTO, Maria Aparecida Silva, CASTELAR, Marilda (orgs). “*Inclusão no Trabalho: Desafios e Perspectivas*”. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001 e co-autora do capítulo “*Considerações finais – perspectivas da luta pela inclusão no trabalho*” pp.217-223. Trata-se de uma coletânea de textos, resultados de um seminário internacional, que busca refletir sobre experiências relacionadas aos projetos de diversidade no trabalho. Um conjunto de situações que colocam em evidência as contradições de nossa sociedade, trata dos processos de discriminações de grupos historicamente excluídos (as mulheres, os negros, os deficientes etc). Aponta também para urgência de mudanças da prática dos psicólogos organizacionais para atuarem no mundo do trabalho.

Surgiu, então, a idéia de produzir um vídeo sobre a História da Psicologia em Campinas. Este projeto, que foi escrito e aprovado no início de 2000, deu seus primeiros passos no mesmo ano, mas foi efetivamente desenvolvido em 2001, também em equipe multidisciplinar, a qual coordenei, participando ativamente da pesquisa de campo e intensamente da produção do vídeo do qual fui co-autora do roteiro; o vídeo foi lançado em agosto de 2002.

Em outubro de 2000, em contato com as colegas da Comissão de Memória do CRPSP, surgiu a oportunidade de participar do *I Encontro Interinstitucional de Pesquisadores em História da Psicologia*, organizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social da PUC-SP; com o apoio do GT de História da Psicologia da ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia. Este primeiro contato com os pesquisadores da História da Psicologia foi decisivo para motivar a elaboração de uma proposta de pesquisa e ingressar no Doutorado em Psicologia Social, no fim de 2000. Minha proposta era contribuir com o estudo da História da Psicologia no Brasil a partir da pesquisa que já havia iniciado. Durante o primeiro ano do Doutorado participava também da produção do vídeo documentário. Nesta oportunidade realizei a pesquisa de campo, isto é, alguns dos depoimentos registrados para o vídeo, depois de transcritos, foram utilizados como fonte primária, para a escrita desta versão da história da Psicologia nos Serviços Públicos em Campinas.

INTRODUÇÃO

A História da Psicologia é de fundamental importância para se repensar a prática cotidiana do psicólogo. As reflexões pontuadas na presente tese apontam para esta perspectiva, na pretensão de colaborar para os estudos sobre as contribuições da memória na construção da história da psicologia como profissão. Para tanto, pretende-se escrever uma História da Psicologia nos Serviços Públicos em Campinas, a partir da memória de profissionais que iniciaram essa prática em vários setores do município. A análise de depoimentos relaciona o contexto histórico

de Campinas - e do país - com o início das atividades de psicologia na cidade. Também consiste em uma meta desta tese colocar em evidência o trabalho do profissional de psicologia no atendimento à população, fortalecendo e intensificando a relação entre a formação do psicólogo e o seu compromisso social.

Parte-se da percepção de que cada entrevistado possui um conhecimento herdado de grupos e de personagens que importaram e formularam conceitos psicológicos mediante uma interação entre a teoria e a prática. Constata-se também que a história destes caminhos trilhados pelos psicólogos em vários contextos ainda não se encontra registrada, organizada e disponível, a não ser no formato de experiências e na memória dos que constroem essa profissão. Portanto, a produção de documentos que sistematizem e disponibilizem esse conhecimento às novas gerações pode proporcionar avanços significativos para a psicologia enquanto ciência e profissão e para a História da Psicologia.

Os relatos sobre o início das atividades de psicólogos em determinados serviços públicos em Campinas permitem ainda analisar o papel da memória como um elemento fundamental na compreensão e na construção de uma História da Psicologia. A reflexão realizada com base nestes depoimentos focaliza os fragmentos de memórias que retratam uma época e um contexto vividos pelos psicólogos entrevistados.

O trabalho consistiu no levantamento de fontes documentais, no registro, na transcrição e na interpretação de depoimentos de psicólogos que estiveram ou que ainda se encontram vinculados à Prefeitura Municipal de Campinas. Foram adotados os procedimentos da História Oral e, na análise do conteúdo das entrevistas, buscou-se a perspectiva histórica dos relatos, a fim de elaborar uma versão para a História da Psicologia no Serviço Público Municipal.

No primeiro capítulo discute-se a origem dos depoimentos contidos nesta tese, cujos registros foram realizados durante a execução do projeto *História da Psicologia em Campinas: pioneiros no serviço público*, projeto que teve como resultado um vídeo documentário realizado em parceria do Museu da Imagem e do

Som de Campinas com o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. O referido capítulo apresenta também os procedimentos da História Oral adotados para a localização dos entrevistados, o registro dos depoimentos e o tratamento destes, a escolha das entrevistadas para a presente pesquisa e a proposta da organização de uma história escrita da psicologia no serviço público em Campinas.

O segundo capítulo apresenta conceitos de imagem, memória e história, pressupostos teóricos que, relacionados a uma abordagem histórico-social, tiveram o objetivo de nortear a interpretação das fontes orais da presente pesquisa, visando à escrita de uma história local da psicologia.

O terceiro capítulo traça um breve panorama histórico de Campinas - que se inicia no fim do século XVIII - e discorre sobre algumas memórias do início da Psicologia na cidade, o primeiro curso de psicologia e a presença da psicologia nos serviços públicos. A intenção era proporcionar subsídios para uma contextualização histórica mais ampla das condições que propiciaram o ingresso dos profissionais de psicologia no serviço público municipal no fim da década de 1970.

O quarto capítulo parte do conceito de serviço público e destaca o serviço público como um campo de atuação profissional do psicólogo; discute também o contexto de inserção do psicólogo no serviço público do ponto de vista de alguns estudos. O intuito é poder dialogar com estes saberes na discussão dos resultados da presente pesquisa.

O quinto capítulo apresenta os resultados e a discussão, considerando-se a trajetória das entrevistadas; proporciona uma visão panorâmica sobre a escolha da profissão, as lembranças da graduação, a relação entre a formação e o exercício profissional na opinião destas profissionais. Aborda o acúmulo de experiência antes do ingresso no serviço público e o próprio processo de entrada das psicólogas. Analisa as trajetórias das entrevistadas no Serviço Público Municipal, suas atividades iniciais e as alterações ocorridas na década de 1980 e início da década de 1990, com destaque para as atividades na saúde pública e para o processo de municipalização da saúde.

Para finalizar, a discussão aponta para uma reflexão sobre as possibilidades de essa frente de atuação, que é o serviço público, ser um local para a realização profissional, “um sonho possível”.

CAPÍTULO 1

O PROJETO "HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM CAMPINAS: PIONEIROS NO SERVIÇO PÚBLICO"

1.1. A ORIGEM DO PROJETO

Esse projeto foi uma pesquisa realizada no MIS Campinas - Museu da Imagem e do Som de Campinas¹⁰, em parceria com o CRPSP, e resultou na produção de um documentário em vídeo sobre a Psicologia no serviço público. As primeiras idéias desse trabalho surgiram em 1999 no CRP na Subsele de Campinas, por ocasião do lançamento dos vídeos produzidos pelo Conselho Federal de Psicologia, sobre a Memória da Psicologia Brasileira¹¹. Este fato despertou o interesse da equipe de pesquisadores do MIS Campinas em registrar a Memória da Psicologia na cidade. Com o apoio decisivo do CRPSP, organizou-se, em 2000, esse projeto institucional entre as duas entidades sobre a *História da Psicologia em Campinas: pioneiros no serviço público*¹².

O trabalho consistiu no levantamento de fontes documentais e no registro de depoimentos de psicólogos, e para isso foram adotados os procedimentos da História Oral. Como produto final da parceria entre o MIS Campinas e o CRPSP, foi produzido um documentário em vídeo *A Psicologia no Serviço público em Campinas*

¹⁰ O MIS Campinas - Museu da Imagem e do Som de Campinas é um órgão da Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo, fundado em 1975. Seu acervo documental preserva a memória da cidade para pesquisadores diversos. O Museu possui um Programa de História Oral e utiliza o recurso audiovisual na coleta de dados e na difusão das pesquisas realizadas, tendo como produtos: vídeos, exposições fotográficas, livros etc.

¹¹ O Projeto Memória da Psicologia Brasileira do CFP - Conselho Federal de Psicologia visa dar apoio a pesquisadores para registrarem a história dos pioneiros da Psicologia Brasileira, os vídeos lançados naquela ocasião foram: “Eliezer Schneider – O afeto como método” e “Vida e Obra – Franco Lo Presti Seminário”.

¹² Vale ressaltar que durante o desenvolvimento efetivo desse projeto que se deu em 2001, a autora desta tese já se encontrava vinculada ao Programa de doutorado em Psicologia Social da PUC – SP, e era uma das pesquisadoras do MIS Campinas, responsável por esse projeto.

– *Reflexos da História*¹³, lançado em 2002, no dia do Psicólogo, pelo CRPSP e pelo MIS Campinas, em comemoração aos 40 anos da profissão.

1.2. O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO (MIS/CRPSP)

Para dar início ao projeto *História da Psicologia em Campinas: pioneiros no Serviço público*, constituiu-se uma equipe de pesquisa pelo MIS Campinas para coleta de dados, composta por: duas psicólogas e pesquisadoras do MIS Campinas, - Maria do Carmo Cassaniga e a autora desta tese, que se responsabilizaram por todas as etapas do projeto; uma historiadora - Daisy Serra Ribeiro; e por dois profissionais de comunicação - Paulo Guilarducci, que auxiliou na produção e Fernão Ciampa, também psicólogo, responsável pela direção do documentário.

A princípio, a equipe de pesquisa do MIS e a comissão gestora da Subsele de Campinas do CRPSP buscaram apoio da Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC Campinas, tendo em vista a importância histórica do seu Curso de Psicologia (criado em 1964)¹⁴. Durante o contato com a Coordenação do Curso de Psicologia, tomou-se conhecimento de que o Instituto de Psicologia já dispunha de uma pesquisa sobre a implantação do seu curso, realizada por uma professora, e de um vasto material de fonte primária. Posteriormente, em entrevista concedida por essa professora¹⁵, foi fornecida uma lista de possíveis entrevistados relacionados com a implantação desse Curso, e ela foi uma das primeiras informantes.

Quanto ao início das atividades de psicologia no serviço público em Campinas, foram entrevistadas duas psicólogas, ex-funcionárias públicas - uma contratada pelo Município¹⁶ e a outra pelo Estado¹⁷ -, sendo que ambas atuaram na

¹³ O Vídeo *A Psicologia no Serviço público em Campinas – Reflexos da História* foi lançado em 27/08/2002, no Centro de Convivência Cultural em Campinas, contou com a presença de 13 dos entrevistados que receberam uma cópia do vídeo, compareceram também cerca de 200 profissionais de psicologia.

¹⁴ Em 1964, época da criação do curso de Psicologia, a sigla era UCC - Universidade Católica de Campinas, elevada a Pontifícia apenas em 1972.

¹⁵ M.F.M.B. - Maria Fernanda Mazziotti Barreto - cursou Psicologia e tornou-se professora do Instituto de Psicologia da PUC Campinas, realizou a pesquisa sobre a História dos primeiros anos de implantação deste Curso. Disponível em: <http://www.puc-campinas.br/~ipf/historico.htm> consulta em 03/04/2004.

¹⁶ M.I.N.M. – Maria Isabel Nascimento Marques - funcionária pública aposentada, ingressou em 1977 na Prefeitura de Campinas, trabalhou na Secretaria do Bem Estar Social, no Conselho Carcerário de Campinas e na Secretaria de Saúde, foi Coordenadora do Centro de Saúde Santa Mônica. Atua como Psicóloga Clínica; foi Coordenadora da Comissão Gestora da Subsele de Campinas e atualmente é conselheira do CRPSP.

área da Saúde Pública na cidade. Assim como a primeira entrevista da Universidade, estas duas entrevistas preliminares foram de extrema relevância do ponto de vista do panorama histórico fornecido e pelas informações de outros possíveis entrevistados, incluindo sua localização no serviço público. Estas três entrevistas iniciais subsidiaram também a elaboração de um roteiro geral de entrevista (Anexo A), das outras entrevistas que foram realizadas em 2001. Neste roteiro, partiu-se sempre da história da vida profissional de cada entrevistado e priorizou-se a história do primeiro Curso de Psicologia e a inserção dos psicólogos nos serviços públicos. Também foram discutidos os roteiros específicos antes de cada entrevista, cujas questões foram mais flexíveis - a variação era de acordo com a frente de atuação do profissional - e dependeram da coleta prévia de informações básicas sobre o entrevistado.

Os critérios de escolha dos entrevistados se basearam nas indicações cruzadas dos primeiros depoimentos. Os contatos se estabeleceram à medida que os nomes eram confirmados pelos entrevistados anteriores e pela equipe de pesquisadores como sendo de relevância para a História da Psicologia na cidade; ou seja, a partir das informações sobre as atividades que exerceu, ou ainda exercia, no campo da psicologia e os mais antigos vínculos com o primeiro Curso de Psicologia ou com o serviço público em Campinas. Em alguns casos, determinadas pessoas foram incluídas, quando era obtida alguma informação especial. Por exemplo, identificando-se uma das mais antigas contratadas em algum serviço público ou alguém que havia atuado em determinado campo da psicologia que ampliava o conhecimento das frentes de atuação dos psicólogos locais. Ainda neste primeiro momento da pesquisa foi realizado um levantamento de outras fontes documentais, além dos depoimentos, com o objetivo de mapear informações recebidas, identificar instituições e acervos que disponibilizassem material sobre o tema pesquisado, para contextualização histórica. Foram localizados teses, dissertações, fotos e outros profissionais, além dos psicólogos, que estiveram vinculados ao início da psicologia na cidade.

¹⁷ F.C.B.C.- Florianita Coelho Braga Campos - era funcionária pública do Estado. Chegou a Campinas em 1982, para trabalhar no Ambulatório de Saúde Mental do Estado. Demitiu-se do Estado em 1987. É professora da PUC Campinas e supervisionava grupos de alunos em um Centro de Saúde, mantido pela Universidade em convênio com a Prefeitura. Assessorou a Secretaria Municipal de Saúde de 2001 a 2004.

Na primeira etapa foram registrados vinte e um depoimentos em áudio. Com os dados da primeira etapa foram elaboradas uma pauta geral de gravação em vídeo e pautas específicas para cada entrevistado, com o objetivo imediato de se pedir que o mesmo aprofundasse alguns aspectos já abordados na primeira entrevista gravada apenas em áudio. Nesta segunda etapa foram gravadas vinte e duas entrevistas em vídeo, com duração variando entre oito a cinquenta minutos, sendo que uma entrevistada da primeira fase não foi incluída nesta segunda etapa, pois sua entrevista girou basicamente em torno da fundação do Instituto de Psicodrama, o que abriria outra frente de pesquisa e se tornaria inviável naquele momento. Por outro lado, houve a inclusão de duas novas entrevistas: com uma professora que atua no sistema penitenciário - uma importante área de atuação pública do psicólogo - e com uma profissional formada no fim da década de 1990, cuja participação foi fundamental para o entendimento das transformações ocorridas no Serviço de Saúde Cândido Ferreira¹⁸. Por fim, durante a edição do vídeo, também foi incluída a entrevista de Hélio José Guilhardi, ex-aluno da primeira turma e ex-professor da PUCC, que cedeu gentilmente sua entrevista na íntegra gravada no ano anterior em vídeo para o Projeto Diálogos do CRPSP.

Houve, pois, a colaboração de vinte e quatro entrevistados. Foram realizadas duas sessões de entrevista com a maioria dos psicólogos, sendo na primeira fase coletadas vinte e uma entrevistas, gravadas em áudio com duração variando entre vinte e cinco minutos e duas horas, com psicólogos de vários segmentos: universidade, consultório, consultoria e serviços públicos (municipal estadual e federal).

Todas as entrevistas gravadas em áudio foram transcritas e utilizadas na realização da pauta das entrevistas para gravação em vídeo. Após a produção do referido documentário em vídeo, as fitas de áudio e vídeo contendo o material bruto gravado passaram a constituir um acervo de fonte de pesquisa sob a guarda do MIS

¹⁸ O antigo Hospital Psiquiátrico Cândido Ferreira se transformou no Serviço de Saúde Cândido Ferreira e hoje é um equipamento de referência que se destaca pelo pioneirismo da implantação da reforma psiquiátrica na cidade, onde funcionam vários serviços de Saúde Mental: Hospital Dia e um CAPs com oficinas terapêuticas e profissionalizantes. Mais informações no site: <http://www.candido.org.br>

Campinas, juntamente com as autorizações dos entrevistados para o uso da imagem e som da voz e transcrições (Anexo B).

1.3. PERSEGUINDO O OBJETIVO DA TESE NA BUSCA DE MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Com a realização deste documentário em vídeo, o objetivo do projeto institucional se cumpriu. Porém como pesquisadores, sabemos que este trabalho gerou um vasto e rico material que se constitui em fonte primária para a História da Psicologia. E com um tratamento de análise e interpretação destes relatos, a presente tese sempre pretendeu contribuir para produção do conhecimento histórico da psicologia e ir além desta síntese inicial proporcionada pela linguagem audiovisual.

A realização dos contatos e das entrevistas, embora apresentasse outra finalidade (para o vídeo) conforme descrito anteriormente, ocorreu concomitantemente ao primeiro ano do Doutorado. Vale lembrar que a autora desta tese concebeu, coordenou e participou efetivamente de todas as fases do projeto institucional. E para o ingresso no programa de Doutorado foi apresentada uma proposta, com o consentimento da equipe de pesquisa do MIS, que envolvia, além da realização documentada dos depoimentos, o uso posterior desse material para o estudo da *História e Memória da Psicologia em Campinas* (título inicial do projeto de Doutorado).

1.3.1. Primeira organização e tratamento dos depoimentos para a tese

Após a edição do documentário, no início de 2002, e novamente mediante autorização da equipe do projeto e pelo próprio MIS Campinas, foi providenciada cópia das entrevistas realizadas em áudio e de algumas transcrições. O objetivo desta primeira fase para a tese foi conferir, organizar e analisar o material, realizando outras possíveis leituras do mesmo, com o intuito de escrever uma história da psicologia no serviço público a partir da memória dos entrevistados.

As entrevistas gravadas em vídeo foram posteriormente transferidas para

áudio¹⁹ e transcritas exclusivamente para realização desta tese, configurando a primeira fase da presente pesquisa. Na seqüência, todo o material transcrito foi conferido em conjunto e organizado de acordo com os procedimentos contidos nos manuais de história oral de Alberti (1989) e de Meihy (1998). Desse trabalho, que consumiu por volta de 300 horas de conferência das 44 sessões de entrevistas gravadas, resultam 26 horas e 14 minutos de gravação em áudio²⁰ e 536 páginas de depoimentos²¹, material que deverá ser arquivado no MIS Campinas, posteriormente à defesa desta tese.

Para melhor preservação dos depoimentos e para facilitar o acesso aos registros, durante a realização da presente tese, o áudio de todas as entrevistas, que estavam em fitas cassetes, juntamente com as transcrições, foram transferidos para CD-ROM; e os relatos gravados em vídeo foram agora colocados em DVD.

O quadro 1, à folha seguinte, mostra o conjunto das entrevistas, organizadas conforme data de realização da primeira etapa, separados os quatro últimos depoentes em negrito – entrevistados apenas numa das etapas do projeto do documentário, só participam de uma sessão de entrevista –; estão ainda indicados a duração da entrevista e o número de páginas de depoimentos transcritos de acordo com o suporte usado para documentá-las (áudio na primeira etapa e vídeo na segunda etapa).

¹⁹ Para facilitar a transcrição e a conferência, as entrevistas gravadas em vídeo também foram copiadas em fitas-cassete.

²⁰ São três CDs contendo o áudio de todas as 44 sessões de entrevistas e 3 DVDs contendo as entrevistas gravadas na íntegra em vídeo.

²¹ Para esse cálculo as páginas foram formatadas em Fonte 12, corpo Times New Roman, espaço simples, margens 3 cm superior, 2 cm inferior, 3 cm direita e 2 cm à esquerda, (configuração conforme normas da ABNT). Entretanto, para efeito de impressão, a ser arquivadas, as transcrições foram formatadas em Fonte 10, corpo Arial, espaço simples, totalizando 420 páginas.

QUADRO 1

Entrevistas do projeto "História da Psicologia em Campinas: pioneiros no serviço público".

No	Entrevistados Iniciais	1ª Entrevista (Data)	Duração (Áudio)	Número de páginas transcritas (Áudio)	2ª Entrevista (Data)	Duração (Vídeo)	Número de páginas transcritas (Vídeo)
1	MINM	07/05/00	61 min	16	28/06/01	35 min*	8
2	FCBC	16/08/00	60 min	22	23/08/01	32 min**	8
3	MFMB	04/09/00	58 min	25	27/06/01	69 min	8
4	ELG	17/04/01	32 min	18	27/06/01	23 min	6
5	LOSO	18/04/01	32 min	8	27/06/01	33 min	11
6	RPTL	27/04/01	65 min	27	28/06/01	36 min	8
7	AAN	05/03/01	61 min	20	28/06/01	38 min	9
8	GGJ	05/03/01	31 min	14	27/06/01	23 min	7
9	SMS	07/05/01	26 min	9	28/06/01	26 min**	8
10	MGCO	14/05/01	32 min	14	31/08/01	20 min	10
11	PTSVC	23/05/01	35min**	10	28/06/01	18 min**	5
12	GEBVP	31/05/01	63 min	22	27/06/01	37 min	9
13	EMGLF	07/06/01	37 min	13	28/06/01	16 min	4
14	ISZ	07/06/01	13 min	10	23/08/01	29 min**	4
15	CCPTS	08/06/01	32 min	11	23/06/01	12 min	4
16	RBR	21/06/01	60 min	15	28/06/01	*	
17	RFV	21/06/01	63 min**	20	27/06/01	40 min	12
18	AFB	22/06/01	79 min	21	28/06/01	26 min	8
19	IITPM	25/06/01	32 min	12	31/08/01	13 min**	5
20	JASN	20/08/01	57 min	14	23/08/01	18 min	12
21	HJG				2000	19 min**	5
22	MER	08/06/01	42 min	10			
23	MFFS				27/06/01	8 min	3
24	GSS				31/08/01	26min**	7
597							
Totais parciais 971 min						331 páginas	
						+	
						597 min	
						205 páginas =	
TOTAL: 26h 14 min e 536 páginas							
* Entrevista realizada em dupla							
** Entrevista realizada com o auxílio de outro entrevistador							

Paralelamente à revisão das transcrições dos depoimentos, realizada já sob orientação do Núcleo de Estudos em História da Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da PUC-SP e comprometida com o projeto da tese apresentado para admissão ao Doutorado nesse Programa, implementou-se um plano de preparação dos depoimentos para a pesquisa.

Iniciou-se a conferência de todo o material pelas transcrições das entrevistas gravadas em áudio; um trabalho indispensável, pois o material necessário para a edição final do documentário fora conferido apenas para utilização imediata na elaboração do roteiro, o que exigira correção ou confirmação do falado, apenas das poucas falas selecionadas para roteiro final do vídeo.

A princípio, a intenção era utilizar apenas as entrevistas gravadas em áudio, mas, à medida que as conferências foram sendo realizadas, percebeu-se que o conjunto das 44 entrevistas obtidas, independente do suporte utilizado para o seu registro (áudio ou vídeo), seria de grande valia para a presente tese, por envolver um segundo contato com o entrevistado o qual refletiu sobre o assunto e buscou sistematizar suas idéias de forma mais clara e concisa.

Neste momento, os estudos sobre análise de conteúdo e a participação nas discussões sobre história e memória foram fundamentais para subsidiar a tomada de decisões que reafirmaram a intenção de conhecer as contribuições das memórias dos entrevistados para uma História da Psicologia no Serviço público em Campinas.

A intenção inicial era incluir todos os depoimentos, o que levou à reorganização do material coletado, conforme o envolvimento dos entrevistados com a história da psicologia na cidade e o vínculo com o serviço público, separados agora, no seguinte formato:

a) Documentos primários – depoimentos de psicólogos ligados ao serviço público na cidade (municipal, estadual ou federal), conforme Quadro 2.

QUADRO 2

Grupo de entrevistados vinculados a diversos serviços públicos em Campinas

	Iniciais	Data entrada	Instituição	Áreas de atuação no serviço público*
1	MINM	1977	Municipal	Promoção Social/ Saúde Mental /Centro de Saúde
2	FCBC	1980 2001	Estadual Municipal	Saúde Mental (Ambulatório Centro de Saúde, Secretaria de Saúde).
4	ELG	1989	Convênio com Município	Clínica Escola/Ensino Universitário de Psicologia
6	RPTL	1977	Municipal	Promoção Social/ Saúde Mental (Centro de Saúde, Secretaria de Saúde)
9	SMS	1960	Federal	Orientação Vocacional/Seleção/Ensino Universitário de Psicologia
10	MGCO	1979 1989	Estadual Municipal	Saúde Mental (Ambulatório do Estado e Centro de Saúde da PMC)
11	PTSVC	1982	Federal	Posto de Saúde (INAMPS)
13	EMGLF	1984	Municipal	Saúde Mental (Ambulatório, Centro de Referência - CEVI)
14	ISZ	1978	Municipal	RH/ Saúde Mental (Ambulatório, Centro de Referência - CEVI)
15	CCPTS	1978	Municipal	Saúde Mental (Ambulatório, Centro de Referência - CEVI)
16	RBR	1977	Municipal	Saúde Mental (Ambulatório, Centro de Saúde)
17	RFV	1983	Municipal	Saúde Mental (Ambulatório, Centro de Saúde)
18	AFB	1952	Estadual	Orientação Vocacional / Educação / Aposentado
19	IITPM	1977	Municipal	Recursos Humanos/Assistência (SOS Ação Mulher)
20	JASN	1977	Convênio com Município	Saúde Mental (Hosp. Psiq., Centro de Referência - Cândia)
22	GSS	1998	Convênio com Município	Saúde Mental (Centro de Referência – Cândia)
23	MFFS	1988	Estadual	Ensino Universitário de Psicologia/Judiciário/Sistema Penal/Carcerário

* Áreas de atuação citadas pelos entrevistados, aqui colocadas em ordem cronológica de realização da entrevista.

O quadro 2 mostra o tipo de vínculo estabelecido com o serviço público, independente de o profissional estar ou não trabalhando no órgão/instituição por ocasião da entrevista. Foi considerada qualquer experiência profissional que envolvesse o poder público; para tanto estão documentadas as datas de ingresso no serviço público. O quadro inclui ainda as áreas e os locais de atuação de cada profissional, o que denota uma grande incidência de profissionais na área de saúde. Vale lembrar que Campinas iniciou o processo de municipalização da saúde em 1989, envolvendo a incorporação de equipamentos e funcionários, bem como a implementação de políticas públicas.

b) Documentos secundários – depoimentos de psicólogos não ligados ao serviço público, relacionados no Quadro 3, mas cuja atuação profissional (como

professor ou como psicólogo) foi considerada pelos primeiros como importante em sua formação para a atuação no serviço público e para a História da Psicologia em Campinas.

QUADRO 3

Grupo de entrevistados sem vínculo com o serviço público

	Iniciais	Razões para incluir, a princípio, na pesquisa para a tese.
3	MFMB	Foi aluna da 6ª turma (1975) e Professora da PUC Campinas, pesquisou a história da Instituição.
5	LOSQ	Foi Professor e Diretor do Instituto de Psicologia na UCC de 1967 a 1969.
7	AAN	Aluno da 3ª Turma (1971) e Professor da PUC Campinas, atua na área organizacional desde a década de 1970.
8	GGJ	Professor Aposentado pela PUC Campinas, orientou o trabalho de Psicologia Organizacional implantado na Prefeitura.
12	GEBVP	Foi aluna da 1ª Turma (1969) e é Professora da PUC, onde atua na área escolar.
21	HJG	Foi aluno da 1ª Turma (1969), é Professor da PUC, atua em clínica particular.
24	MER	Foi aluna e professora da PUC Campinas, atua em clínica particular e como professora do Instituto de Psicodrama de Campinas, do qual é uma das fundadoras.

As variadas frentes de atuação profissional dos entrevistados com ou sem um vínculo direto com o serviço público compõem uma amostra significativa do universo pesquisado e das possibilidades de a profissão estar inserida no contexto público, mesmo que de forma indireta. Este é o caso de professores, supervisores e demais profissionais que contribuíram com suas memórias para compor uma história da psicologia na cidade.

A tabela que segue mostra, num conjunto, a distribuição dos entrevistados por área de atuação profissional e natureza da instituição, incluindo a situação funcional em 2002.

Tabela 1
Distribuição dos entrevistados por área de atuação

Áreas de atuação	T	Natureza da Instituição de Origem					Entrevistados Iniciais dos nomes
		Federal	Estadual	Municipal	Particular	Conveniados	
Aposentados Hoje (PMC, Est, Fed, PUCC)	6	2	1	1		2	MINM, AFB, PTSVC, GGJ, SMS, GEBVP
Orientação Vocacional	2	1	1				AFB, SMS
Assessoria Saúde Mental Secretaria Municipal de Saúde	2			2			RPTL, FCBC
Saúde Mental /Ambulatório (Estado e PMC)	10		1	8		1	MGCO*, EMGLF*, CCPTS*, ISZ*, RFV*, RBR*, JASN*, GSS*, RPTL, MINM
Promoção Social (SOS AM, FEAC, Sec. Assist.)	4		1	2		1	RPTL, MINM, IITPM, SMS
Recursos Humanos (Consultoria, Seleção, Treinamento)	4	1	1	1	1		ISZ, SMS, AAN, ITPM
Ensino de Graduação (PUC Campinas)	8					8	MFMB, ELG, GEBVP, SMS, FCBC, AAN, MFFS, GGJ
Clínica-Escola (PUC Campinas)	1					1	ELG
Ensino de Especialização (IPPGC)	2			1	1		MERE, RPTL
Clínica Particular (Consultório)	6				6		MINM, ELG, IITPM, GGJ, HJG, MGCO
Forense/Judiciário (Sistema Carcerário/Penitenciária)	1		1				MFFS
Totais =	46	4	6	15	8	13	

Na tabela acima, as instituições filantrópicas ou confessionais possuem convênios com órgãos públicos, a exemplo da PUC Campinas/SUS, FEAC/Prefeitura, e SOS Ação Mulher/Unicamp.

Consta na tabela um total de 46 vínculos empregatícios, pois, embora o número de entrevistados fosse apenas vinte e quatro, alguns mantiveram ou mantêm mais de um emprego ao longo de sua trajetória profissional. Dezesete entrevistados estiveram vinculados ao serviço público, dos quais treze ainda

mantinham vínculo empregatício no ano de 2001, período em que foram realizadas as entrevistas.

1.3.2. Plano de Análise

Após a fase de conferência e correção das transcrições, optou-se pela metodologia de análise de conteúdo conforme o manual da Bardin (1995). Buscou-se a princípio sistematizar as idéias iniciais, estabelecendo um esquema para o desenvolvimento da análise. A primeira decisão foi a escolha dos documentos a serem submetidos à análise; optou-se por incluir as quarenta e quatro sessões de entrevistas dos vinte e quatro entrevistados para o documentário. A hipótese formulada era a de que todos haviam contribuído de forma significativa com suas memórias para a construção de uma História da Psicologia na cidade, e o objetivo era organizar estas memórias e os indicadores para uma interpretação possibilitando a escrita de uma versão da história.

Com base nas leituras das transcrições das entrevistas, ficou evidente que para conhecer os aspectos que influenciaram o contexto no serviço público em Campinas - isto possibilitou a inserção da psicologia -, era preciso adotar como meta rever o relato dos profissionais sobre o início de suas atividades vinculadas à psicologia e ao atendimento à população. Entretanto, considerando os relatos dos profissionais que atuam ou atuaram no serviço público, algumas questões foram surgindo: que olhares são estes? que perspectivas imagéticas podem ser identificadas em seus relatos?

Após sucessivas leituras dos relatos, identificaram-se alguns agrupamentos de imagens contidas nestes depoimentos, para organizar a escrita de uma história da presença da psicologia e destes profissionais nos serviços públicos em Campinas, e com isto estabelecer um plano de análise para os relatos de experiência: a auto-imagem do entrevistado; a imagem da psicologia; a imagem do papel do psicólogo; a imagem do serviço público; a imagem do psicólogo no serviço público; a imagem da história da psicologia no serviço público em Campinas.

Como o objetivo principal da tese foi escrever uma história da psicologia no serviço público, com base nas contribuições da memória dos entrevistados, partiu-se de uma contextualização histórica relacionada às origens da cidade e de seu desenvolvimento econômico. Com relação aos depoimentos, foi preciso discernir as contribuições imprescindíveis para a constituição de uma versão da história da psicologia no serviço público, através da interpretação das informações fornecidas pelos colaboradores. Outro aspecto a ser considerado, e que justificou a necessidade de identificação dos agrupamentos imagéticos acima citados, foi o fato de os entrevistados não terem respondido a perguntas diretamente relacionadas com estas categorias. Este procedimento teve a intenção de apenas reorganizar as falas para a construção dessa versão.

A realização do Exame de Qualificação proporcionou uma revisão desta proposta inicial. Devido ao grande volume de informações, houve muita dificuldade para organizar e analisar os dados contidos nos relatos. Os vários locais de trabalho e o grande número de entrevistados trouxeram uma gama de especificidades relacionadas a estas vivências; se por um lado abria-se o leque de possibilidades e fornecia um amplo panorama da psicologia na cidade, por outro lado dificultava a sistematização e o aprofundamento das análises no tempo de que se dispunha para completar a tese.

Assim, embora todos os depoimentos registrados incluam informações factuais e expressem sentimentos, demonstrando como cada personagem viveu aquele contexto histórico cujas cenas, informações e fatos ainda transitam em sua memória, e são revividos com emoção e sensibilidade; apesar disso, era preciso tomar novas decisões a respeito do material disponível. Optou-se então por acatar a sugestão feita durante o Exame de Qualificação de trabalhar apenas a partir dos depoimentos de oito entrevistadas que mantiveram ou mantinham vínculo com o serviço público municipal de saúde e fazê-lo, destacando as informações em três agrupamentos básicos:

Com relação à **auto-imagem das entrevistadas em relação a sua trajetória profissional**, foram considerados os relatos relacionados com sua origem, como entrou em contato com a psicologia, a escolha da profissão, suas lembranças da

graduação, seus planos iniciais, suas experiências antes do ingresso no serviço público e o processo de ingresso nesse serviço público.

Em **imagem da sua trajetória como psicóloga no serviço público**, foram considerados os relatos que as entrevistadas lembram como sendo suas funções iniciais, o ambiente de trabalho, como as atividades profissionais específicas se desenvolveram ao longo dos anos dentro do serviço público municipal, quais fatores facilitaram ou dificultaram sua realização profissional e como enfrentaram o cotidiano e as mudanças no âmbito institucional.

Quanto à **imagem da história da psicologia no serviço público em Campinas**, foram consideradas as afirmações que continham as lembranças relatadas como: datas, nomes de outros psicólogos que estiveram relacionados a fatos históricos da psicologia na cidade e que direta ou indiretamente estão vinculados aos acontecimentos nas instituições públicas de Campinas.

Paralelamente à escolha das oito entrevistadas, devido ao tempo transcorrido, para restabelecer contato com as profissionais, providenciou-se uma carta explicando a decisão de utilizar seu depoimento e citá-la nominalmente na tese, solicitando para isso nova autorização por escrito, além de uma cópia das entrevistas transcritas e corrigidas para a linguagem escrita. As oito psicólogas foram visitadas em janeiro de 2005, receberam suas transcrições e forneceram prontamente outra autorização para o uso de seus depoimentos para a tese (Anexo C). Apenas duas psicólogas realizaram pequenas correções em seus depoimentos, mas não alteraram o seu conteúdo.

O Quadro 4 mostra o grupo de entrevistadas apresentadas de acordo com o ano de ingresso na Prefeitura de Campinas, cujos depoimentos constituem o foco principal desta tese:

QUADRO 4

Grupo de entrevistadas vinculadas à Secretaria Municipal de Saúde de Campinas

	Iniciais	Data entrada	Instituição	Local de Atuação no serviço público municipal*
1	MINM	1977	Municipal	Secretarias da Promoção Social e da Saúde (Centro de Saúde)
2	RPTL	1977	Municipal	Secretarias da Promoção Social, da Cultura e da Saúde (Centro de Saúde, Assessoria da Secretaria de Saúde)
3	ISZ	1977 1978	Municipal	Secretaria de Administração (RH – estagiária) Secretaria da Saúde (Ambulatório, Centro de Referência - CEVI)
4	RBR	1978	Municipal	Secretaria da Saúde (Ambulatório, Centro de Saúde)
5	CCPTS	1978	Municipal	Secretaria da Saúde (Ambulatório, Centro de Saúde e Centro de Referência - CEVI)
6	RFV	1983	Municipal	Secretaria da Saúde (Ambulatório, Centro de Saúde)
7	EMGLF	1977 1984	Municipal	Secretaria da Saúde (estágio voluntário em Centro de Saúde) Secretaria da Saúde (Ambulatório, Centro de Referência - CEVI)
8	MGCO	1979 1989	Estadual Municipal	Secretaria da Saúde do Estado (Ambulatório do Estado) Secretaria da Saúde do Município (Centro de Saúde da PMC)

* Locais e áreas de atuação citadas pelas entrevistadas, aqui colocadas em ordem cronológica de ingresso na PMC.

Esta mostra contempla as primeiras psicólogas contratadas na prefeitura e as entrevistadas têm vários aspectos em comum: estudaram na mesma Universidade, concluíram o curso de Psicologia na mesma década, contavam com mais de vinte anos de profissão e todas estiveram ou estavam vinculadas à Secretaria Municipal de Saúde de Campinas. Apenas M.I.N.M., havia se aposentado em 1998, após trabalhar sete anos na Saúde.

No capítulo seguinte serão discutidos os pressupostos teóricos sobre imagem, memória e história para a maior compreensão da interpretação das lembranças das entrevistas registradas nos depoimentos. As informações históricas e os resultados desta pesquisa passarão a ser expostos no transcorrer do presente texto.

CAPÍTULO 2

IMAGEM, MEMÓRIA, HISTÓRIA

O presente capítulo traz alguns pressupostos teóricos relacionados à opção por uma abordagem histórico-social para a interpretação de fontes orais de pesquisa. Essa opção se justifica por considerar a história uma construção coletiva e

apontar para a necessidade de se conhecer o contexto no qual as relações sociais se inserem e se desenvolvem. Conforme afirma Antunes (1998, p.365), *compreender um elemento ou uma dimensão da realidade em dado momento histórico não é menos que compreender o próprio movimento da história*. A intenção deste trabalho sobre a psicologia no serviço público na cidade de Campinas é, antes de tudo, respeitar a fala e a memória dos psicólogos que construíram esse percurso e sistematizar uma versão dessa história, considerando que *os elementos [da história] materializam-se no tempo e no espaço, no seio das relações engendradas na dinâmica social... [e que] o conhecimento é sempre parcial e incompleto e a leitura histórica deve ser continuamente refeita* (ANTUNES, 1998, p.372).

Muitos autores²² contribuíram para essa reflexão sobre os elementos a serem considerados na construção desta história, dentre os quais se encontram as próprias entrevistadas, com suas memórias contendo diversas imagens que compõem suas lembranças.

Na história da psicologia, é possível identificar que a preocupação desta área com a memória é muito antiga, mas ainda atual. Penna (1991), em seus escritos sobre a história das idéias psicológicas, deixa este aspecto evidente quando retoma o conceito em Platão, para quem

a memória consiste na conservação das informações recolhidas pelos sentidos. Já a reminiscência refere-se ao despertar de um saber que a alma recolheu antes de sua união com o corpo e em função da contemplação das idéias. Enquanto a memória evoca um tipo de experiência individual e imprecisa, a reminiscência converte-se na grande fonte do saber rigoroso. (PENNA, 1991, p. 61).

Bosi (2003, p.36) retoma Santo Agostinho e Bergson, para lembrar que o primeiro denominava a memória de *ventre da alma*, e o segundo afirmou que *a memória é a alma da própria alma*. Pode-se observar que estes autores atribuíram à *memória uma função decisiva na existência, já que ela permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no curso atual das representações*. Esta interferência ocorre devido às percepções atuais estarem

²² Como Hillman (1988), Penna (1991), Portelli (1997), Meihy (1998), Brandão (1998), Bosi (2003).

repletas de lembranças, portanto, a memória pode ser considerada *o lado subjetivo de nosso conhecimento* (BOSI, 2003, p. 37).

No processo de compreensão das diversas definições e contribuições da memória, Brandão (1998), em seu texto *A Memória no Outono*, acrescenta uma importante observação sobre as formulações de Bergson e Halbwachs:

Na diferença não pequena entre Henri Bergson e Maurice Halbwachs, o primeiro puxa a questão das lembranças para dentro. Para a relação entre eu-e-meu-corpo, mediatizada pela relação meu-corpo-e-meu-mundo, considerando a memória, de qualquer maneira, uma legítima atividade do espírito. Halbwachs puxa a memória para fora e a questão da lembrança se estabelece na relação eu-e-meu-mundo (social). Destarte, a atividade psicologicamente criadora da memória submete-se aos princípios da socialização de quem recorda e da sociabilidade do que se recorda. (BRANDÃO, 1998, p. 297).

Para Halbwachs (1990, p.81), *a memória coletiva é uma corrente de pensamento contínuo, que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.* Neste sentido, o acesso aos relatos de acontecimentos passados pode ser de grande importância para a compreensão do que está ainda presente nos olhares sobre a atualidade.

Ao recorrer ao dicionário, percebe-se que este conceito sofreu alterações ao longo do tempo; hoje existe um consenso de que a **memória** é *a faculdade de conservar ou readquirir idéias ou imagens.* E a palavra reminiscência aparece como um sinônimo de memória e lembrança, como a capacidade de reter na memória as lembranças, no sentido de vestígio, fatos ocorridos, narrados ou escritos por testemunhos pessoais.

Segundo Halbwachs (1990), não se pode confundir memória com história. Para ele, *a história é a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens.* (HALBWACHS, 1990, p.80). Essa reunião de fatos foi sistematizada nos livros, faz parte de uma versão oficial ensinada nas escolas, entretanto, para este autor a história não se constitui apenas em uma seqüência de

fatos com diferenças entre um período e outro. A história serve para organizar um panorama com pontos de referência para as lembranças individuais e coletivas. É necessário que exista uma lembrança anterior para que seja acessada a memória histórica. O autor aponta também que não é possível uma separação consistente entre memória individual e coletiva. Na busca por conhecer o passado, através do testemunho das pessoas que nele viveram, recorre-se à memória do narrador e, como mostrou Halbwachs (1990), a memória individual é determinada pela memória social. Vale ainda lembrar que reconstituir o passado com olhos e valores de hoje é construir um documento do presente. Por outro lado, a memória é também um elemento fundamental para a identidade individual e coletiva, sendo um fator importante para a sobrevivência de uma pessoa ou de um grupo.

História pode ainda incluir as narrativas de fatos imaginários, como as fábulas, os mitos, os contos. Estes relatos possuem seu valor histórico, pois trazem as informações a respeito do cotidiano e dos valores, as reflexões de ordem moral de uma época, as quais atravessam o tempo via a oralidade e a escrita, podendo influenciar na formação de novas gerações.

No caso desta tese, é igualmente importante lembrar que estudos sobre os princípios e os procedimentos da História Oral foram norteadores no próprio levantamento das fontes orais, pois privilegiam a memória na produção de documentos, transformando-a em fontes primárias de pesquisa histórica. Meihy (1998) relata esse processo na esfera da pesquisa historiográfica:

Como pressuposto, a história oral implica a percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas, mais que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a seqüência histórica e sentir-se parte do contexto em que vivem. (MEIHY, 1998 p.13).

Esta pesquisa prioriza, pois, a memória como fonte primária e a considera um elemento fundamental para a compreensão da história, ao valorizar os relatos de experiências na construção de uma versão escrita da história da inserção da psicologia e dos psicólogos nos serviços públicos da cidade de Campinas. Portanto,

são essenciais os depoimentos de profissionais que retratam uma época e os contextos vividos por estes entrevistados:

Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária... Fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. (PORTELLI, 1997 p. 31).

É preciso considerar ainda que a história que aqui se pretende é escrita por uma psicóloga, e este compromisso estará baseado na idéia de Hillman²³ (1995), para quem tudo o que o indivíduo experimenta psicologicamente se faz através de imagens, que são a síntese, a materialização dos próprios fenômenos ou realidades vivenciadas. Hillman irá se apoiar na afirmação de Jung que *psique é imagem, todo o processo psíquico é uma imagem e um imaginar; de outra forma, a consciência não poderia existir...* (JUNG V. 11, § 889. in: HILLMAN, 1988 p. 35). O que implica afirmar que *todo conhecimento direto e imediato que se faz em nós se dá através das imagens* (HILLMAN, apud QUINTAES, 2004). Neste sentido, as imagens do passado e do futuro se apresentam sempre no presente, para expressarem muitas vezes que um mundo diferente sempre será possível. Assim como é ilimitada a produção de imagens na mente e no mundo, conforme exemplo que convida à imaginação:

(...) uma certa noite em Conacri, (...) [Amílcar Cabral - líder do movimento de libertação na Guiné-Bissau] reunira os quadros do partido e fazia com eles uma discussão sobre o que se vinha obtendo na luta de libertação. E quando terminou esta parte, ele olhou os camaradas e disse: "Agora, permitam-me sonhar". Encostou a cabeça, fechou os olhos e começou a falar com os olhos fechados e apenas, como um bom africano, gesticulando. E aí então ele falou mais ou menos quarenta minutos ou uma hora sem que ninguém lhe perguntasse nada, todos deixando-o sonhar. (...) E, em certo momento ele começou a descrever o que seria a Guiné Bissau libertada. (...) E quando ele terminou e voltou do amanhã, do futuro, (...) alguém entre eles, um pouco embaraçadamente, lhe disse: "Mas, camarada Amílcar Cabral, isto é um sonho". Ele disse: "Exato, exato, é um sonho e aí das revoluções que não sonham". (FREIRE, 1982 p.100).

²³ JAMES HILLMAN é psicólogo, analista junguiano e criador da "psicologia arquetípica" pós-junguiana, lecionou nas Universidades de Yale, de Siracusa, e Dallas - onde foi co-fundador do Dallas Institute por Humanities and Culture. Mora em Connecticut, EUA.

O episódio relatado por Paulo Freire ocorreu no passado e seu conteúdo visualizava uma situação futura. A imagem que tomou posse do militante africano revela o início da construção de um projeto coletivo; embora aparentemente idealizado por um homem, foi compartilhado com o coletivo por expressar sua vontade.

Schmidt e Mahfund (1993), ao interpretarem Halbwachs, comentam que a semente da rememoração pode formar imagens que permanecerão nas mentes ou se tornarão lembranças vivas. Isto vai depender da intensidade das relações sociais vivenciadas no passado e mantidas com o auxílio do que chamam *grupo de referência*, possibilitando a cada indivíduo pertencente ao grupo localizar a lembrança a partir de elementos contidos num quadro de referência espaço-temporal propiciado pelas experiências em comum. Acreditam que é a afetividade que dará vida às imagens, que constituem a lembrança. Assim, concordam que *a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está inserida num contexto social preciso*. (SCHMIDT e MAHFUND, 1993, p.228), repleto de emoções que serão revividas no processo de relembrar; e que isto só será possível se ainda existir alguma forma de *apego afetivo* a esse grupo, dando consistência às recordações.

Assim, uma pessoa conserva lembranças ou reminiscências, compostas por imagens as quais constituem a sua memória individual; também se deduz que, como as lembranças dos mesmos acontecimentos estão presentes na memória de outras testemunhas, seus relatos também pertencem à memória coletiva de uma comunidade, que por sua vez pode ligar fatos da história de um povo ou nação, revelando aspectos de um período de sua existência.

Da memória dos entrevistados surgem versões de acontecimentos e, a cada relato de uma experiência vivida, vão se descortinando imagens desse processo, de acordo com a perspectiva histórica que norteia a fala dos entrevistados. Parte-se do princípio de Hillman (1995) de que o mundo está constantemente se apresentando para nós em episódios, fatos ou acontecimentos. A necessidade de apreensão de uma realidade e de ir além do aparente passa pela compreensão de que a superfície e a profundidade podem coincidir, pois o que está “por trás” de uma fala está também no aparente da mesma. Essa perspectiva busca uma compreensão da

realidade relatada que pode ser apenas mais um *jeito de olhar*, que está relacionado com o papel social desempenhado pelo entrevistado. Faz-se necessário, portanto, manter atenção aos aspectos básicos: o que se fala está implicitamente relacionado à análise de quem fala, para quem fala e por que fala. Por isso, os relatos são considerados versões que podem ser percebidos em várias dimensões: a do indivíduo que vivenciou, estando envolvido com o fato, da pessoa que participou indiretamente de um acontecimento, ou daquele que soube na época do ocorrido. O importante é que todos os informantes transformaram os fatos em experiências e os mantiveram em suas memórias em forma de imagens, de modo a compor as cenas dos episódios que servirão como diretrizes para o detalhamento e a compreensão de vários aspectos da história escrita. Um processo que é individual, mas também coletivo, constitui-se, a princípio, na história de vida de uma pessoa e freqüentemente está relacionado aos acontecimentos da vida de uma comunidade.

Uma possibilidade para entender uma determinada história de vida é ouvir e perceber o que foi relatado como sendo *aquilo que eu sou* depois de uma experiência vivida e poder identificar *o jeito de olhar* para as imagens que uma pessoa carrega consigo de fatos e acontecimentos. Estas imagens foram formadas a partir do contato da sua realidade subjetiva com a realidade objetiva e compõem as suas lembranças. Relatos baseados na memória individual e coletiva serão sempre uma interpretação de um determinado fato e, juntamente a outros vestígios, poderão se constituir na história e na historiografia de uma comunidade ou de uma profissão, compondo o conjunto de documentos que a expressam.

Os processos de escrita da história com base em versões orais e de documentos são similares, conforme indicou Le Goff (1996) em seu texto: *O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que os produziram.* (LE GOFF, 1996, p.547). Portanto, documentos escritos são construídos a partir de uma ou mais perspectivas. Podem ser citados, como exemplo, os escritos dos jesuítas, principais documentos estudados por Marina Massimi, que relatam a história da presença das idéias psicológicas do Brasil-colonial. A autora comenta as limitações da sua pesquisa acerca do período:

...qualquer construção a posteriori permanece extremamente parcial ou incompleta. O historiador se encontra, nesse caso, frente a um mundo destinado a permanecer quase totalmente desconhecido, pela falta de sinais que possam documentar e representar, de forma adequada e direta, aos olhos do homem moderno. (MASSIMI, 1990, p.13)

Esta limitação se coloca também para os pesquisadores que fazem da oralidade sua principal fonte de pesquisa, buscando torná-la um documento. Neste processo, o pesquisador depara-se com uma imensa quantidade de fragmentos e de conteúdos que podem ser incluídos na construção de uma história. São outras possibilidades de olhar para o passado, fruto desta intersecção do indivíduo e seu meio, o documento passa a ser um produto de nosso próprio tempo. Se as lembranças variam no recordar e no contar, o passado surge como uma realidade complexa; essa pluralidade da memória é similar à da própria realidade:

A Memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e nesse sentido, ela está em constante evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações... a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. É uma representação do passado. (NORA, 1993 p. 9).

No caso dos profissionais de psicologia que tomaram parte na História da Psicologia, para compreender o contexto em que foram vivenciadas as experiências dessas entrevistados, partimos do que está presente do passado nos relatos atuais. Que perspectivas imagéticas podem ser identificadas em seus relatos que revelam este passado? Que olhares são estes?

Muitos elementos deverão ser considerados para responder a estas questões, dentre os quais se encontram, na memória dos entrevistados, imagem que fazem de si, da psicologia, da profissão, do serviço público e da inserção da psicologia nesse contexto.

CAPÍTULO 3

HISTÓRIA E MEMÓRIAS DA PSICOLOGIA EM CAMPINAS

Os profetas são aqueles ou aquelas que se molham de tal forma nas águas (...) da cultura e da história de seu povo, dos dominados do seu povo, que conhecem o seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles mais do que adivinham, realizam. (Paulo Freire).²⁴

3.1. OS SÉCULOS XVIII E XIX (1774-1900)

Campinas foi fundada em 1774, destacou-se pelo seu desenvolvimento econômico proveniente dos ciclos da cana-de-açúcar, no século XVIII, e do café, nos séculos XIX e XX. São freqüentes os estudos que fornecem informações históricas a partir de 1850, caracterizando Campinas como “a cidade do café”, tornando essa década um marco nas análises sócio-econômicas da cidade.

A significativa produção do Município trouxe riquezas e o crescimento populacional, mas exigiu uma mudança em relação à força de trabalho, impondo a solução da contratação de trabalhadores livres para a agricultura, paralelamente ao avanço do movimento abolicionista. Em 1852, chegaram à cidade os primeiros imigrantes alemães. À época, algumas medidas de organização social e do trabalho começam a ser implantadas no país para garantir a hegemonia da burguesia, o que certamente contribuiu para o agravamento das diferenças sociais.

A substituição gradativa do escravo trabalhador assalariado, em geral pelo imigrante ou negro livre justificaria, a partir de 1854, a alteração dos procedimentos de distribuição de terras no Brasil. Estas não seriam mais doadas a quem se dispusesse a cultivá-las; ao contrário, seriam vendidas, de modo a impedir-lhes a posse por negros e imigrantes que sendo pobres tinham como única alternativa a de se fixarem em lavouras alheias na condição de assalariados. (BADARÓ, 1996 p. 26)

O capital originário da produção agrícola cafeeira permitiu outros investimentos relacionados ao comércio e possibilitou o início do processo de industrialização, sendo a cidade descrita como um centro urbano abastecedor da

²⁴ FREIRE, P. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, 1982, p. 100.

região na década de 1860. Conforme Zaluar (1975)²⁵, havia então (na década de 1860), sessenta e quatro lojas, vinte armazéns de gêneros e cento e dez tavernas, além de oito fábricas de produtos como: licor, cerveja, vela de cera, chapéu e charuto. No final dessa década, em 1868, quando foi fundada a Companhia Paulista de Estrada de Ferro²⁶, Campinas era um importante entroncamento ferroviário do interior e isso também contribuiu para o desenvolvimento da cidade.

Nas décadas seguintes, outros imigrantes - belgas, suíços, franceses - começaram a chegar, predominando a imigração italiana a partir de 1870.

Em 1872, a população de Campinas era de 33.000 habitantes, sendo que 14.202 compreendiam a população urbana. No Município havia 13.000 brancos e 20.000 negros e mulatos, dos quais quase a metade estava na zona urbana, dedicando-se às obras de edificações, abertura de ruas, implantação da estrada de ferro e serviços domésticos nas famílias abastadas. (BERGÖ, 1944, apud BADARÓ, 1996)

Quanto à infra-estrutura da cidade, vários serviços públicos e urbanos eram oferecidos: a Ferrovia, o Correio e o Telégrafo, o Teatro São Carlos²⁷, o Clube da Lavoura, várias escolas particulares e públicas, iluminação a gás nas vias públicas e publicação de jornais. Ao se evidenciar um crescimento populacional e industrial, encaminhamentos para os vários problemas sociais passam a ser adotados:

Em 1880, a população da cidade era equivalente à da capital. Pobreza sob controle. Isso não quer dizer que a modernidade tenha apagado a mácula da escravidão e eliminado a pobreza. Imigrantes que não conseguiram “fazer a América” e descendentes de escravos não foram integrados à sociedade. Mas a pobreza foi bem administrada pela elite para evitar que os excluídos fugissem ao controle. Sob a liderança da Igreja Católica (...) a cidade monta todo um aparato filantrópico para atender todos os indivíduos pauperizados (órfãos, crianças abandonadas, mães solteiras, ex-escravos, imigrantes pobres, cegos, inválidos). Surgem: o Asilo de Órfãos da Santa Casa de Misericórdia, o Asilo de Morféticos, o Asilo de Mendigos (que depois vira o Asilo dos Inválidos e

²⁵ ZALUAR, 1975. In: NASCIMENTO, T. A. Q. R. (et.al). Memórias da Educação: Campinas (1850-1960) Campinas: Unicamp, 1999.

²⁶ Fonte: <http://www.emdec.com.br/port/imprensa/texto130.shtml> consulta em 01/06/2004

²⁷ Inaugurado em 1850 e demolido em 1922, para dar lugar a um novo teatro municipal.

hoje é o Lar dos Velinhos), a Hospedaria dos Imigrantes, a Vila São Vicente de Paula, o Liceu de Artes e Ofícios (hoje: Liceu Salesiano). Criou-se também uma escola agrícola.²⁸

Campinas teve sua história marcada, a partir de 1889, por três surtos epidêmicos de febre amarela que, durante nove anos, reduziram a população de vinte mil (zona urbana) para cinco mil habitantes, devido às mortes e mudanças de seus moradores para outras cidades. A situação de caos obrigou as autoridades a tomar medidas drásticas de higiene, e se desenvolveu, desde então, um controle da saúde pública. Importantes investimentos de saneamento básico e obras de pavimentação modificaram o aspecto da cidade em pouco tempo; a cidade pôde retomar seu crescimento, em 1900, quando já havia recuperado sua taxa populacional. (BADARÓ, 1996).

3.2. O SÉCULO XX

3.2.1 As primeiras décadas (1900-1930)

Nas primeiras décadas do século XX, a lavoura cafeeira vai, cada vez mais, confirmando-se na grande fonte de renda no país, como nos relata Prado Jr. (1977) em sua *História Econômica do Brasil*:

De todos os produtos brasileiros modernos, o primeiro e soberano lugar cabe ao café. Já o encontramos na fase anterior, sob o Império, em marcha ascendente e avassaladora das principais melhores atividades do país. Encontrá-lo-emos agora na República atingindo o zênite da sua grandiosa trajetória, e colocando-se em nível que deixará definitivamente numa sombra medíocre todas as demais produções brasileiras. Mesmo em termos absolutos e mundiais, o café adquirirá posição de relevo. Ele se classificará, no século atual [séc. XX], entre os primeiros, se não o primeiro gênero primário do comércio internacional; e o Brasil, com sua quota de 70% da produção, gozará de primazia indisputada. (PRADO JR, 1977, p.225).

A origem da industrialização na cidade de Campinas deve-se à economia cafeeira que migrou seu capital, mas a febre amarela atrasa os investimentos e poucas fábricas se instalam no início do século XX, a exemplo apenas da Cervejaria Columbia em 1908 e da Cia Curtidora de Campinas em 1910. Badaró (1996) aponta

²⁸ Fonte: http://www.cosmo.com.br/cidades/campinas/area/caract_cps.shtm#hist consulta em 01/07/2003

diversos fatores que favoreceram a implantação de indústrias em Campinas nesse período: a proximidade de São Paulo, as facilidades de transporte, devido ao entroncamento ferroviário já instalado, a energia elétrica desde 1905, o investimento em educação profissionalizante (o Colégio Industrial Bento Quirino é inaugurado em 1918). Tais fatores, somados à paralisação das importações durante a Primeira Guerra Mundial, impulsionaram a cultura algodoeira e a indústria têxtil no Município. Com a crise do café, em 1929, houve a transferência intensiva do capital para a indústria, provocando um desenvolvimento intenso da zona urbana da cidade.

Prado Jr. (1977) auxilia na compreensão do contexto no âmbito estadual quando menciona alguns fatores de importância para este começo de industrialização em todo o Estado de São Paulo:

Esta concentração da indústria em São Paulo se explica pelo número de circunstâncias favoráveis que aí se reuniam. A principal delas é o progresso geral do Estado, graças ao desenvolvimento sem paralelo de sua lavoura cafeeira, o que lhe trouxera riqueza e população. A imigração concorrerá com a habilitação técnica do trabalhador europeu, muito superior ao nacional recém-egresso da escravidão ou estado similares. (PRADO JR, 1977, p.260).

A industrialização contribuiu para a elevação da taxa populacional urbana, exigindo sempre cuidados com a infra-estrutura em todas as cidades. Também no início do século XX, segundo historiadores como José Roberto de Amaral Lapa (1996), a elite campineira procurou evitar que a população desempregada se tornasse violenta ou se marginalizasse:

No começo deste século [XX] surgiu até um Serviço de Mendicância. Os mendigos foram cadastrados e só podiam exercer sua "atividade" com uma placa exibindo dia, local e hora. Havia fiscalização. Eles chegaram a se mobilizar para requerer isenção de impostos. Não era só nisso que esses mendigos eram diferentes dos atuais - eles tinham casa, endereço, teto. (...) O século XX viu chegar eslavos, sírio-libaneses, japoneses. O Albergue Noturno foi criado por um movimento dos ferroviários, comovidos com a situação de famílias inteiras obrigadas a pousar ao relento sob os beirais dos armazéns das ferrovias. Eles estavam de passagem e não tinham onde dormir. O albergue atendeu de 1905 a 1910 a demanda de hospedagem provisória aos chegantes de

nacionalidades tão diversas quanto inusitadas. "Gregos, canadenses, argentinos, franceses e ingleses estiveram por lá".²⁹

Parte desta população imigrante se fixa na cidade, inicialmente, no perímetro urbano de Campinas, construído no século anterior e esvaziado pela febre amarela; somente a partir de 1925 percebe-se uma expansão na configuração física da cidade. (BADARÓ, 1996)

Campos (2000), por sua vez, considera que o pioneirismo de Campinas na Saúde Pública também reside em sua história de "assepsia social", ligada à mesma conduta do século anterior:

(...) na década de [19]20, Campinas também cuidou dos pobres, dementes e alienados... sujos e maltrapilhos... fundando o Hospício de Dementes de Campinas, que mais tarde tornou-se Sanatório 'Dr. Cândido Ferreira' e logo em seguida a Casa de Saúde 'Dr. Bierremback de Castro' (...) a iniciativa uniu filantropos da cidade, a segurança pública e a saúde, e cada qual entrou com parcela importante nessa empreitada. (CAMPOS, 2000, p. 98)

A criação do Hospício Filantrópico em 1924, o Sanatório Cândido Ferreira³⁰, vai mostrar desde o início uma preocupação com um tratamento "mais humano" para pacientes psiquiátricos que se encontravam presos na cadeia da cidade.

Segundo Badaró (1996), o sentimento bairrista da elite intelectual havia sido atingido com as endemias, e os temas higiene e saneamento eram freqüentes nos programas políticos das autoridades municipais, levando naturalmente à proposição de um plano de urbanismo pelo prefeito Orosimbo Maia em 1929. O início da década de 1930 foi marcado pela Revolução Constitucionalista, o que prejudicou os encaminhamentos da proposta. Somente em 1933, com a nomeação do prefeito Perceu Leite de Barros, o assunto é retomado. E em 1934 o engenheiro/arquiteto e urbanista Francisco Prestes Maia é contratado para estudar e coordenar um plano de urbanismo. O Plano de Melhoramentos Urbanos de Campinas, que ficou

²⁹ Idem nota 4

³⁰ Embora fosse um hospital psiquiátrico filantrópico, manteve ao longo dos anos um tratamento tradicional, sofrendo uma intervenção municipal em 1989, ao ser transformado no Serviço de Saúde Cândido Ferreira, tornando-se, além de pioneiro na cidade, uma referência para a reforma psiquiátrica brasileira desde 1993.

conhecido como Plano Prestes Maia, em sua primeira fase (1934/1955) envolveu trabalhos de concepção, início das desapropriações, as primeiras transformações na área central da cidade³¹ e uma expansão industrial ainda restrita pela insuficiência de bens de produção. Havia investimentos em todas as áreas básicas, principalmente em saúde, educação e cultura - a cidade inaugurou, em 1930, o Teatro Municipal Carlos Gomes, com 1400 lugares. (FARDIM, 2000).

Em relação às práticas da psicologia na época, Campinas apresentava uma maior atuação no campo educacional, como em todo o país, conforme Antunes (1998). Nas Escolas Normais do Estado de São Paulo surgem personagens que realizaram estudos psicológicos, dentre os quais encontra-se o nome de Antônio Norberto de Souza Pinto, professor da Escola Normal “Carlos Gomes” de Campinas (ANTUNES, 1999). Em 1933, esta escola já dispunha em seu currículo da disciplina Psicologia Geral e Educacional. A presença da Psicologia na Educação deve-se ao trabalho desse professor que, além de ministrar essa disciplina na Escola Normal, organizava e dirigia o Clube da Psicologia, que *congregava os alunos normalistas e estimulava a elaboração de monografias e debates entre seus membros sobre temas relacionados com aquela área do conhecimento*. (NASCIMENTO, 1999, p.91) O professor Norberto também desenvolveu um respeitado trabalho com crianças “débeis mentais”:

*Devo aqui destacar a importância desses cursos, porquanto, por exemplo, no curso de educação de débeis, Campinas detinha um pioneirismo brasileiro, porquanto o Prof. Antônio Norberto de Souza Pinto, desde antes de 1920, já se dedicava (...) missionariamente à educação de débeis.*³²

A respeito de sua experiência anterior a 1920, sabe-se que, neste período, o Professor Norberto trabalhou sob orientação de Dr. Durval Marcondes, em uma escola para "anormais", criada e instalada no edifício da Inspeção Médica Escolar, no Largo do Arouche em São Paulo, onde atualmente funciona a Secretaria da Educação³³. O Professor Antônio Norberto de Souza Pinto é considerado um dos primeiros psicólogos educacionais, conforme as citações dos historiadores da

³¹ Podem-se constatar tais fatos em cenas das ruas centrais de Campinas filmadas em preto e branco na década de 1930 e em fotos do período, disponíveis no Acervo do Museu da Imagem e do Som de Campinas.

³² Wellman Galvão de França Rangel, Diretor da Escola Normal de 1949-1960 in: NASCIMENTO, 1999, p.94

³³ Artigo: História da Educação Especial, disponível em <http://www.entreamigos.com.br/> consulta 15/01/2005.

Psicologia brasileira³⁴; devido ao seu pioneirismo nos estudos psicológicos com crianças excepcionais e sua preocupação com a questão da segregação, *em uma época que as famílias mantinham seus filhos em casa e, não dispunham de nenhum tipo de ferramenta para lidar com suas crianças, mantendo-as presas*. (BUETTNER, 2001).³⁵

3.2.2. As décadas de 1940-1950

Na década de 1940, a maioria das mudanças está associada à expansão industrial, incentivada pelo governo de Getúlio Vargas. Em 1941, o Presidente da República concedeu à Igreja Católica a autorização para criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, cuja organização esteve a cargo do Monsenhor Emílio José Salim. No dia 05/06/42, houve aula inaugural proferida no Teatro Municipal por Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde).

Em 1943, inicia-se a construção da Rodovia Anhangüera, e aceleram-se as transformações urbanas. A cidade amplia a rede pública de ensino básico e dá maior apoio à formação de mão-de-obra com as escolas profissionalizantes, para acompanhar os novos tempos, algumas conseqüências ainda da Era Vargas. Entretanto, a década de 1940 foi marcada por dois fatos externos de extrema importância: o fim da Era Vargas (em 1945) e a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945).

Os reflexos destes fatos serão percebidos nas décadas posteriores, com a entrada do capital estrangeiro. Através das multinacionais que direcionavam seus investimentos para os bens de produção (indústria pesada), importou-se tecnologia e desenvolveram-se novos instrumentos e procedimentos para a área da psicologia vinculada à educação, a exemplo dos testes psicológicos. Devido à participação do Brasil na Segunda Guerra e seu alinhamento com os Estados Unidos, o capital americano tornou-se a principal fonte geradora da industrialização do país. Assim,

³⁴ ANTUNES, M.A.M. Psicologia Revista. Revista da Faculdade de Psicologia da PUC-SP; nº 8, maio/1999; EDUC/Fapesp; p.103

³⁵ BUETTNER, G.E.B.V. Em entrevista concedida em 27/06/2001, para o Vídeo *Psicologia no Serviço Público em Campinas – Reflexos da História*. Professora da PUC Campinas da área de Psicologia Escolar e ex-aluna da primeira turma da mesma faculdade.

os métodos e técnicas de trabalhos desenvolvidos pelos americanos passam a ser adotados nas indústrias que se instalam no Brasil e em Campinas.

Em meados do século XX, verificam-se a chegada de novos profissionais na cidade e as notícias das atividades de Psicologia Educacional nas escolas profissionalizantes, que mais tarde vão servir de apoio à entrada da Psicologia Organizacional nas empresas da região e nos órgãos públicos. Profissionais que vieram trabalhar na cidade em atividades de Psicologia Educacional, como as desenvolvidas no Colégio Bento Quirino, no início da década de 1950, puderam desfrutar do crescimento econômico originário da industrialização na região. Já existia, nessa época, a clara noção de que deveriam realizar um trabalho ligado à educação e à capacitação profissional dos futuros trabalhadores das indústrias recém-instaladas na região³⁶.

Nas décadas de 1940 e 1950, as indústrias que passam a se instalar na cidade recebem toda a colaboração governamental no tocante à infra-estrutura para sua operação; eram os projetos da Era Vargas em ação. Neste contexto, funcionavam o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI (inaugurado em 1944) e o Colégio Industrial Bento Quirino (desde 1918), que formavam mão-de-obra qualificada para a indústria. O trabalho realizado por estas escolas foi intensificado em função de uma demanda de alunos interessados em trabalhar nas indústrias que se instalavam na cidade. Era o mercado de trabalho que se abria. Em 1955, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras passou a ser UCC - Universidade Católica de Campinas³⁷, reconhecida pelo Conselho Federal de Educação. O papel desenvolvido por estas escolas profissionalizantes e pela Universidade nesta época foi decisivo na formação da mão-de-obra para a indústria, aumentando a taxa populacional nestas décadas na cidade e na região. Dentre as indústrias que se instalaram em Campinas nesta época podem ser citadas como exemplo a Singer (1950) e a Robert Bosch (1954).

³⁶ Conforme depoimentos contidos no vídeo *Psicologia no Serviço Público em Campinas – Reflexos da História*. Campinas: CRPSP/MIS, 2002.

³⁷ Hoje a sigla oficial usualmente encontrada: PUC Campinas. Em muitos momentos nos depoimentos foi adotada a sigla PUCC para a Pontifícia Universidade Católica de Campinas, de acordo com a transcrição das falas. Entretanto, o título de Pontifícia foi concedido pelo Papa Paulo VI em 1972. Disponível em: <http://www.puc-campinas.edu.br/institucional/historia.asp> consulta em 01/02/2003.

Acompanhando esta fase de desenvolvimento industrial surgem melhorias das condições de transporte rodoviário, como a construção da Rodovia Anhangüera, inaugurada em 1948 e o início da construção da primeira pista do Aeroporto de Viracopos em 1947³⁸.

Do ponto de vista das iniciativas do Município, inicia-se a segunda fase do Plano Prestes Maia de Melhoramentos e Urbanização (1956/1962); houve uma aceleração das desapropriações, demolições³⁹ e muitas obras foram construídas, ocasionando a chamada *verticalização* na área central. (BADARÓ, 1996).

O Município também aplicou o conhecimento desenvolvido pela Escola Normal nas décadas anteriores e cria as Escolas Parques⁴⁰, dando maior atenção ao desenvolvimento das crianças na fase pré-primária. A partir de 1953, houve a transformação da Escola Normal no Instituto de Educação *Carlos Gomes*, tornando-se um centro de capacitação do professor primário da região, com vários cursos de Especialização. Inclui-se o Curso de Especialização em Educação de débeis, fruto do trabalho de décadas anteriores do Professor Antônio Norberto de Souza Pinto, que culminou na criação do Instituto de Pedagogia Terapêutica Prof. Norberto de Souza Pinto, em 1960, sendo este um dos primeiros centros de atenção à criança com necessidades especiais em Campinas, e que ainda se encontra em funcionamento.

3.2.3. As décadas de 1960-1970

Os acontecimentos da década de 1960 marcaram profundamente a história do país. A população vivenciou no início da década uma abertura política, que apontava para a possibilidade de concretizar muitas propostas que resultariam em importantes mudanças sociais. Apesar dos trágicos eventos, alguns planos puderam

³⁸ A primeira pista de vôo foi feita no período entre 1947 e 1967, totalizando uma área de 5km². Em 1979, através do Decreto Estadual nº 14.311, foi reservada uma área de 20km² adicionais para a implantação deste aeroporto internacional. Fonte: <http://www.fec.unicamp.br/~sakanaka/viracopos> consulta em 29/03/2004.

³⁹ Tais fatos podem ser constatados em fotos e em cenas destas demolições, filmadas na década de 1950. Fonte: Acervo do Museu da Imagem e do Som de Campinas.

⁴⁰ Parques infantis implantados a partir de estudos pedagógicos e psicológicos desenvolvidos na cidade. Fonte: Catálogo da Exposição: O Trabalho do Olhar, Coleção Henrique de Oliveira Junior, MIS Campinas, 1999. Acervo de fotos do Museu da Imagem e do Som de Campinas (1950/1960).

ser concretizados. Em Campinas, por exemplo, um antigo sonho dos campineiros era ter uma faculdade de medicina; desde o século XIX investiam em saúde pública, existia até uma campanha estampada nos jornais desde a década de 1940. Em 1962 foi fundada a Unicamp, que começou a funcionar em 1963, com a primeira Faculdade de Medicina na cidade e primeira unidade da Universidade Estadual de Campinas. O campus só foi instalado em 1966, tornando a cidade um importante centro universitário.

Entretanto, houve também os que resistiram às propostas que vinham sendo implementadas no país e articularam o golpe militar de 1964, para manutenção dos interesses da elite brasileira. O período de ditadura desta vez foi mais longo, com duração de 20 anos, cujos reflexos ainda estão, de alguma forma, presentes no cotidiano dos brasileiros. Um dos tristes episódios que Campinas viveu, no início desta fase de ditadura, foi a polêmica demolição do Teatro Municipal Carlos Gomes em 1965, uma perda irreparável no campo cultural, ainda lamentada pelos campineiros que viveram esse fato histórico (FARDIN, 2000).⁴¹

No início da década de 1960, o Exército estava se estruturando. Instalou a Escola Preparatória de Cadetes do Exército de Campinas; contratou profissionais que vieram para a cidade trabalhar com a tecnologia dos testes psicológicos, os quais faziam orientação educacional e profissional dos estudantes, além da própria seleção destes. Com a regulamentação da profissão em 1962, os profissionais que atuavam nestas atividades em instituições diversas, puderam requer seu registro de Psicólogo.

Juntamente com a lei de regulamentação da profissão, também foram aprovados os critérios para a formação dos profissionais de psicologia, como o currículo mínimo e a duração do Curso de Psicologia, fato que de certa forma impulsionou a criação de cursos de psicologia em várias cidades do País.

⁴¹ Pesquisa realizada pelo MIS Campinas em 1998 e 1999.

No fim de 1964, Azzi (1964)⁴² publica na revista da UCC o artigo *A situação atual da profissão de Psicólogo no Brasil*. O referido artigo já havia sido apresentado no ano anterior na XV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de São Paulo e certamente serviu de subsídio para a aprovação do primeiro Curso de Psicologia de Campinas e o terceiro do Estado de São Paulo. Nesta mesma revista, é publicada a notícia *Campinas terá o seu Instituto Superior de Psicologia a partir de março de 1965* (p.293). Sabe-se que o Curso de Psicologia foi criado como um dos departamentos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica de Campinas. A primeira turma iniciou em março de 1965. Já o Instituto Superior de Psicologia foi instalado somente em 1967, era vinculado à reitoria, destinava-se à pesquisas psicológicas, ao “Curso de Especialização” para a formação de psicólogos e ao atendimento à comunidade através da “Clínica-escola”. (BUETTNER,1990).

Até 1968, um clima de democracia imperava na UCC⁴³, e o Curso de Psicologia se beneficiou com as possibilidades de reflexão e participação de alunos e professores na construção do curso:

No segundo semestre de 1966, os estudantes fundaram um órgão associativo, o Centro de Estudos de Psicologia e através deste, solicitaram que o curso fosse reestruturado (...) foi aprovado pelo Conselho Departamental da Faculdade de Filosofia em novembro de 1966. No ano de 1967, ocorreram na Universidade vários debates em torno da questão da Reforma Estatutária. (...) uma proposta de reestruturação da Faculdade de Filosofia, que vinha sendo amplamente discutida pelos alunos e professores de vários cursos. (BUETTNER,1990, p. 38,39).

O fim da década de 1960 foi vivido em todo o país com muita intensidade. Um momento histórico marcado pela reforma universitária de 1968, pela organização dos estudantes e por manifestações estudantis públicas seguidas de repressão física, perseguições, prisões e desaparecimentos. Foi uma época em que as forças políticas e ideológicas estavam em constante prontidão para agir disseminando terror. Por outro lado, era intensa a luta ideológica e a tentativa de experimentar algo

⁴² Enzo Azzi era Diretor do Instituto de Psicologia da Universidade Católica de São Paulo e Professor de Psicologia na Universidade Católica de Campinas.

⁴³ No Anuário de 1966 da UCC, consta a relação dos órgãos estudantis, Diretório Central dos Estudantes e os Diretórios de cada Faculdade existente, com nomes dos integrantes das Diretorias, uma aluna era do Curso de Psicologia, Glória Elisa Bearzotti Pires.

novo e dinâmico que pudesse ser uma alternativa ao que se vivia. O período também forneceu oportunidade para muitos estudantes sintonizarem com a realidade política e social do país e se envolverem em profundos debates. A reforma do ensino foi amplamente discutida na UCC - na medida do possível, porque as manifestações contrárias eram duramente reprimidas em 1968.

O Curso de Psicologia em Campinas sofreu o reflexo deste período histórico, forçando professores e alunos a lutarem pela manutenção de seu processo de construção. Os posicionamentos políticos e ideológicos conflitantes, dada a situação política do Brasil na época, exigiam tomadas de posição a cada momento. Essa situação também vai ser vivida no restante da universidade, aflorando idéias e posicionamentos contrários ao regime ditatorial que o movimento de 64 havia implantado no país. Os acordos MEC-USAID⁴⁴, realizados pelo governo ditatorial, resultaram em uma ampla reforma universitária em 1968. E a UCC havia se comprometido com esta reestruturação, organizando uma comissão para discutir o assunto, da qual fazia parte o diretor do Instituto Superior de Psicologia. No entanto, o que prevaleceu foi a intransigência manifesta em situações diversas, e em atitudes incompreensíveis na época:

Em junho de 1969, foi analisado em reunião do Conselho Universitário o pedido de realização de convênio entre a Faculdade de Filosofia e o Instituto Superior de Psicologia para emissão dos diplomas da 1ª turma. A reunião foi muito tumultuada, culminando com aprovação de uma proposta do Reitor, alterando o Estatuto e subordinando o Instituto Superior de Psicologia a Faculdade de Filosofia e não mais diretamente a Reitoria e CONSUN. Esta situação consistia, na verdade, em reflexo da configuração político-social da Universidade e do País. Seguiram-se a esta reunião do CONSUN vários acontecimentos que culminaram, em agosto de 1969, na demissão de 49 professores da Faculdade de Filosofia, incluídos aí quase todos os docentes vinculados ao Curso de Psicologia. (Buettner, 1990, p.40)

Este fato teria sido conseqüência de pressões políticas externas, que fizeram com que uma crise se instalasse na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da

⁴⁴ Acordos MEC-Usaid , celebrados pelo Ministério da Educação (MEC) e a Agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (Usaid, na sigla em inglês United States Agency for International Development). Disponível em http://www.politica.pro.br/especial/socioem/socem/sarandvetall_edmilitar.rtf consulta em 28/02/2005.

UCC. Particularmente no Instituto de Psicologia as estratégias utilizadas pela reitoria foram piorando o clima e minando a atuação de grande parte do corpo docente. O estado de ânimo dos envolvidos neste conflito afetou as relações entre diferentes instâncias de poder e linhas de pensamento e foi percebido e vivido de diferentes maneiras.

O primeiro diretor do Instituto Superior de Psicologia da UCC, em suas recordações dos acontecimentos vivenciados na Universidade no fim da década de 1960, menciona que após a morte do Reitor Monsenhor Salim (1968), conviveu com agentes do SNI - Serviço Nacional de Informações, no âmbito da Universidade. Acreditava que fora denunciado como comunista para os encarregados da repressão política no país, sendo esta a razão de sua demissão da UCC e de seu afastamento definitivo do ensino na época. A imagem que manteve daquele momento era da falta de liberdade de expressão, pois qualquer opinião contrária à ideologia do governo poderia ser tachada de comunista⁴⁵.

Pode-se constatar que a reforma universitária de 1968, imposta pelo governo e implantada na UCC de forma também autoritária, provocou alterações no ensino. E as conseqüências foram vivenciadas de modos diferentes pelas turmas dos anos seguintes, conforme exemplos:

“(...) a gente entrou em 72, no auge da ditadura. Os professores da PUCC, tipo Luís Otávio [Seixas Queiroz], e algumas outras pessoas, já tinham sido demitidos... [encontramos a PUCC] destruída. O Curso de Psicologia da PUCC era uma extensão do exército brasileiro. A gente tinha aula com vários militares, ninguém tinha a menor confiança em nada, não se podia fazer nenhuma assembléia, nenhuma discussão coletiva, a gente não confiava nos professores. Tinha professor que todo mundo dizia que era delator, informante do exército. O movimento estudantil nessa época estava destruído também, a UNE só começou a sua reorganização em 77. Foi quando eu cheguei a participar de algumas reuniões e assembléias, só que eu já tinha me formado, eu já tinha saído da Faculdade. Eu acho que essa época em que eu estudei foi a época mais despolitizada, o período de maior silêncio, de maior repressão, de maior medo (...) era o auge da alienação, as pessoas não percebiam que

⁴⁵ Ver mais detalhes sobre os episódios ocorridos na época no Vídeo lançado pelo MIS/CRPSP em 2002, e nas pesquisas de Maria Fernanda M. Barreto, Professora da PUC Campinas e pesquisadora da história do Instituto de Psicologia. Parte da referida pesquisa foi publicada no site: <http://www.puc-campinas.br/~ipf/historico.htm>, consulta em 03/04/2004. Estes episódios também estão descritos em texto de Barreto e Fiamenghi Jr, 1989, não publicados, mas arquivados com outros documentos históricos na Coordenação do Curso de Psicologia da PUC Campinas.

estavam dentro de uma ditadura, não existia movimento estudantil nessa época. (R.P.T.L.)⁴⁶

Eu cheguei à PUCC no período da repressão política. Então ali era tudo muito controladinho, tudo direitinho. (risos) O professor [Diretor] na época era o Saulo Monte Serrat. Foi interessante ter entrado na PUC, pois queria fazer Psicologia. Foi bom entrar aqui, gostei de vir para Campinas, a Faculdade não me decepcionou, pelo contrário. Foi uma experiência construtiva. (E.M.G.L.F.)⁴⁷

Tinha uma série de coisas que influenciaram a política estudantil naquele momento. Após toda essa greve que nós vivenciamos durante alguns meses, houve uma mudança total de professores no Instituto, mas o currículo não mudou. Quando nós entramos, o Instituto tinha uma ênfase muito forte na linha comportamental. Com a mudança, essa linha deixou de ser tão forte e os professores que vieram davam matérias de psicanálise, matérias de psicodrama, que era o Landini, e então começou a diversificar um pouco mais a orientação das linhas que a Faculdade seguia. (M.I.N.M.)⁴⁸

Nas revistas da UCC de 1969 e 1970, assim como em outros documentos da Universidade, pode-se constatar que uma parcela significativa dos alunos das primeiras turmas se tornou professores do atual Curso de Psicologia da PUC Campinas, ao longo das décadas de 1970 e 1980. Buettner (1990) procura explicar a sua perspectiva desse fato ao estudar aspectos das modificações da estrutura curricular deste Curso.

Em 1969/70, vários alunos das turmas iniciais já estavam envolvidos com atividades docentes em disciplinas do Curso. A demissão dos professores e uma certa dificuldade existente na época em encontrar docentes, acabaram intensificando o processo, já em andamento, de envolvimento de alunos nas atividades docentes do Curso.(...) Dentre outros aspectos, a participação dos ex-alunos no corpo docente, em cargos administrativos, parece ter contribuído para a manutenção de uma atitude de “pensar o curso” e “pensar a Psicologia” em conjunto com os alunos. (BUETTNER, 1990, pp.43,44).

⁴⁶ R.P.T.L. Raquel Pastana Teixeira Lima, Assessora no Gabinete do Secretário de Saúde da Prefeitura Municipal de Campinas (2001-2004). Ingressou no Curso de Psicologia em 1972, e na Prefeitura em 1977. Foi entrevistada em 28/06/01.

⁴⁷ E.M.G.L.F. Eliana Maria Guião Leite Figueiredo, Psicóloga da Secretaria de Saúde, desde 1984. Coordenadora do CEVI - Centro de Vivência Infantil. Entrevista realizada em 07/06/2001.

⁴⁸ M.I.N.M. Maria Isabel Nascimento Marques, Psicóloga, ingressou em 1977, trabalhou na Secretaria do Bem-Estar Social, e na Saúde, foi Coordenadora do Centro de Saúde Santa Mônica. Está aposentada do serviço público, mas atua como Psicóloga Clínica, é conselheira do CRPSP.

Por outro lado, na imagem da entrevistada R.P.T.L., a falta de uma ampla discussão do papel do psicólogo na sociedade, durante a ditadura militar, resultou em um ensino atrelado a um posicionamento ideológico comprometido com o sistema. Isto está expresso no depoimento dessa ex-aluna do curso de Psicologia da PUC Campinas, que estudou no período 1972 a 1976:

(...) Na nossa época de formação, a gente fazia estágio nas três áreas, que eram: organizacional, escolar e clínica. A atuação e a discussão do papel do psicólogo dentro da escola era absolutamente limitada. Alguns anos depois refletimos o quanto foi pobre a nossa discussão do que era o papel não só do psicólogo na escola, mas do papel da própria escola. Acho que se reflete, nisso, um pouco naquela prática quase que assistencialista dentro da escola de fazer teste com as crianças, de encaminhar para escola especial, para classe especial, uma visão quase que excludente das pessoas, e absolutamente despolitizada, pobre mesmo. E na psicologia das organizações nem se fala, porque aí, nessa década [1970] inclusive, era o boom de algumas técnicas, de alguns métodos de trabalho, visando o crescimento da empresa, a época de se falar 'da pessoa certa no lugar certo', tinha alguma, alguns métodos que ideologicamente estavam absolutamente comprometidos com toda idéia do milagre econômico. Então, a gente teve essa formação, e na clínica também. Eu acho que a gente teve uma formação clínica pra trabalhar no setor privado; não existia a idéia de se trabalhar com a construção, de um sistema público e, muito menos de desenvolvimento de tecnologias adequadas pra uma Saúde Pública, a gente foi formada pra trabalhar com aquele paciente que tivesse na nossa frente, que nos procurasse e que nos pagasse. (R.P.T.L.).

Os depoimentos das entrevistadas revelam as diversas interpretações desse movimento. Na época do chamado “milagre brasileiro”, as empresas da região passam a contratar profissionais da área de Psicologia; a Petrobrás (1972) se instalava em Paulínia, e junto todo um parque industrial em Campinas e região, a exemplo da IBM (1971 em Sumaré) e da Mercedes Benz (1979). E a Psicologia continuou a ser muito solicitada na área organizacional.

Em março de 1970 foi instalado o Departamento de Psicologia do Trabalho, destinado à formação acadêmica e prestação de serviços, passando, assim, esta área de atuação a incorporar o currículo. Em junho deste ano, o CONSUN aprovou a Reforma Universitária da Universidade. Pelo novo Estatuto, que atendia as exigências legais da Reforma do Ensino Superior de 1968, criou-se o Instituto de Psicologia (IP) como unidade acadêmica autônoma da Universidade. (...) Foi apresentado e aprovado pelo Conselho de Coordenação de Ensino o Pesquisa em março de 1974, a proposta de novo currículo para os cursos de Licenciatura e Formação de Psicólogos. Neste último constam, além de disciplinas e estágios obrigatórios, disciplinas optativas. (...) (BUETTNER, 1990, p.40, 41).

A nova filosofia de ensino, em sintonia com o contexto vigente, que passou a ser implementada, pode ter interferido diretamente na formação e na contribuição dos profissionais de psicologia que ingressaram no Serviço Público Municipal na década de 1970. Fica evidente a influência das políticas públicas (estaduais e municipais) de saúde na implantação dos equipamentos e na contratação de profissionais de saúde no Município. Observam-se também distintas formas de contribuição da psicologia nas diferentes frentes de atuação do psicólogo nos serviços públicos. Isso ocorreu quase que simultaneamente em três áreas distintas: na Assistência ou Promoção Social, na área de Recursos Humanos e na área da Saúde.

A efetiva contribuição do Curso de Psicologia da PUC Campinas, no início da atividade da psicologia na saúde pública é questionada neste depoimento:

... o grande “pontapé” na saúde pública de você prestar serviços à comunidade não vem do curso exatamente da PUC, ele, vamos dizer assim, acho que ele é mais originário da Prefeitura, do serviço público mesmo, [o secretário de saúde], Sebastião de Moraes, é quem começa o desenvolvimento da cidade de Campinas nos postos comunitários e aí o serviço de saúde mental de atendimento à comunidade. Ele tinha uma relação muito próxima com a PUC, com o Departamento Preventivo da PUC, não era de Psicologia, era medicina, e com a UNICAMP também. Tinha inclusive assim, uma disposição de formação de pessoal para atender na comunidade, tinha estágio, e tal. O estágio [curricular] de psicologia na comunidade vai começar bem depois; [em 78 começam os psicólogos] na Prefeitura de Campinas, o estágio começa em 85, e ele [o estágio oficial] veio acho que pressionar de alguma forma uma mudança interna de serviços clínicos na comunidade, psicologia, atenção, assim, por uma demanda da própria rede pública, dos concursos que alunos nossos prestavam por aí. (...) Hoje [2001] eu considero bem inserida, a psicologia da PUC nesse trabalho com a rede desde supervisões, ajudas, trocas que a gente faz. Então houve esse passo da PUC, não sei se foi pela defasagem (...), mas enfim, hoje eu acho que está bem restabelecido não só na área de clínica. Nós temos estágios da PUC na rede pública, na saúde, na assistência social, na educação, forense e organizacional (...) eu acho que hoje a gente consegue com o curso de psicologia a inserção na rede pública nessas várias frentes destes setores, acho que agora a gente tem alcançado legal isso. (F.C.B.C.).⁴⁹

⁴⁹ F.C.B.C. Florianita Coelho Braga Campos, Psicóloga, Professora da PUC Campinas e supervisionava grupos de alunos nos Centros de Saúde mantidos pela Universidade e Prefeitura. Foi assessora na Secretaria de Saúde de 2001 a 2004. Trecho da entrevista realizada em 23/08/2001, para o Vídeo *Psicologia no Serviço Público em Campinas – Reflexos da História*.

Este último relato dá uma idéia da relação histórica do Curso de Psicologia da PUC Campinas com o serviço público. Entretanto, é preciso compreender um pouco este contexto do processo de desenvolvimento da saúde no Município e retomar a história. No fim da década de 1970, a conjuntura política já era outra, era o início da abertura política, ainda sob cuidados dos militares. Aos poucos os movimentos sociais vão se recuperando do golpe e das perseguições e conseguem um mínimo de organização para exigir alguns direitos sociais. Neste contexto, surge o Movimento Municipalista de Saúde - os protagonistas foram os secretários de saúde de vários municípios, incluindo Campinas -, em resposta à crise na área da Saúde resultante do “milagroso” desenvolvimento econômico, pago pela população brasileira e graças às contradições de um Estado autoritário. É importante salientar que este foi um entre muitos outros movimentos de saúde que sempre estiveram presentes e sintonizados com momentos marcantes da política nacional desde então.

A partir de 1975, começam a surgir, particularmente no eixo Rio - São Paulo, movimentos organizados envolvendo profissionais de saúde e outros interessados no setor, tendo como pano de fundo a denúncia da crise do sistema, das más condições de saúde da população e da precariedade do exercício profissional. Entre os eventos que caracterizaram tais movimentos, podem ser citado, a estruturação do grupo de oposição sindical "Renovação Médica" a partir de 1975; a fundação do CEBES e da Revista Saúde em Debate, em 1976; a realização do I Congresso Paulista de Saúde Pública, em 1977; a realização do I Simpósio de Política Nacional de Saúde da Câmara de Deputados, em 1979; a fundação da ABRASCO, em 1980 e a realização das SESAC - Semanas de Saúde Comunitária, entre outros. (GUALART, 1995).⁵⁰

Em 1978, Campinas foi sede do I Encontro Municipal do Setor Saúde da Região Sudeste⁵¹, do qual participaram ativamente o Dr. Sebastião de Moraes⁵², que na época era Secretário Municipal de Saúde de Campinas, e Nelson Rodrigues dos

⁵⁰ Pesquisa disponível em <http://www.conasems.org.br/mostraPagina.asp?codServico=1202> consulta em 12/01/2005.

⁵¹ Este evento “foi organizado pelas Secretarias de Saúde dos municípios de Campinas, Londrina e Niterói, através de uma articulação realizada através do chamado ‘Projeto Andrômeda’”, que era composto inclusive por militantes do PCB. “O encontro de Campinas contou com a presença de 61 prefeituras, de 16 estados, embora seu âmbito fosse regional. A maior autoridade presente foi a do Secretário Estadual de Saúde, Walter Leser”. Disponível em <http://www.conasems.org.br/mostraPagina.asp?codServico=1202> consulta em 12/01/2005.

⁵² O Dr. Sebastião de Moraes, médico da especialidade gastro, que se articulou com os sanitaristas na década de 1970, assumiu a Secretaria Municipal de Saúde de Campinas (1977/1981), já falecido (20/10/1987), reconhecido como um importante militante do Movimento Municipalista de Saúde, também foi secretário em Itu-SP.

Santos⁵³, que também foi Secretário Municipal de Saúde em Campinas, ambos militantes e fundadores desse importante movimento que deu origem ao Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde – CONASEMS, em 1984. Esse encontro de Campinas fortaleceu a união dos municípios para assumirem conjuntamente compromissos para a solução de problemas de saúde a partir da formulação de algumas diretrizes: ênfase à Atenção Primária à Saúde, compartilhar responsabilidades com outros municípios, estados e União; foram planejadas ações em conjunto, que visavam conseguir recursos para as secretarias de saúde dos municípios e a ampliação da política de saúde, através de participação social; também foram discutidas outras políticas: nutricionais, posse da terra e aumento da renda. (GUALART,1995).

Este breve panorama histórico instiga a busca de outros aspectos da história da psicologia no serviço público municipal, de informações que se encontram na memória da população e também das entrevistadas, que contribuíram nas últimas três décadas para a construção coletiva das várias possibilidades de atuação da psicologia. O próximo capítulo aborda aspectos relacionados ao serviço público e à presente pesquisa para a compreensão de uma história da psicologia no serviço público em Campinas.

CAPÍTULO 4

A PSICOLOGIA NO SERVIÇO PÚBLICO EM CAMPINAS

4.1 O SERVIÇO PÚBLICO

O conceito de serviço público inclui qualquer atividade desenvolvida em órgãos públicos, com a finalidade de subsidiar os serviços - educação, saúde, energia, infra-estrutura e outros - oferecidos à população pelo poder público e que podem ser explorados diretamente ou mediante concessão. Esses serviços são prestados por iniciativa do Estado e também da sociedade civil. Pode-se considerar

⁵³ Nelson Rodrigues dos Santos, médico sanitário, Secretário Municipal de Saúde de Campinas, nomeado na Gestão do Prefeito José Roberto Magalhães Teixeira em 01/02/1983, permanecendo até 14/09/1988.

como serviço público toda atividade assegurada, regulada e controlada pelos órgãos públicos por ser indispensável à população e que não pode ser assumida senão por algum tipo de intervenção da força governante. (YOSHIKAWA, 2000).

Schmidt (2003) prefere estudar o assunto a partir das políticas públicas, entendendo-as como um *conjunto de objetivos, metas e sentidos* que compõem o planejamento dos governos. As políticas públicas, ao serem implementadas, se constituirão em ações que se materializarão nos serviços prestados em áreas diversas: saúde, educação, cultura, habitação, transporte, entre outras. A autora faz ainda uma distinção entre políticas públicas e políticas sociais, destacando que estas últimas emergiram principalmente dos movimentos sociais, e identificam-se com as políticas públicas por se constituírem em uma resposta à desigualdade social, dentro do quadro excludente de uma sociedade capitalista, na qual muitas regras são ditadas pelas políticas econômicas. Contudo, tanto as políticas sociais quanto as políticas econômicas compõem as políticas públicas graças à implementação da ideologia neoliberal adotada enfaticamente pelos governantes desde a queda do regime militar.

4.2. A PSICOLOGIA NO SERVIÇO PÚBLICO: UM CAMPO DE ATUAÇÃO PROFSSIONAL

Os estudos sobre o serviço público abordam o tema em diversas perspectivas; entretanto, para esta pesquisa, o serviço público será compreendido como um campo de atuação profissional do psicólogo, que comporta diversas especialidades e atividades da psicologia. Os psicólogos podem ser encontrados ocupando cargos públicos com várias nomenclaturas e executando atividades diversas que condizem ou não com a descrição/função destes cargos, ou mesmo com atividades da psicologia. Em 2002, havia aproximadamente 160 profissionais com graduação em psicologia trabalhando na Prefeitura Municipal de Campinas⁵⁴. Essa diversidade encontrada certamente nos remete a questões de identidade profissional dos psicólogos, cuja discussão será tratada em outra oportunidade.

⁵⁴ Informação fornecida em 2002 sob consulta informal realizada no Departamento de Recursos Humanos da Prefeitura Municipal de Campinas. Dados obtidos após atualização cadastral dos funcionários públicos no início de 2002. Na época a Prefeitura contava com cerca de 10.000 funcionários.

Nesta tese serão considerados os depoimentos das entrevistadas que foram contratadas como psicólogas, cuja contratação dependia da graduação em psicologia. Para uma compreensão mais ampla das condições propícias ao ingresso dos profissionais de psicologia no serviço público, torna-se necessária uma breve contextualização do percurso dos profissionais da psicologia nos órgãos públicos no Brasil.

De acordo com a revisão de literatura realizada⁵⁵ para conhecer a história da inserção dos primeiros profissionais de psicologia no serviço público, o processo se desenvolveu mais intensamente nas últimas três décadas. Porém, conforme indicou Antunes (1999), no início do século XX, estes profissionais estavam vinculados basicamente à educação e, posteriormente, à orientação vocacional nas escolas profissionalizantes. Os estudos disponíveis indicam a criação dos laboratórios de psicologia nas escolas e a criação de órgãos, como o Departamento de Administração do Serviço Público - DASP, durante o Governo de Getúlio Vargas; e o Instituto de Seleção e Orientação Profissional – ISOP, da Fundação Getúlio Vargas, que influenciaram a implementação das atividades de orientação vocacional em todo o País. Vale lembrar que no início o psicólogo era principalmente um trabalhador que atuava no serviço público e em instituições de ensino. Nas entrevistas realizadas constata-se que isso ocorreu também em Campinas até meados da década de 1960 na área educacional. Foram citados profissionais admitidos na escola profissionalizante do SENAI, no Colégio Técnico Bento Quirino, na Escola Normal Cargos Gomes e na Escola Preparatória de Cadetes. Estes profissionais estiveram voltados para as atividades de Orientação Vocacional e Educacional; posteriormente à regulamentação da profissão, foram reconhecidos como Psicólogos pelo MEC e, mais tarde, pelo Conselho de Psicologia.

No que diz respeito à entrada dos profissionais de psicologia na Saúde Pública, existem alguns trabalhos significativos como o de Carvalho e Yamamoto (2004). Esses autores apontam para uma análise da ideologia neoliberal, na base das políticas públicas, que incluíram a psicologia entre os serviços oferecidos à população e deram início a uma profunda alteração na política de saúde mental no

⁵⁵ Dentre os autores estudados destacamos: Lima (2005) Carvalho e Yamamoto (2004), Bucher (2003), Schmidt (2003), Spink (2003) Campos (2000) e Antunes (1999).

país, a partir da década de 1970. Essa mudança teria sido provocada pela falência do “milagre econômico brasileiro” e pela conseqüente necessidade de reduzir os custos dos poucos serviços de saúde prestados pelo poder público e, ao mesmo tempo, de ampliar a assistência à saúde, mesmo que fosse pelas vias da privatização. Porém, com a reorganização dos movimentos populares, forma-se uma oposição a essas políticas de saúde e como resultado surgem novas reformulações baseadas em experiências americanas e européias. O contexto foi analisado da seguinte forma:

A inserção do psicólogo no setor público de saúde dá-se em um momento em que o modelo médico privatista-assistencial estava em franca decadência. Almejava-se desenvolver redes de serviços alternativos ao hospital psiquiátrico, que fossem concomitantemente mais eficazes e de menor custo. O interesse dos órgãos públicos por psicólogos decorre da constatação de que o psiquiatra não poderia modificar o quadro assistencial tradicional, necessitando-se, assim, de grupos multiprofissionais. (CARVALHO e YAMAMOTO, 2004, p. 3).

Outros fatores também contribuíram para incentivar os psicólogos - uma profissão que se consolidou em plena ditadura militar, com uma ampliação rápida de vários cursos em todo o país - a se inserirem no serviço público. Era preciso enfrentar uma crise econômica, fruto do “pós-milagre brasileiro”. O mercado de trabalho era restrito para o profissional liberal que atuava com psicologia clínica em consultório particular. Por outro lado, já havia uma insatisfação com o papel do psicólogo e uma *crítica feita à psicologia clínica tradicional, por não apresentar um significado social, motivando o surgimento de práticas alternativas que fossem socialmente mais relevantes. (CARVALHO e YAMAMOTO, 2004, p. 3).*

Neste contexto, os locais que primeiro absorveram os psicólogos foram os hospitais, os centros de saúde e, mais tarde, os ambulatórios. Deu-se início a uma busca de novas formas de atuação, e a repetição de modelos tradicionais foi inevitável. Primeiro porque estavam praticamente subordinados ao modelo médico, dos “psiquiatras de plantão”, e segundo por não terem recebido uma formação adequada para enfrentar as demandas sociais que se apresentavam. Era preciso inventar novas possibilidades para exercer a profissão no serviço público de acordo com as demandas e espaços que surgiam.

Na década de 1970 foram contratados os primeiros psicólogos na Prefeitura Municipal de Campinas, nas áreas de assistência, organizacional e saúde pública. A Secretaria de Promoção Social foi a área que contratou a primeira psicóloga em 1974. O trabalho consistia em desenvolver e assessorar os projetos assistenciais da secretaria. Por muitos anos, e até recentemente, os profissionais de psicologia do serviço público municipal eram enviados a diversas entidades filantrópicas e a outras instituições conveniadas para prestarem trabalho. Em 1977, na Secretaria de Administração foi criada uma Gerência, com status de departamento, que ficou conhecida como Gerência de Desenvolvimento de Recursos Humanos GDRH. Esta gerência era ocupada por uma psicóloga que implantou as atividades tradicionais da psicologia em Recursos Humanos, como seleção de pessoal e treinamento. Esta profissional foi a responsável pela contratação de uma equipe de três estagiárias de psicologia, as quais mais tarde se efetivaram na Prefeitura. A Secretaria de Saúde, em 1978, contratou as primeiras psicólogas para atuarem na saúde pública municipal, a princípio em escolas municipais e em alguns Postos de Saúde, no mesmo ano foram atuar também no Ambulatório Municipal de Saúde Mental, local onde permaneceram, de certa forma, vinculadas até 1989. Em 1980, o Estado instalou o seu Ambulatório de Saúde Mental na cidade, o qual também funcionou por cerca de dez anos. Com a municipalização da saúde e o fechamento dos dois ambulatórios, esses profissionais de psicologia retornaram aos Centros de Saúde, no início da década de 1990. Houve mais contratações e passaram a compor equipes de Saúde Mental, além de fornecerem suporte a outros programas, a exemplo do Programa de Saúde da Família de Campinas - PAIDÉIA. Os psicólogos da Secretaria de Saúde continuam sendo em maior número (em 2002 existiam por volta de 60 profissionais com o cargo de Psicólogo Clínico) e se encontram lotados também nos centros de referência secundária, como o Centro de Atenção Psicossocial - CAPs, o Centro de Vivência Infantil - CEVI e outros.

Bucher (2003) chama a atenção para o conceito de Psicologia da Saúde, como um novo campo de atuação profissional de psicologia, procurando identificar suas principais demandas sociais e suas políticas públicas, ao mesmo tempo em que analisa o desenvolvimento da psicologia nesta área no Brasil, fazendo um histórico da sua constituição. A autora percebe que a atuação neste campo exige do psicólogo um conhecimento multidisciplinar, mas também possibilita o desempenho

de um conjunto amplo de atribuições. Conclui que se trata de um campo ainda em construção e que demanda do psicólogo a ampliação do conhecimento da realidade social, esta que se apresenta cada vez mais complexa.

Ao entrar em contato com os depoimentos das psicólogas que forneceram suas memórias para a construção de uma História da Psicologia em Campinas, ficou evidente que se estava diante de uma contribuição relevante também para a história da psicologia no país. Torna-se de vital importância conhecer a imagem dos próprios profissionais desse campo de atuação, que é o serviço público, por este estar em constante construção e abrigar muitas especificidades de relevância social, desconhecidas para a maioria dos psicólogos.

CAPÍTULO 5

TRAJETÓRIA DAS ENTREVISTADAS: UMA VISÃO PANORÂMICA

5.1. AS ENTREVISTADAS

Pretende-se neste capítulo identificar as imagens das entrevistadas contidas nos relatos relacionados com a trajetória pessoal e profissional. Foram considerados tais aspectos: sua origem, como e quando entrou em contato com a psicologia, sua formação, como esta se tornou sua profissão, seus planos de ingresso na carreira, seu projeto pessoal de realização profissional, como compreende seu papel enquanto profissional de psicologia e como vivenciou o desenrolar dos acontecimentos históricos.

Para obter uma visão panorâmica das psicólogas que forneceram os depoimentos, buscou-se identificar os seguintes aspectos em comum das entrevistadas: a escolha da profissão, o que destacam em suas memórias do período da graduação, a continuidade dos estudos, as atividades relacionadas à psicologia antes de ingressarem no serviço público, a entrada na Prefeitura Municipal de Campinas, as atividades realizadas, as modificações e as possibilidades de realização profissional.

As oito psicólogas entrevistadas nasceram entre 1948 e 1956. Embora apenas duas tenham nascido em Campinas, todas estudaram na PUC Campinas e concluíram o Curso de Psicologia na década de 1970 (entre 1972 e 1979). Na época em que os depoimentos foram fornecidos (2001), uma já estava aposentada e as outras sete trabalhavam na Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura de Campinas. Todas possuem, portanto, mais de vinte anos de profissão. (Anexo D)

5.1.1 A escolha da profissão

Do ponto de vista da escolha da profissão, as entrevistadas manifestaram que a opção desde o início foi pela psicologia, apesar de alguns familiares tentarem influenciá-las com sugestões de outras profissões; a decisão teria sido fruto de um desejo e de influências recebidas durante a formação de Ginásio e/ou Colegial, conforme exemplos:

Eu sempre quis ser psicóloga. Influência de professores do ginásio. Eu estudei em colégio de freiras a vida inteira, onde tinha uma professora que dava Psicologia para a gente e eu gostava. Gostava da professora e das coisas que ela falava, então fiquei meio influenciada, e nunca quis fazer outra coisa. Eu prestei vestibular em Medicina na mesma época, fui aprovada, mas eu não queria fazer Medicina. A minha mãe queria que eu fizesse Medicina. Então eu falei: "Se eu passar na Psicologia, posso cursar?" "Pode". Então passei em Psicologia. (M.I.N.M.)

Quanto à influência para fazer Psicologia, eu acho que foi de uma professora de colegial, porque na época, na minha casa, mulher tinha que ser ou professora (risos) ou qualquer coisa do gênero. O meu pai achava que eu devia ser advogada porque ele achava que eu tinha um poder de persuasão muito grande. (M.G.C.O.)⁵⁶

Uma entrevistada comentou que seu pai sempre quis ser médico, mas nunca teve a oportunidade de estudar e tentou influenciá-la perguntando se ela “tinha certeza que não queria ser médica”. Em seu depoimento ela retrata um destes

⁵⁶ M.G.C.O. Maria da Glória Coelho de Oliveira, trabalhou no ambulatório de Saúde Mental do Estado desde 1980, ingressou na Prefeitura em 1989. Atua na equipe de Saúde Mental do Centro de Saúde de Barão Geraldo e no CAPs Estação. Entrevista realizada em 14/05/2001.

momentos: “Eu estava no quarto ano, com o diploma de licenciatura na mão, e ainda ele insistia. *Isso foi uma coisa que me marcou bastante.* (R.F.V.).⁵⁷

Por estes exemplos podem ser observados dois aspectos: parece que na época, no imaginário das famílias dessas entrevistadas, os cursos que estas deveriam cursar eram exatamente os tradicionais (Medicina, Direito, Magistério). E os conhecimentos psicológicos transmitidos pelos cursos ginásial e colegial podem ter sido decisivos nas escolhas feitas por estas psicólogas ao despertarem o interesse pela disciplina e pela profissão.

5.1.2. Lembranças da graduação

Algumas entrevistadas recordaram aspectos que consideraram significativos da época de formação, os quais podem ter influenciado escolhas ou opções que realizaram ao longo de suas vidas profissionais no serviço público. Trouxeram à mente a imagem de professores, disciplinas, atividades, experiências que vivenciaram durante a formação. Uma delas, formada em 1976, lembrou vários professores:

[Em Psicologia Social] era o Jorge (...), mas foi por um curto período de tempo. Psicologia Social foi uma questão marcante, eu diria até que determinou a minha procura pelo serviço público, após o término do curso. Um outro professor muito interessante foi o Dr. Roberto Pinto de Moura⁵⁸, que é um psicanalista reconhecido, muito competente. Eu o admiro muito. O Ivan Roberto Capelato⁵⁹ também foi meu professor. Esses profissionais foram marcantes para mim também com relação à minha trajetória no curso da Pós Graduação, pois me ajudaram a nortear a minha vida profissional, em qual linha eu deveria trabalhar. (C.C.P.T.S.).⁶⁰

A lembrança do momento político também aparece de forma marcante. As entrevistadas guardam imagens que caracterizam esse período: o controle, a burocracia refletida na organização exagerada na busca da eficiência, tudo devia estar “direitinho”; conforme depoimento abaixo:

⁵⁷ R.F.V. Rosângela Fátima Villar, Psicóloga da Prefeitura desde 1983. Coordenou o Ambulatório de Saúde Mental e atualmente coordena o SADA – Serviço de Apoio às Dificuldades de Aprendizagem. Entrevista realizada em 26/06/2001.

⁵⁸ Dr Roberto Pinto de Moura, psiquiatra e psicanalista.

⁵⁹ Ivan Roberto Capelato, psicólogo e psicoterapeuta familiar de orientação lacaniana; será citado em outros momentos pelas entrevistadas.

⁶⁰ C.C.P.T.S. Celiana Costa Pinheiro Telles Silva, Psicóloga da Prefeitura desde 1978, atua no CEVI - Centro de Vivência Infantil. Entrevista realizada em 24/06/2001.

Eu cheguei à PUC no período da repressão política. Então ali era tudo muito controladinho, tudo direitinho. (risos) O diretor na época era o Saulo Monte Serrat, (...) a faculdade não me decepcionou, pelo contrário. Foi uma experiência construtiva. Quanto aos professores que mais me chamaram atenção, na época, eu posso citar o Ivan Capelato, que foi muito importante na minha vida profissional, no quinto ano. Quer dizer, foi o que determinou os pontos que eu tomei depois, foi ter feito aula com ele. É isso o que eu posso falar da PUC. (E.M.G.L.F.).

Por outro lado, houve quem não atribuísse importância a seus mestres na sua vida profissional, embora lembrasse dos mesmos:

Sabe o que é engraçado? Eu acho que nenhum deles me marcou profundamente, nem para o lado bom, nem para o lado ruim. Talvez, do lado bom quem mais tenha me marcado foi o Jorge, um mexicano que chegou aqui no Brasil naquela época, começou a dar aula na PUC e foi professor na minha turma de Psicologia Social e depois, no quarto ano, de alguma outra disciplina nessa linha da social também. (...) A gente foi fazer pesquisa de campo com ele em favela, foi o cara que de fato teve uma importância. Fora isso, eu acho que eu forçaria muito a barra, entendeu? (risos) Claro que tem o Roberto Pinto de Moura, a Fantina, a Regina Carvalho, tem umas figuras que a gente sempre vai lembrar como a Maria Emília, mas não que eles tenham uma importância para mim. (R.P.T.L.)

As entrevistadas ingressaram no curso de psicologia da PUC Campinas, em pleno período de repressão e fechamento das instâncias de participação, quando o curso estava sendo reestruturado, com uma dinâmica certamente muito diferente das turmas anteriores, mesmo assim as percepções e imagens guardadas do momento foram bastante distintas e ao mesmo tempo complementares.

5.1.3. A relação entre a formação e o exercício profissional

Duas entrevistadas atribuíram importância ao conhecimento adquirido na Faculdade para o exercício da profissão, inclusive nas atividades relacionadas ao serviço público.

Na época a minha formação com trabalho em grupo era o que a graduação possibilitou. Eu tinha noções de psicodrama, então eu realizava algumas técnicas (...) Foi somente o que a Universidade propôs

no currículo. Naquela época o psicodrama estava como uma das opções para os alunos. (...) [o professor era] o Landini⁶¹. (C.C.P.T.S.)

(...) Normalmente, o referencial teórico de atendimento à família era grupo cooperativo, e eu atendia com as crianças na linha kleiniana, que era a minha formação da Faculdade nessa época. Somente mais tarde eu fiz formação em psicodrama, mas na época era linha kleiniana. Então a gente tinha a caixa de ludo do grupo e tal. (M.G.C.O.)

Depois de sair da Faculdade, a maioria das entrevistadas deu continuidade à formação basicamente para o aperfeiçoamento profissional na área clínica, mas com possibilidade de implementação no serviço público de saúde:

*Logo que me formei, em 72, eu fui para São Paulo. Fiz cinco anos de análise como o Dr. Manoel Munhoz, já falecido. (...) fui fazer a minha **Pós Graduação na área clínica infantil** [no Sedes]. (M.I.N.M.)*

*Depois eu fiz alguns cursos. Eu me especializei em Melanie Klein, Psicologia do Desenvolvimento. Eu estava sempre participando do grupo de estudos de Lacan, aprofundando-me na linha lacaniana. Depois de algum tempo [em 1986], eu fui para a Unicamp, fazer dois anos de **especialização em família**, porque a semente da família ficou plantada para mim durante a Faculdade. Queria compreender ainda mais as relações familiares e a sua importância na Psicologia. Tudo isso resultou em uma soma, pois até hoje eu trabalho com esta temática. Estou no CEVI, mas trabalho com as famílias das crianças que o CEVI atende. (C.C.P.T.S.)*

*Depois da Faculdade, eu fiquei fazendo alguns cursos, pois a princípio a minha idéia era montar um consultório. A formação da PUCC aqui é a questão do consultório e eu estava me preparando para isso, mas entrei em contato com outras psicólogas da Companhia Paulista de Força e Luz, e me convidaram para fazer um estágio lá. Apesar de ser uma área que não era do meu interesse na faculdade, eu fiquei lá. (...) a **especialização** que eu fiz foi [mais tarde] sobre a questão da **psicologia da mulher**. Fiz com o Dr. Roberto [Pinto de Moura], em seu consultório particular. Ou então, de sábado eu ia a casa dele. (R.B.R.)⁶²*

*Logo que eu me formei eu fiz o **curso Di Loretto**, que uma parte acontece na clínica da Leila Lombardi. Eu fiz quase quatro anos de curso. Era um curso mensal, de orientação kleiniana, e para criança e*

⁶¹ Dr. José Carlos Landini, Psiquiatra e psicodramatista, fundador e criador do IPPGC - Instituto de Psicoterapia e Psicodrama de Grupo de Campinas em 1976.

⁶² R.B.R. Rosana Biageoli Rimoli, ingressou na Prefeitura em 1978, sendo uma das primeiras a serem contratadas na Secretaria da Saúde. Atualmente trabalha como psicóloga no Centro de Saúde I, Barão de Jaguara da Secretaria Municipal de Saúde. Entrevista realizada em 26/06/2001.

adolescente. Depois eu fui fazer um curso da doutora Amélia, em São Paulo, que também é para criança, e de orientação kleiniana. (I.S.Z.)⁶³

(...) me formei, não consegui ser empregada de imediato, então eu fui fazer curso de **especialização em adolescente** na Unicamp. Eu sou segunda ou terceira turma de adolescente da Unicamp. Um pouco antigo! (risos) Agora o curso é dois anos, mas na minha época ainda era um. Como eu continuei vinculada ao grupo do Ivan Capelato, no mesmo período fiz também um trabalho de um ano no [Hospital] Boldrine com criança terminal. Também foi um trabalho gratuito, como o estágio. Concomitante a isso eu fazia o curso de adolescente. (E.M.G.L.)

Duas entrevistadas fizeram Especialização em Psicodrama e apenas uma fez Especialização específica em Saúde Pública, chegando a cursar também Mestrado em Educação, mas sem concluí-lo:

Formei-me em 78 e aí, em 79 apareceu um curso, era um convênio do Ministério da Saúde, Secretaria Estadual e UNICAMP. Eles selecionaram cinco psicólogos, cinco psiquiatras e cinco assistentes sociais, para fazer um curso de formação chamado Psicologia Comunitária. A idéia era utilizar esse pessoal nas chamadas equipes mínimas, para montar o ambulatório de saúde mental [do Estado]. Durante o ano de 79 fiz uma pós-graduação senso lato, ou seja, um curso de **especialização em saúde mental comunitária**. Na época o diretor desse curso era o Maurício Nobel. (...) Na área acadêmica eu fiz uma **especialização em psicodrama** e em Saúde Pública na UNICAMP [1986]. (...) Depois, em 88, eu entrei no **mestrado em Educação**, aqui na UNICAMP, para discutir a questão do fracasso escolar, um tema que me interessava muito, era a minha vida. (...) Eu não conclui. Eu fracassei. (risos) Eu brincava com o meu tema de estudo. Eu fiz os créditos, mas na hora de fazer a tese mesmo eu desisti. Eu não conseguia encaixar, porque realmente eu até estudo, mas este enquadre acadêmico é muito pesado. Eu brincava que o meu estilo de escrever era muito de jeans para o tailleur da tese. (M.G.C.O.)

(...) eu fiquei um tempo muito insatisfeita com tudo [relacionado à formação comportamental] e não conseguindo achar alguma outra coisa. Depois que eu me formei, comecei a fazer supervisão em linha mais analítica, mas também não consegui me identificar com a linha, depois é que eu fui descobrir o psicodrama, como paciente, inclusive. Primeiro eu fui paciente na psicanálise e também não gostei. Fiz dois anos de psicanálise, mudei para o psicodrama, e como paciente de psicodrama eu resolvi estudar **Psicodrama**, aí fui fazer minha formação nessa área. (R.P.T.L.)

⁶³ I.S.Z. Isabel Santiago Zacarias, ingressou na Prefeitura como estagiária na Secretaria de Administração em 1977, foi efetivada como funcionária em 1978, foi trabalhar na Secretaria de Saúde, no Ambulatório Municipal. Atua como Psicóloga no CEVI - Centro de Vivência Infantil, na Secretaria Municipal de Saúde. Entrevista realizada em 07/06/2001.

Os relatos demonstram uma preocupação com o aperfeiçoamento profissional continuado, para o desenvolvimento do exercício profissional no serviço público. O que na maioria das vezes foi feito por iniciativa de cada entrevistada. A diversidade das especializações citadas também exemplifica as várias possibilidades de atuação da psicologia.

5.1.4. Experiência profissional antes do serviço público

Antes do ingresso na Prefeitura, as entrevistadas já haviam exercido atividades relacionadas à psicologia: estágios ou trabalho em seleção de pessoal, exame psicotécnico e clínica particular, o que indica alguma experiência anterior que foi agregada ao serviço público. Essas informações foram lembradas da seguinte forma:

(...) me formei, em 72, eu fui para São Paulo. (...) Fui contratada durante quatro anos para trabalhar na Prefeitura de São Paulo na área de Bem-Estar Social, (...) Secretaria Municipal do Bem-Estar Social. Era um trabalho diferente daquele que eu tinha vontade de fazer, mas era um emprego e eu precisava trabalhar, pois até então eu vivia à custa de meus pais. A minha atividade era a seleção de motorista de táxi. Naquela época era uma obrigatoriedade o psicotécnico e a Prefeitura é que estava realizando. (M.I.N.M.)

(...) antes disso [da Prefeitura], eu trabalhei durante oito meses num psicotécnico. Naquela época, na verdade, esse era o caminho de entrada para o mercado de trabalho. Para muita gente foi assim. A gente passava pelo psicotécnico primeiro, para fazer a aplicação do PMK e a avaliação. (C.C.P.T.S.)

Eu me formei em 76. Aí eu fui para uma indústria, fiz um estágio antes na Companhia Paulista de Força e Luz... (...) Um diretor da Companhia Paulista foi quem me encaminhou para esse emprego nessa indústria. Fiquei lá pouco tempo, porque eu já tinha feito uma entrevista na Prefeitura, na Secretaria da Saúde. Era uma indústria de móveis, uma indústria de pequeno porte, de médio porte, a Rua Gomes. Tinha a fábrica na Vila Industrial. (...) Havia me encontrado com um dos diretores de lá, e ele me apresentou ao Antonio de Mendonça, que queria implantar o serviço de recrutamento e seleção dentro da indústria dele, porque o programa de recrutamento de lá era feito pelo contador e ele tinha problemas. (R.B.R.)

Em 77, que era o quinto ano, eu fazia estágio na Prefeitura, no setor de RH, na Secretaria de Administração. (...) era um estágio de um ano, um estágio de 20 horas semanais, são quatro horas por dia. Quando acabou o estágio, acabou o ano, acabamos as faculdades, nós, estagiárias, iríamos continuar, seríamos contratadas. Mas eu pedi para ser transferida para a Secretaria de Saúde. (I.S.Z.)

Pode-se observar que, para o exercício imediato da profissão e ingresso no mercado de trabalho, na década de 1970, um dos caminhos mais freqüentes foi a área organizacional. Estávamos em pleno “milagre brasileiro”, proporcionado pelo regime militar da época. Quanto aos investimentos em consultório particular, estes também eram freqüentes, e as escolhas das duas entrevistadas abaixo podem ser consideradas exceções:

Não tinha emprego [quando me formei em 1978]. Eu trabalhava como estagiária na Prefeitura. (...) Eu estagiei no Posto de Saúde Aparecidinha (...) Eu não tinha retaguarda da universidade. Eu fui para o centro de saúde porque eu queria, porque eu achava que era interessante. Fui buscar o estágio, consegui, e como lá já trabalhava um psiquiatra, nós dois fizemos uma dupla. Havia também duas moças de Ciências Sociais da Unicamp, que estagiavam lá. Então nós quatro desenvolvemos um trabalho comunitário muito gostoso. Demos prioridade para as crianças de primeiro ano da escola. (...) Tinha contato com o bairro, a gente ia à noite, tocava violão, saía no teatrinho com as crianças... Foi um período muito gostoso mesmo. Além da Prefeitura eu tinha um outro estágio que era no Instituto Dom Nery, onde eu trabalhava com adolescentes. Este sim tinha a supervisão da Antônia, que era professora da PUC, que me assessorou no trabalho de lá. Mas tudo como estagiária, nos dois serviços. (E.M.G.L.F.).

No fim de 79, surgiu o concurso para o Estado e aí eu fui selecionada para ser psicóloga desse Ambulatório de Saúde Mental em Campinas, que era o primeiro do Estado. (M.G.C.O.).

Esta última entrevistada trabalhou desde 1979 para o Estado, atuou no Ambulatório de Saúde Mental do Estado inaugurado em Campinas em 1980, participou, portanto desde o início das atividades de psicologia na saúde pública na cidade, então como funcionária do Estado. Em 1989, prestou concurso para a Prefeitura e foi contratada pela Prefeitura pouco tempo antes da municipalização⁶⁴ da Saúde, mudança que ocorreu em Campinas nessa época. Sabe-se que hoje ainda existem cidades de grande porte, com bem mais de um milhão de habitantes, como Salvador-Ba, que ainda não processaram a municipalização da Saúde.

⁶⁴ “**Municipalização**: é um passo importante de descentralização, em que a gestão se desloca do nível federal e estadual para o nível municipal, levando à maior responsabilização na promoção das ações diretamente voltadas para seus cidadãos”, processo ocorrido em Campinas a partir de 1989, operacionalizada na primeira gestão do Partido dos Trabalhadores, disponível em http://www.campinas.sp.gov.br/saude/o_sus_cps.htm consulta 10 de janeiro 2004.

5.1.5. O ingresso no serviço público

Duas entrevistadas (R.P.T.L. e M.I.N.M.) ingressaram na Prefeitura, em 1977, a princípio para trabalhar na Secretaria de Promoção Social e somente depois de alguns anos foram transferidas para a Secretaria de Saúde. No ano seguinte, 1978, três entrevistadas ingressam na Secretaria Municipal de Saúde. E na década de 1980, entraram as outras três entrevistadas (1983, 1984 e 1989). Portanto, a data de ingresso na Prefeitura das entrevistadas variou entre 1977 e 1989, conforme documentos internos e, segundo informações de algumas entrevistadas, Márcia Libertini⁶⁵ foi a primeira psicóloga a ingressar na Prefeitura Municipal de Campinas em 1974 na Secretaria de Promoção Social: (...) *a Bel e a Márcia Libertini já estavam. (...) Isso. Logo perto de mim [Raquel] entrou a Elzinha, a Elza Mazotta, que hoje está no [Centro de Saúde] Santa Odila e a Nali, que também era da minha turma [da Faculdade].* (R.P.T.L.). A entrevistada lembra nomes de psicólogas que não foram entrevistadas, porque vários profissionais de psicologia foram contratados no fim da década de 1970. Só na Secretaria Municipal de Saúde ingressaram cinco psicólogas em 1978 - algumas foram para os Postos de Saúde e outras foram contratadas exclusivamente para o Ambulatório Municipal de Saúde Mental, inaugurado nesse mesmo ano (1978).

Quando a maioria das entrevistadas ingressou na Prefeitura não existia o processo de concurso público; o sistema de contrato era de acordo com as normas da Consolidação das Leis Trabalhistas - CLT. A admissão era feita por indicação e por um processo de seleção de pessoal que, embora fosse realizado por psicólogos, muitas vezes era apenas uma etapa de formalidades⁶⁶. As lembranças do ingresso na Prefeitura estão vivas na memória de todas as entrevistadas, conforme depoimentos:

⁶⁵ Márcia Libertini encontra-se aposentada e devido a seqüelas de um acidente que afetou sua memória, fomos informados que a mesma não poderia ser entrevistada. E a informação de que ela foi a primeira contratada na Prefeitura foi confirmada nos registros internos da PMC.

⁶⁶ Este sistema vigorou até a Constituição de 1988 e somente na primeira gestão do PT foi instituído novamente o sistema estatutário e o processo de concurso público. A Prefeitura Municipal de Campinas possuía um Estatuto do Servidor desde 1955, que ainda vigorava neste período para alguns funcionários remanescentes (não optantes pelo sistema CLT), mas que de fato funcionava para alguns casos de licenças, empréstimos de funcionários e outros casos, a critério sempre das chefias e dirigentes.

Depois, como eu estava um pouco cansada de morar em São Paulo, vim para Campinas novamente [1977], quando fui convidada por uma amiga que já estava na Prefeitura de Campinas como psicóloga, que era minha colega de classe, a Márcia Libertini. (...) Ela sabia que tinha uma vaga lá para trabalhar nessa área de capacitação, de treinamento, então ela me indicou e eu fui contratada, porque naquele tempo era contratação, não tinha concurso público. (M.I.N.M.).

(...) em abril de 77, eu entrei na Prefeitura. Mas eu não vim trabalhar na saúde, eu fui trabalhar na área de Promoção Social. Não era a área que eu queria, mas foi a que eu consegui. Eu tinha muito desejo ou de ir para a área da Saúde ou para da Educação, mas não tinha vaga, era difícil. (R.P.T.L.).

A entrevistada que estagiara na área de Recursos Humanos foi contratada de imediato para trabalhar na Secretaria Municipal de Saúde, mais especificamente no Ambulatório Municipal de Saúde Mental, inaugurado em 1978. O que demonstra certa contradição não explicada durante os depoimentos, porque E.M.G.L.F foi contratada anos depois, entretanto realizava um estágio voluntário nesta época em um Centro de Saúde, conforme seu relato na página anterior. Neste mesmo ano, mais duas entrevistadas (C.C.P.T.S. e R.B.R.) também foram admitidas na Secretaria de Saúde, além da efetivação de I.S.Z. Nos relatos, as entrevistadas lembram como entraram no serviço público:

Ingressei no Serviço Público em 1978, precisamente em março. Inicialmente eu fui contratada para a saúde. Aliás, eu fui uma das primeiras psicólogas na área da saúde em Campinas. Naquela época, éramos eu e Rosana (...), apenas. Depois surgiram outras psicólogas na Prefeitura, que foram pedindo para ingressar no setor de saúde. Há algumas pessoas que participaram do início de todo o processo e pertencem ainda ao quadro de funcionários. (C.C.P.T.S.)

Em 78, eu fui contratada como psicóloga pela Secretaria de Saúde, para o Ambulatório de Saúde Mental. Quando eu fui contratada oficialmente, com contrato assinado, ainda não existia o ambulatório. (...) por isso eu fiquei uns 15 dias na Secretaria de Saúde, lendo livros... (risos) Lia, lia... Ficava lá sentada fazendo nada. Desde o começo a minha intenção era trabalhar com criança, mas aí falaram que não, só tinha vaga para trabalhar com alcoolismo. Eu falei: "Ai, meu Deus do céu, vamos nessa". Fiquei trabalhando com alcoolismo durante mais ou menos um ano... (I.S.Z.)

Eu já havia conversado com a Prefeitura, já tinha entrado em contato com a Saúde, para uma possível contratação, mas como as coisas estavam demorando muito, aceitei o convite e fui trabalhar na indústria.

Quando eu estava trabalhando lá, o Mauro me telefonou, marcamos uma entrevista e eu fui falar com ele. Ele me mostrou um programa sobre a proposta de se contratar psicólogos para que a gente atuasse nas escolas municipais... (R.B.R.)

Os relatos das cinco entrevistadas, que foram contratadas na década de 1970, evidenciam o quanto a necessidade de ingressar no mercado de trabalho foi importante para elas, apesar de o serviço público não oferecer na época uma possibilidade de atuar de acordo com suas expectativas iniciais, mas ser apenas uma oportunidade concreta de atuar na profissão. As entrevistadas que ingressaram na década de 1980 entraram em outro contexto, visto que já existia uma demanda específica e suas experiências anteriores foram aparentemente determinantes em suas contratações conforme os relatos a seguir:

Em 83 eu já estava com o meu segundo filho, quando eu fui contratada pela prefeitura para trabalhar no Ambulatório de Saúde Mental, que ainda funcionava na casinha da [Rua] Álvaro Ribeiro, não era nem na [Avenida] Abolição. Quando fui conversar com o coordenador, o doutor Mauro Naves, que eu já conhecia de estágios que eu havia feito no [Hospital Psiquiátrico] Bierremback durante um ano e pouco, ele me perguntou o que eu fazia, do que eu gostava, e ele me disse que eu tinha vindo a calhar, porque ele tinha uma fila de espera muito grande de crianças para serem atendidas por questões de aprendizagem, e naquele momento não havia praticamente ninguém que trabalhasse com isso. (R.F.V.)

Eu fui [para a Inglaterra] em 80 e voltei em 84. O curso de adolescente eu fiz em 80. Aí eu fui para a Unicamp, conversei com umas pessoas lá que eu já conhecia, consegui ficar como aluno ouvinte. Depois eu fui fazer alguns cursos na área da Educação, participei da seleção para ingressar na Prefeitura. Nesse ínterim eu estava direcionada para a saúde pública, eu fui para São Paulo fazer um curso no SEDES sobre atendimento de família. E juntando todas as minhas experiências, eu consegui entrar no ambulatório e fazer um trabalho interessante. (E.M.G.L.F.)

Em 88, quando a Prefeitura do PT assumiu Campinas, houve um grande concurso, eu acredito que tenha sido o maior concurso para psicólogo que teve na Prefeitura de Campinas, sendo abertas umas 30 vagas para psicólogo, e eu prestei o concurso na Prefeitura, me exonerei do Estado e passei a trabalhar na Prefeitura Municipal de Campinas, em agosto de 89. Eu entrei junto com essa leva de psicólogos, e fui trabalhar no Centro de Saúde do Jardim Aurélia, onde eu fiquei também depois mais 10 anos até vir no ano passado para o Centro de Saúde de Barão Geraldo. (M.G.C.O.)

De acordo com os depoimentos das entrevistadas, os processos de ingresso foram marcantes conforme a época. A maioria não esclareceu detalhadamente como soube da vaga, mas todas deixaram evidentes as formas de processos seletivos variados, apenas uma entrevistada entrou via concurso público.

Ao entrar em contato com os relatos destas entrevistadas, pode-se observar o interesse pela profissão e pelo aperfeiçoamento do conhecimento recebido na graduação. Transmitem uma imagem de pessoas comprometidas consigo mesmas em suas escolhas. Fica evidente a iniciativa pessoal, o investimento e o empenho de todas para exercerem a profissão, denotando que ingressaram no serviço público com a expectativa de que este fosse um campo de trabalho no qual seria possível ocorrer a realização profissional, mas isto ficará mais claro na trajetória destas psicólogas no serviço público.

5.2. TRAJETÓRIA DAS ENTREVISTADAS NO SERVIÇO PÚBLICO MUNICIPAL

Ao analisar aspectos da trajetória das psicólogas entrevistadas, destacam-se diretrizes, projetos e influências recebidas durante a atuação destas profissionais e que podem ter determinado o desenvolvimento das atividades de psicologia no Serviço Público Municipal. Pretende-se identificar alguns aspectos do processo histórico de ingresso das primeiras psicólogas neste campo de trabalho, suas imagens sobre as atividades iniciais e as alterações percebidas por elas durante seu percurso no serviço público.

Os trechos das falas escolhidos evidenciam aspectos que as entrevistadas consideram significativos, como o início de suas atividades em psicologia e de que modo seu trabalho se alterou ao longo de mais de vinte anos na Prefeitura de Campinas: as dificuldades enfrentadas no cotidiano, as realizações e as conquistas retidas na memória das personagens que viveram esta história e guardaram o que chamaremos de imagens da psicologia no serviço público.

5.2.1. As atividades iniciais

O ingresso da segunda psicóloga admitida na Prefeitura de Campinas foi em 1977. Ela relatou suas lembranças do início de suas atividades na Secretaria da Promoção Social:

(...) fiquei pouco tempo trabalhando na Promoção Social, nessa área [Capacitação e Treinamento], porque em setembro desse ano [1977] eu fui designada para trabalhar numa instituição não-governamental ligada também ao Fórum de Campinas, que se chamava Conselho Carcerário de Campinas, onde eu trabalhei durante seis anos. Estava como funcionária da Prefeitura, mas atuava nesse Conselho, trabalhando com os presos na Cadeia de São Bernardo. (...) Lá eu dava orientação e preparava o preso para sair em prisão-albergue, trabalhava com os familiares a aceitação do preso de volta para casa, a reintegração. (M.I.N.M.).

Essa prática de ceder funcionários para as entidades assistenciais continua até os dias atuais na Prefeitura, hoje com as ONGs - Organizações Não Governamentais. Outro aspecto importante das lembranças da entrevistada foi o despreparo que a obrigou a inventar uma forma própria de atuação:

A gente precisava criar as coisas, porque não tínhamos conhecimento de como um psicólogo podia atuar num presídio. Quer dizer, devia até existir já em algum lugar, mas a gente não sabia, e fomos aprendendo por conta. Fui lendo, estudando, procurando, perguntando, conversando. (M.I.N.M.).

A mesma entrevistada comentou que o poder público queria que esse projeto fosse implementado, mas não fornecia muitos recursos, também *faltava compreensão da sociedade em oferecer oportunidade para esses presos se reintegrarem à sociedade. A própria família tinha dificuldade em aceitar o ex-presidiário*. Os mesmos problemas persistem até os dias atuais, apesar dos investimentos anteriores neste segmento:

Havia um projeto que se chamava Pré-Albergue. Foi construída uma casa para o preso albergado, e o Conselho Carcerário construiu um anexo no segundo distrito policial. Quando o preso saía (...), ia para esse segundo distrito que era ao lado do Presídio São Bernardo, onde ele ficava durante um período que antecedia a saída dele para a prisão-albergue. Nesse período, foi construída uma oficina pelo SENAI - havia

uma participação da Prefeitura e do SENAI – e era oferecido um curso profissionalizante a esses presos; durante o dia eles trabalhavam na oficina e depois iam para casa do preso albergado, que ficava ao lado do SENAI, onde eles iam pernoitar. (M.I.N.M.).

Esta proposta parece a princípio inovadora, mas vale lembrar que o *hábito do trabalho* era indicado como elemento de recuperação ou *reforma do comportamento* do preso, desde o século XIX; aspecto identificado pela historiografia da psicologia brasileira como sendo um uso terapêutico fruto do conhecimento psicológico que embasava projetos políticos da época. (MASSIMI, 1990).

Outra entrevistada, que também ingressou na Promoção Social em 1977, descreve sob uma outra ótica suas lembranças das primeiras atividades que desenvolveu na mesma Secretaria:

Então tinha espaço de trabalho na Promoção e eu fui para lá, mas foi uma experiência drástica, horrível, não durou um ano, porque toda a proposta da Secretaria de Promoção Social naquela época era muito assistencialista no pior sentido. A Secretária da época era bastante autoritária e eu fazia parte de uma equipe que era de elaboração de projetos sociais, só que na verdade a gente acabava fazendo o papel só de dar o nome, só de assinar embaixo dos projetos. Os projetos vinham mais ou menos prontos, mastigados, e a gente formalizava, escrevia e assinava embaixo, (...) a gente acabava tendo que assinar e coordenar a ação prática dentro das entidades. Chegou um momento que era muito incompatível com o que a gente pensava na equipe. (...) Fiquei uns nove meses nessa equipe e não deu mais. A Secretária resolveu acabar com o serviço. (...) O nome do nosso serviço dentro da Promoção era ATEP, Assessoria Técnica de Estudos e Projetos. (R.P.T.L.).

Essa atividade descrita lembra o mesmo sistema de gerenciamento de projetos que os profissionais de RH exercem na Prefeitura e em muitas empresas na atualidade, onde o papel do técnico fica restrito ao acompanhamento da implantação e fiscalização dos projetos. No mesmo ano, 1977, uma entrevistada estagiou na Gerência de Desenvolvimento de Recursos Humanos – GDRH, que funcionava na Secretaria de Administração. Eis o relato de como se sentiu e a imagem que ficou da área de RH da Prefeitura:

(...) Eu não gostava daquilo, achava aquilo horrível. A lembrança que eu tenho é assim, de um rapaz que a gente reprovou, mas deu um tempo e o rapaz estava subindo e descendo no elevador, estava trabalhando,

funcionário da Prefeitura. Eu falei: "Ah! Mas que palhaçada! Que a gente está fazendo aqui?" Que psicóloga coisa nenhuma! Realmente eu não gostava. (I.S.Z.).

O desrespeito para com o conhecimento técnico e a função decisória designada ao funcionário fica evidente no relato; a tarefa do psicólogo na Seleção de Pessoal de aprovar ou reprovar não era considerada em muitas ocasiões. Isto pode levar o profissional a se sentir inútil em seu cargo. A entrevistada I.S.Z. resume sua atividade em uma frase: *Eu sei que a gente aplicava PMK...*, transmitindo nesta afirmação sucinta a imagem da sua tarefa restrita à aplicação de teste e estes resultados não eram reconhecidos como válidos na hora de uma admissão. Sabe-se que as atividades de Seleção de Pessoal e Treinamento, como práticas de psicólogos na Prefeitura, tiveram início em 1977. Esta fase durou apenas dois anos, sendo retomada somente na década seguinte, antes da introdução dos processos de concursos públicos que se iniciaram em 1989.

R.P.T.L. foi transferida para outros projetos na Secretaria da Promoção Social e vivenciou situações semelhantes. A discordância com seu papel e o trabalho a ser executado deixam evidente a decepção que ficou marcada em sua memória, conforme seu relato:

Eu fui trabalhar na Cidade dos Menores, eu fui trabalhar em outras entidades, e não era essa a proposta que a gente tinha, até porque a gente chegava na Cidade dos Menores e não tinha como interferir, então ficava fazendo o quê? Fazendo trabalho assistencial. (...) A gente via aquele monte de criança sem ter para onde ir. E você lá para fazer o quê mesmo? Para aplicar teste no menino? Não tinha proposta, não tinha política para os meninos, para os adolescentes. Era uma coisa muito empobrecedora mesmo, de tentar trabalhar para que as crianças se adaptassem àquela pobreza ambiental delas. E isso não dava para fazer (R.P.T.L.)

Nestes ambientes descritos pelas duas entrevistadas acima, não existia espaço para críticas ou propostas de modificação das tarefas. Essas divergências ideológicas que aparecem no cotidiano do trabalho se repetiam com muita frequência em vários locais e com profissionais diversos; como consequência muitos funcionários recorrem a influências políticas para se transferirem dentro da própria

instituição em busca de um sentido para sua existência profissional. Conforme o relato abaixo, a entrevistada não fugiu à regra:

*Por uma questão política mesmo, ou eu arrumava um lugar para ir ou eu ia para a rua. Como eu tinha muitos amigos, inclusive uma amiga psicóloga que estava trabalhando na Secretaria de Cultura, eu fui para lá. O Secretário de Cultura da época, que era o Grama [José Roberto Magalhães Teixeira]. A gente tinha uma turma bem unida, cuja grande maioria era da Secretaria de Cultura, (...) o Grama me pediu para ir para a Secretaria de Promoção Social e eu acabei indo para a Secretaria de Cultura também, só que enquanto ele esteve na Secretaria existia uma idéia da gente fazer projetos culturais junto, inclusive, com outros setores, com a Educação, junto com... **ali eu achei que eu estava no meu lugar.** Beleza! Mas o projeto não durou seis meses, pois o Grama teve que sair para assumir como Prefeito no lugar do Chico Amaral e nunca mais voltou a ser Secretário de Cultura. Dai foram trocando, foram aparecendo outros secretários e nenhum mais deu continuidade aos projetos culturais. (R.P.T.L.).*

Essas idas e vindas na expectativa de realização profissional na vida de um funcionário também são freqüentes em instituições públicas; a descontinuidade dos projetos tem sido ao longo de anos uma característica do serviço público; poucos órgãos conseguem estruturar equipes e dar continuidade aos projetos. Apesar dessa realidade, havia tentativas de implementar algumas propostas e produzir algo em grupo:

Tudo foi engavetado e a gente acabou ficando funcionário burocrático. Cuidava da agenda do teatro, cuidava da agenda do não sei quê... No começo até que era engraçado, porque a gente inventou o Ver e Ouvir, então a gente ficava até dez horas da noite bolando como a gente ia fazer as placas dos eventos, e o Paulinho começou a fazer em silk screen. Então era muito legal, porque era uma usina de criação. (...) Eu fiquei na Cultura até 84, completamente infeliz. Virei uma coisa muito triste mesmo, de ir murchando. (R.P.T.L.).

Situações como esta podem se tornar insustentáveis e gerar muitos prejuízos para a saúde mental do funcionário. Por outro lado, muitas vezes surgem grandes oportunidades para uma virada na vida, basta aproveitar os momentos de reflexão:

Em fevereiro de 84 o meu filho nasceu, foi quando eu tirei minha licença-maternidade e juntei com férias. Este tempo em que eu fiquei afastada, o distanciamento me fez perceber que eu estava numa encruzilhada. Ou eu ia dar uma virada e ia fazer uma coisa mais legal, ou eu ia ficar o resto da vida infeliz ali. E como eu morava perto de um centro de saúde e levava o meu filho para vacinar, como usuária, eu acabei me encantando

com o centro de saúde, que era lá no Santa Mônica. Na fila da vacinação eu começava a escutar a mãe da frente falar uma coisa, a mãe de trás falar outra coisa... E comecei a achar que eu gostaria... (...) se tinha espaço e que seria uma coisa, além de gostosa, uma coisa absolutamente necessária dentro do centro de saúde. Comecei a conhecer a equipe, comecei a conversar com eles, e um dia eu perguntei se eles já tinham tido vontade [de um trabalho de psicologia]. Aí eles quiseram. (R.P.T.L.).

Como lembrou a entrevistada, estes assuntos não se resolvem tão facilmente dentro de uma instituição pública, é preciso conhecer e vencer os trâmites burocráticos; agora, quando se *tem amigos* em lugares estratégicos, muitos assuntos podem ser resolvidos da melhor maneira possível:

(...) Nós estamos numa Prefeitura, tem que entender como é isso. O Secretário era o Nelsão⁶⁷ [Nelson Rodrigues dos Santos] e o Igor⁶⁸ era Diretor, porque isso já era 84, o [José Roberto] Magalhães Teixeira era o Prefeito. (...) Então eu procurei o Igor, escrevi e mandei para ele um projeto voltado para a população dentro da saúde comunitária, como se chamava na época, um projeto de atuação como psicóloga dentro de uma equipe. Ele me chamou, a gente sentou, conversou, ele achou que estava legal o projeto, que batia com a política da Secretaria, e aí eu vim [para a Secretaria da Saúde]. (R.P.T.L.).

Coincidentemente, no mesmo ano a outra psicóloga (M.I.N.M) retorna do Conselho Carcerário para a Secretaria de Promoção Social e, depois de alguns meses, participa da implementação de um novo projeto de reforço escolar que vem resistindo ao longo dos anos e tem como objetivo tirar as crianças da rua, fora do horário das aulas.

(...) eu voltei para aquele antigo projeto [em] que eu já tinha trabalhado, de capacitação e treinamento. Fiquei um pouco menos de um ano nesse projeto, foi quando começamos a implementar os Núcleos Comunitários, que existem até hoje. (...) O primeiro Núcleo Comunitário foi implantado em 1984. Esse projeto era para atender crianças na faixa de sete a quatorze anos em horário extra-escolar. Lá a gente dava recreação, reforço escolar, orientação pedagógica, alimentação, tudo o que fosse necessário para a criança. (M.I.N.M.).

⁶⁷ Dr. Nelson Rodrigues dos Santos, Secretário Municipal de Saúde, na gestão de 01/02/1983 a 14/09/1988, também foi Assessor Técnico do CONASS - Conselho Nacional dos Secretários de Saúde e um dos fundadores do Movimento Municipalista da Saúde.

⁶⁸ Dr. Igor Carlos Concílio Del Guércio, psiquiatra que será citado por outras entrevistadas e mais tarde vai assumir o cargo de Secretário da Saúde (gestão 1999/2000). Também foi presidente do Sindicato dos Médicos na cidade.

5.2.2. As atividades iniciais na Secretaria Municipal de Saúde

Com relação ainda às lembranças do início das atividades das entrevistadas no serviço público, as duas que ingressaram em 1978 na Secretaria Municipal da Saúde (foram as primeiras psicólogas desta Secretaria), descreveram as propostas de trabalhos que receberam:

Inicialmente eu trabalhei com Psicologia Escolar. Naquela época desejávamos muito fazer uma intervenção na escola para ajudar as crianças a ter um desenvolvimento adequado, trabalhar com os professores inclusive. Então íamos às escolas para realizar este trabalho. Particpei de testagens, nós fizemos naquela época o Metropolitano. Aplicamos esse método para ver qual a prontidão para a alfabetização. Este foi um trabalho árduo, porém concluímos que talvez não fosse o melhor caminho, ou seja, percebemos que poderíamos assessorar as escolas de outra maneira. (...) Eu fui também uma das primeiras pessoas a ir para Centro de Saúde. (C.C.P.T.S.).

Eu já fui contratada pela Secretaria de Saúde da Prefeitura em março de 78. E na entrevista com o Mauro [Bilharinho Naves, coordenador da saúde mental], o primeiro trabalho nosso seria nas escolas municipais. Nós seríamos como um elo entre os professores, seria a Secretaria da Educação, com a Secretaria da Saúde. (...) Eu e mais algumas psicólogas trabalhávamos lá, no sentido de não fazer clínica dentro da escola. Trabalhávamos junto com as assistentes pedagógicas e a orientadora pedagógica da escola. Era um trabalho de orientação a professores. (...) sempre me preocupei em não ditar normas, porque eu estava ali como psicóloga, eu não era professora, por isso estava sempre respeitando muito, conhecendo os meus limites para não invadir e não prejudicar o relacionamento. Os trabalhos na escola sempre foram muito agradáveis, um momento bastante feliz, uma recordação bastante boa desse começo. (R.B.R.).

As atividades tradicionais, desenvolvidas na época por profissionais que atuavam nas escolas, logo foram abandonadas pelas entrevistadas, que buscaram caminhos alternativos à clínica e à avaliação psicológica; focaram o trabalho nos profissionais que atuavam na escola: professores, orientadores pedagógicos e estabeleceram o vínculo entre as duas secretarias Saúde e Educação. Esta atuação certamente favoreceu o tipo de trabalho e as parcerias desenvolvidas a partir da década de 1983, pelas profissionais do Serviço de Atenção às Dificuldades de Aprendizagem - SADA nas escolas municipais e estaduais na cidade. Estas atividades encontram-se listadas no Anexo F. Vale lembrar que as escolas

municipais não tiveram classes especiais e que o investimento em inovações educacionais esteve presente na história da educação no Município desde as escolas-parque, conforme já foi citado no Capítulo 3 desta tese.

O Centro de Saúde⁶⁹ foi o segundo campo de trabalho das entrevistadas e elas se envolveram em projetos já existentes neste local. As imagens do despreparo das psicólogas nessa fase ficam evidentes nas seguintes falas:

... Fomos ao Centro de Saúde inicialmente para saber e descobrir o que fazer; como trabalhar, porque nós não tínhamos modelo de atuação naquela época. E inicialmente fomos para o Centro de Saúde trabalhar então com a demanda que havia e fizemos proposta de participar nos programas infantis e de adultos, com hipertensos, na verdade nós entramos num projeto que havia de saúde pública da época; programa de gestantes também. E esse foi assim, o começo do trabalho. (C.C.P.T.S.).

Nós fomos as primeiras nos Centros de Saúde. Tanto é que no começo a gente não ia todos os dias, para cobrir um número maior de Centros de Saúde, eu cheguei a trabalhar em três. Eu trabalhava no Centro de Saúde do Vila Rica, trabalhei depois no Centro de Saúde do Jardim Yeda, eu fiquei também no (...) Vila Padre Manoel da Nóbrega. (R.B.R.).

Neste Centro de Saúde, esta última entrevistada lembra exatamente de uma das primeiras demandas que recebeu do psiquiatra que era seu chefe. Um ginecologista comentou que havia *mulheres com queixas de problemas no relacionamento sexual, frigidez, e outros temas*. E o psiquiatra questionou a entrevistada sobre a possibilidade de ela fazer uma palestra; ela concordou prontamente. E complementa seu relato explicando como se preparou para executar a tarefa:

(...) E aí, logicamente, fui procurar o Dr. Roberto [Pinto de Moura], que era um professor meu da Faculdade, porque a gente não tinha tantas informações, e ele me deu uma série de livros, estudei, montei uma palestra e fui fazer. E acabei ficando cinco anos nesse Centro de Saúde. (R.B.R.).

⁶⁹ Na época havia Centros de Saúde e também os chamados “Postos de Saúde”; as entrevistadas se referem a “Centros de Saúde”, por isso será mantida a nomenclatura por elas designada; entretanto sabe-se que todos os equipamentos foram reestruturados e passaram a funcionar com equipes multiprofissionais, sendo chamados de Centros de Saúde e classificados como sendo Centros de Referência I.

Desde o início as atividades das entrevistadas na saúde pública foram bastante diversificadas, fugindo do atendimento clínico tradicional. As psicólogas tiveram muita sensibilidade para entender as demandas e aproveitaram as oportunidades para desenvolver atividades pioneiras na saúde pública nos espaços que foram surgindo ou sendo conquistados.

Em 1978, a cidade contava com apenas duas equipes de saúde mental no serviço público atuando em Centro de Saúde, conforme o relato:

Antes de ser inaugurado o ambulatório, existia uma equipe que trabalhava num centro de saúde no Jardim Conceição (...) o Mauro Bilharinho Naves, que era coordenador da saúde mental e agora [2001] trabalha com grupo aqui em Campinas. Então a saúde mental era composta por essas duas equipes: essa equipe, do Jardim Conceição, e uma equipe de saúde mental escolar, que era coordenada pelo neurologista Pedro Lupércio, e contava com um grupo de psicólogas - a C. era deste grupo da saúde mental escolar. (I.S.Z.).

Quanto às atividades iniciais nos centros de saúde, uma entrevistada relata como construiu seu trabalho a partir dos programas de Atenção Básica à Saúde existentes:

*No Centro de Saúde, nós procurávamos fazer não só o atendimento individual, mas a gente também participava muito dos programas que existiam na época. Tinha o **Programa da Criança** (...) A mãe levava sempre a criança lá. (...) A gente conversava com essas mães, orientando sobre higiene, vacinas, alimentação, amamentação. Elas ficavam juntas (...) o grupo se reunia, e era chamada uma de cada vez para ser atendida [pelo médico], então a gente aproveitava todo mundo ali e falava sobre tudo. Era literalmente na sala de espera. (...) sobre o aleitamento, nós falávamos da questão do ciúme, pois geralmente elas nunca tinham um filho só, então o ciúme aparecia muito. O assunto era sempre decidido pelo grupo, aquilo que surgia, raramente eu ia com alguma coisa para falar. O foco era a criança e a mãe também. E o relacionamento da mãe com o filho, o relacionamento familiar (...) porque tinha não só o relacionamento da mãe com a criança, mas depois com o irmãozinho mais velho... (R.B.R.).*

A entrevistada reconhece a política pública vigente na época e explica, de forma detalhada, suas atividades nos programas de Gestantes e de Saúde da Mulher:

*Na época, seguindo a diretriz da saúde mental, nós trabalhávamos com prevenção. Então se investia muito nisso. Tinha também o **Programa de***

Gestantes. Geralmente muitas gestantes saíam do Grupo de Gestantes, depois que tinham os bebês, e aí já pulavam para o outro grupo [de mães] na seqüência. E nesse Grupo de Gestantes a gente tratava muito do relacionamento também do marido, da mulher, do bebê, quando ela era primigesta, sempre indo pela questão familiar, e tendo como ponto principal a prevenção. E também tinha o grupo chamado **Saúde da Mulher**, que era formado por mulheres em idade fértil, como era classificado na época. E nesse grupo eram tratados mais os assuntos da mulher. Ela como mãe, ela como mulher, ela como alguém que trabalhava fora também, que ajudava... então a mulher tinha espaço dela ali. Esse grupo era feito mensalmente, mas cada semana tinha um grupo. Eu via o grupo só uma vez por mês. (...) Tinha inicialmente uma palestra, uma conversa com o ginecologista, e ficávamos todos ali. O ginecologista, uma auxiliar de enfermagem e eu. E cada um tinha o seu momento. Era uma equipe. [Eu] falava sobre a dificuldade que as mulheres tinham com os maridos para entenderem que era necessário fazerem o tratamento também, como ele não tinha sintoma nenhum, achava que não precisava da medicação. Muitas vezes a gente chamava o casal, e aí a gente fazia a orientação.(...) Então fui procurada algumas vezes pela Sociedade Amigos de Bairros, para promover palestras de casais lá na comunidade. A escola me procurava se houvesse algum problema de aluno, de algum professor, então eu ia mais para escola, conversava, orientava a professora, se fosse o caso. (R.B.R.).

Neste mesmo ano, 1978, uma das entrevistadas, então estudante, aventurou-se como estagiária em um Posto de Saúde.

Quando o Sebastião de Moraes⁷⁰ iniciou no serviço público de Campinas, havia dois centros de saúde [municipais], e eu fui então para o Anchieta, que foi o segundo posto de saúde que ele abriu aqui. (E.M.G.L.F.).

As entrevistadas que ingressaram na Secretaria da Saúde e foram para os Centros de Saúde também demonstraram ter adquirido e construído seus métodos de trabalho de forma empírica. Embora tenham aproveitado o que havia disponível durante a formação, estavam basicamente sem “modelo de atuação” no serviço público. Provavelmente este seja um dos motivos de estarem inicialmente coladas às brechas oferecidas pelo modelo médico, que decidia sobre o papel destas primeiras psicólogas. No que se refere à população-alvo, às demandas iniciais, aos projetos e diretrizes existentes para a psicologia na saúde pública na época, o relato abaixo informa como foi esse momento:

⁷⁰ Dr. Sebastião de Moraes foi Secretário de Saúde em Campinas de 01/02/1977 a 1981, na primeira gestão do Prefeito Francisco Amaral. Foi também Secretário de Saúde em Itu e faleceu em 20/10/1987.

O trabalho do psicólogo dentro da Saúde Pública era meio conduzido pelas pessoas que dirigiam o Serviço Público. Não era tanto a demanda que fazia o trabalho. Como os psiquiatras já tinham uma história maior dentro do serviço, normalmente atendiam os adultos, e as crianças ficavam por conta das psicólogas. Normalmente eram crianças enviadas pela pediatria do Centro de Saúde de Campinas e principalmente uma demanda das escolas, com aquela expectativa de que o psicólogo fizesse uma avaliação e trabalhasse com essas crianças com problemas de aprendizagem. Na época existia algum trabalho assim bem pontual de um ou outro psicólogo que não se encaixava nisso e que fazia, em conjunto com a terapia ocupacional algum trabalho já com paciente psicótico, mas a grande maioria trabalhava com crianças. Então foi assim a minha introdução no Serviço Público. (M.G.C.O.)

Ocorreu também em 1978 a inauguração do primeiro Ambulatório de Saúde Mental do Município, enquanto que o Ambulatório de Saúde Mental do Estado foi implantado dois anos depois. A entrevistada, que estagiava em RH desde 1977 e foi efetivada para atuar no Ambulatório Municipal, lembra como foi formada a equipe:

Depois que inauguraram o ambulatório, eu fiquei para o atendimento, uma fonoaudióloga, que é a Cleide Molina, e uma outra psicóloga que trabalhava só com psicomotricidade. Além de nós, tinha a Verbena, uma carioca que depois saiu, ela era a psicóloga que trabalhava com família, eram dois psiquiatras, além do Mauro, que coordenava. Eu acho que quando abriu o ambulatório, o pessoal do Jardim Conceição foi para lá. A Bernardete, por exemplo, foi para a saúde escolar, e depois assumiu a coordenação, no lugar de Pedro Lupércio, que foi para o ambulatório, juntamente com a Carmem e a Bernadete. O Igor continuou lá no Centro de Saúde. (I.S.Z.).

No que diz respeito ao trabalho desenvolvido, a entrevistada lembra das seguintes demandas do ambulatório:

Fiquei trabalhando com alcoolismo durante mais ou menos um ano, isso porque existia um convênio da Secretaria de Saúde com a SANASA⁷¹. (...) eles cediam o local para o ambulatório e a nossa parte era trabalhar com alcoolismo (...) [Fiquei] no ambulatório atendendo crianças e adultos. No primeiro ano a gente fez alguns projetos para trabalhar com alcoolismo, trabalhando com chefes da SANASA. Não diretamente com o peão de obra. Chegamos a fazer ali algumas coisas. Quando o projeto acabou eu fiquei mais no atendimento. (...) a Raquel começou a trabalhar mais com adulto, e eu comecei a ficar mais com criança, por isso a gente acabou se dividindo... (I.S.Z.).

⁷¹ SANASA - Sociedade de Abastecimento de Água e Saneamento, é uma empresa municipal de Campinas.

Outra entrevistada traz em seu depoimento um exemplo de como era o seu cotidiano com referência às possibilidades de participação na construção das diretrizes e a diferença no tratamento recebido das chefias nesse período:

Uma coisa que a gente notava era o respeito com que a gente era tratada por eles; o doutor Sebastião de Moraes [Secretário de Saúde] e o doutor Antônio Garcia, que era o diretor de saúde. Nós tínhamos reuniões semanais também na Secretaria da Saúde, onde eram escolhidos os representantes. E no ambulatório eram tirados, de dois em dois meses trocava, para gente também poder ter uma idéia do panorama geral de como é que funcionava a Secretaria da Saúde. Então o secretário e o diretor da saúde ficavam muito perto da gente, presentes no dia-a-dia. (...) (R.B.R.).

Nos relatos que seguem, as entrevistadas lembram da primeira política de descentralização, que resultou na ampliação do atendimento e na volta das psicólogas aos centros de saúde, juntamente com outros profissionais formaram as equipes mínimas de saúde mental; mas com a manutenção das atividades do Ambulatório Municipal de Saúde Mental, que ficou como um local de referência para as equipes que mantinham reuniões periódicas e uma integração constante do Ambulatório com os centros de saúde:

Eu acho que foi em função de política mesmo, que surgiu a idéia, e então começamos a descentralizar. As equipes pequenas iam para centros de saúde. Foi uma equipe para o centro de saúde do Novo Campos Elíseos... (I.S.Z.).

Uma vez por semana, durante muito tempo, nossas reuniões eram todas as segundas-feiras pela manhã. Era quando se comentavam as experiências, os problemas, se discutiam alguns casos [no Ambulatório]... (R.B.R.).

Eu fiquei no ambulatório. Houve uma época... eu estava grávida, minha filha nasceu em 1980, então foi em 1979. Eu desenvolvi um projeto no centro de saúde Jardim Esmeraldina, que era de estimulação antes do pré-escolar. O projeto era o seguinte: No centro de saúde tinha o programa de 0 a 18, em que o bebê era acompanhado até os 18 meses, e tinha todo o envolvimento, mas depois disso não tinha mais nada em termos de programa. Então eu e a Cristina Shibe, que trabalhava mais com psicomotricidade no ambulatório, fizemos um projeto de estimulação mesmo, junto com o pediatra do centro de saúde. Duas vezes por semana a gente ia fazer grupo no centro comunitário - pois no centro de saúde não cabia - e o resto continuava atendendo lá. (I.S.Z.).

5.2.3. As condições de trabalho e as alterações na década de 1980

Quanto às dificuldades enfrentadas em relação às condições de trabalho oferecidas no serviço público municipal de saúde, podem-se considerar as instalações e os aspectos da supervisão e do aperfeiçoamento técnico como os principais assuntos abordados neste tema:

[Em 1984], entrou um grupo grande, a equipe cresceu bastante. [Surgiu] a idéia então de descentralizar, pois estávamos aquele monte de gente naquele lugar, meio apertado, era um corredor estreitinho onde não se podia circular, quando uma vinha a outra não podia ir. Essas coisas de Prefeitura, bem mal instalado. (I.S.Z.).

Para as pessoas que precisavam ou nos procuravam espontaneamente, aí nós dávamos o atendimento individual, que, logicamente, era precário, porque quando a gente estava chegando à Secretaria da Saúde, no Centro de Saúde, não tinha sala para o psicólogo. (R.B.R.).

Outra entrevistada comenta como funcionava a supervisão do trabalho técnico do psicólogo no atendimento clínico:

A gente já passou por várias fases,(...) por fase em que necessitávamos de supervisão. Supervisão é sempre bem vindo, porém, no serviço público não é muito fácil você conseguir, assim, no formal da questão. Não é muito fácil. Aliás, é muito difícil. Nós tivemos supervisão institucional quando nós estávamos na Policlínica. Tivemos depois a presença do [psicólogo] Ivan Capelato conosco, alguns contatos apenas, que a gente queria formalizar uma supervisão, mas também não foi possível. E a gente recorre ao pessoal... alguns profissionais que trabalham na Unicamp para trocar idéias, para troca mesmo. (C.C.P.T.S.).

Os anos de 1983 e 1984 foram importantes para o processamento de mudanças. Foi criado o Programa de Ações Integradas de Saúde que intencionava integrar os órgãos federais INAMPS, Ministério da Saúde e as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde. Campinas implementou essa política, realizando convênio que, além de garantir mais recursos financeiros para a saúde, previa ações integradas de saúde. Criou uma comissão local interinstitucional envolvendo todos estes órgãos que prestavam serviços à população na cidade, incluindo a Unicamp e

a PUC Campinas, cujo resultado do trabalho foi um diagnóstico da situação da saúde no Município; fez-se uma ampla avaliação dos programas de saúde do município e constatou-se que todos os equipamentos existentes na cidade atendiam apenas a 20% da população. (CAMPOS, 1988). Este foi o passo fundamental, do ponto de vista das políticas públicas, que deu início à formação da rede de saúde pública, a qual previa o desenvolvimento de ações integradas entre os diversos serviços para dinamizar, melhorar a qualidade dos serviços prestados e ampliar o trabalho.

Segundo a avaliação da entrevistada que vivenciou as mudanças da psicologia na saúde pública na cidade, embora atuasse no Ambulatório Estadual de Saúde Mental e, só foi compor o quadro da prefeitura em 1889, as mudanças significativas da psicologia se deram nesta década:

O marco eu acredito que foi nos anos 80, (...) deixar de fazer uma Clínica dentro do Centro de Saúde, pra ter uma inserção mesmo mais social, mais histórica, mais cultural dentro da cidade. Então ao invés daquele espaço de consultório, começou a se trabalhar com a escola, começou a se pesquisar recursos da região que pudessem estar auxiliando, formando parcerias pra gente, então a saúde começou a se ampliar. (...) a partir do curso de Saúde Pública, eu acho que houve então uma ampliação, não só da área mesmo, do trabalho, também começou uma maior articulação com os sanitaristas, com o pessoal da Saúde Pública e o nosso trabalho começou a ser um pouco mais integrado, porque até então ficava a Saúde Mental num “quartinho dos fundos”, assim como uma coisa, embora dentro do Centro de Saúde, mas ainda com muito pouco, pouca interlocução com o pessoal da Saúde. (M.G.C.O.).

Conforme os relatos, uma das principais alterações ocorridas no trabalho à época resultou no fechamento dos Ambulatórios e na volta aos Centros de Saúde. Algumas entrevistadas relatam, de pontos de vista distintos, como foi o processo por elas vivenciado:

O [período] mais crítico foi quando o PT entrou pela primeira vez aqui e a forma como eles entraram. Acho que eles não tinham muito entendimento sobre o que era a saúde mental, eles destruíram nosso ambulatório de saúde mental, que logicamente tinha problemas, como tudo, mas funcionava bem, principalmente no atendimento infantil que era bastante organizado, era bem estruturado, um trabalho muito bem feito que a gente realizava lá na Faria Lima. Eu só tinha um pezinho lá no infantil porque eu ficava mais com a orientação das mães. Tinha fisioterapeuta na época, crianças com problemas bastante sérios (...). Na

minha opinião, a forma como eles fizeram as mudanças, não nos trataram com o respeito que a gente merecia, não deram ouvidos à experiência que a gente adquiriu. Quando eles chegaram, a gente já tinha 12, 13 anos de existência. Já tínhamos aprendido bastante. Esses 13 anos nos ensinaram muita coisa, porque a gente não sabia direito exatamente o que fazer, mas o que não fazer a gente já tinha certeza. E o pessoal que entrou não prestou atenção nesses 13 anos de muitos erros e de muitos acertos também. Eu achei que a coisa foi feita de uma forma desastrosa, tanto é que chegamos a dizer, em algumas reuniões, que foi como se tivesse passado um trator em cima da gente. Nós como profissionais de saúde mental, ficamos muito aborrecidos. (R.B.R.).

Foi uma determinação de que aquele ambulatório não fazia sentido, e a gente sabia disso. Quer dizer, nós tínhamos a consciência de que precisavam existir equipes de saúde mental nos centros de saúde. Eu, especialmente, sempre acreditei e acredito nisso, porque eu vi isso, eu sei disso. Então naquela época foi determinado que as pessoas precisavam ir para centros de saúde. E eu fui para Sousas, um lugar onde eu também adorei trabalhar. (C.C.P.T.S.).

Em 89, depois que o Gastão [Wagner de Sousa Campos]⁷² entrou como secretário [de Saúde] nós fizemos um grande seminário de saúde mental que apontou as diretrizes e aí com a participação de todo mundo. O ambulatório, nós descentralizamos na época do Gastão (...) para fortalecer os centros de saúde. Tiramos uma boa parte dos profissionais que estava trabalhando centralizadamente. Fizemos todo um trabalho com eles assim: "Onde você quer escolher para ir trabalhar? Fazer levantamento dos pacientes que você está atendendo daquela região, que você vai levar para lá os que vão ficar aqui..." (...) tudo com tempo suficiente para fazer o vínculo direito, para se rever a organização. (R.P.T.L.).

O processo de municipalização da saúde, que incorporou os equipamentos e cerca de quatrocentos funcionários (do Estado e do governo Federal) de várias áreas que atuavam na cidade, deu-se em 1988, mas foi efetivado a partir de 1989, na primeira gestão do PT.

(...) Nós fizemos a mesma coisa com o Ambulatório do Estado, porque a gente foi para lá conhecer, avaliar, perceber quais eram os problemas, para daí pensar se a gente investia na continuação do ambulatório, mesmo com modificações, ou se a gente acabava com ele. Mas a avaliação era tão ruim, era horrível! Mesmo os profissionais que estavam dentro do ambulatório e que eram mais comprometidos com a Saúde achavam que tinha que acabar. Aliás, isso apareceu como proposta de lá de dentro, não fomos nós que levamos. (R.P.T.L.).

⁷² Gastão Wagner de Sousa Campos assumiu a Secretaria Municipal de Saúde de Campinas de 01/01/1989 a 1991, na primeira gestão do PT, do Prefeito Jacó Bittar. No primeiro ano de governo houve um desentendimento do partido com o Prefeito e o PT abdicou do governo, deixando de desenvolver muitos projetos sociais.

Outra entrevistada avalia as experiências e a importância dos trabalhos no Ambulatório Municipal e nos Centros de Saúde:

São duas propostas, [o trabalho no centro de saúde e no ambulatório]. Eu acho que ambos os atendimentos, as formas de trabalho são necessárias. Eu acho que é boa para a população a proposta de se trabalhar em saúde pública, lá nos centros de saúde, da maneira como eu fiz na época. Foi para mim gratificante. Eu tive um retorno muito interessante da população. Eu acho que foi de utilidade, sem dúvida, daquela forma, como era possível naquele momento. E eu acho que o atendimento individual também é necessário porque a gente tem doença mental mesmo e para mim também foi e é gratificante trabalhar em consultório atendendo as famílias, atendendo o casal, atendendo a mãe, seja quem for que possa estar presente, principalmente porque eu acredito que não dá para atender apenas uma pessoa, no caso a criança, como estamos aqui no CEVI atualmente, atender a criança e entender que ela é a doente. A questão é que o sistema familiar está propiciando também a manutenção ou a origem dessa doença. Então é preciso ver como um todo. Eu acho que o atendimento individual também no centro de saúde muitas vezes se faz necessário. (C.C.P.T.S.).

A mesma entrevistada relata as lembranças de sua volta para o Centro de Saúde após o fechamento do Ambulatório Municipal de Saúde Mental:

Então naquela época foi determinado que as pessoas precisavam ir para centros de saúde. E eu fui para Souza, um lugar onde eu também adorei trabalhar. Uma equipe ótima, um pessoal muito, muito bom. E lá foi preciso fazer um trabalho muito interessante. Eu entrei com uma proposta de atendimento individual e fui ampliando essa proposta, especialmente com a coordenação que a gente tinha na época, que era o doutor Ângelo, não sei se você conhece, ele é uma pessoa especial também, que abriu as propostas, abriu a questão. Então lá eu trabalhei novamente com grupos de gestantes, mas de uma forma muito mais integrada e muito mais amadurecida do que eu fiz no São Quirino, por exemplo. Participávamos todos, desde o ginecologista, pediatra, dentista, enfermeiras, auxiliares de saúde etc. A gente tinha uma equipe que se revezava dependendo do esquema, um pequeno programa que a gente pensou em seguir. Por exemplo, se a necessidade do grupo era ouvir o médico, então o médico era chamado, a gente agendava e o médico ia. E tinha palestras com a dentista, doutora Arlete, que foi muito interessante na época, ela falava sobre os cuidados com os dentes. A equipe se juntou para fazer um trabalho de saúde total, desde o dentista à auxiliar de saúde. Então todas as informações eram passadas, e além das informações eu trabalhava as ansiedades com as mães. Foi muito bom. E também segui as crianças depois em grupo com as mães. (C.C.P.T.S.).

A estruturação dos primeiros equipamentos de referência secundária ocorreu em seguida ao fechamento dos dois ambulatórios de saúde mental.

(...) Então a gente montou o Hospital Dia com gente que desmontou o ambulatório. Mas parece que precisava mudar de espaço, mudar de conformação. Se fosse para mudar o Hospital Dia onde era o ambulatório, a cultura não permitia. A cultura era aquela do paciente chegar, pegar consulta e pegar o remédio. Parece que nada, além disso, podia acontecer naquele espaço, então teve que mudar mesmo e dizer: "Olha, acabou aqui, parte da equipe vai continuar atendendo em tal lugar, mas vai atender em outros moldes". (R.P.T.L).

No relato que segue, a entrevistada conta como buscaram embasamento para processar as mudanças no fim da década de 1980, e transmite sua imagem do processo das influências teóricas recebidas na época:

Eu acho que quem começou a ter uma influência foi o [Franco] Basaglia, por exemplo, com a psiquiatria italiana, com a antipsiquiatria. Desde a época do Sebastião de Moraes, o Basaglia teve uma repercussão bastante grande, inclusive aqui em Campinas. [Felix] Guatarri, [Gilles] Deleuze, também... E eu acho que nessa época que a Luta Antimanicomial estava tomando corpo mesmo, os teóricos do movimento aqui no Brasil lançavam mão do pensamento desses autores. Então a gente começou a estudar muito Esquizoanálise, que depois viria a ser complementada com análise institucional trazida pelo Gregório Barembliit (...) Nessa época, a gente começou a ter contato, estudar textos e mandar para a rede, chamar os autores aqui para fazerem palestras, discussões, debates, treinamentos. (R.P.T.L).

Do ponto de vista da prática, os modelos de São Paulo e Santos também foram determinantes na construção das mudanças ocorridas em Campinas. Entretanto, Campinas soube construir seu próprio modelo, incluindo as equipes de saúde mental nos Centros de Saúde e ampliando as possibilidades de tratamento de patologias, como a drogadição, no serviço público de saúde, conforme relato:

Eu acho que a gente também sofreu uma influência de Santos, onde o PT também tinha ganho a eleição, em 89, assim como a gente aqui em Campinas. Lá, o Secretário de Saúde era o David Capistrano⁷³, e

⁷³ O médico sanitário Dr. David Capistrano Costa Filho foi secretário municipal da Saúde em Santos durante a gestão Telma de Souza (PT), entre 89 e 92, implantou um novo modelo de atendimento público de saúde, que incluiu o sistema de policlínicas. Depois foi prefeito de Santos na gestão de 1993 a 1996, como consultor do Ministério da Saúde, em Brasília. Faleceu aos 52 anos, em 11/11/2000.

[Antônio] Lancetti⁷⁴, [Roberto] Tikanori [Kinoshita]⁷⁵, Fernanda Nicácio⁷⁶, esse pessoal todo estava lá fazendo a construção do modelo de Santos, que era muito mais italiano do que o modelo de São Paulo. O modelo de São Paulo foi pelos centros de convivência, foi pelos CAPS; Santos foi pelo caminho das unidades-síntese, ou seja, não investir em centro de saúde com saúde mental. Aqui em Campinas a gente tinha contato com os dois, tanto dos limites do modelo de São Paulo, quanto dos limites do modelo de Santos. (...) E eles só trabalhavam com psicótico. (...) a gente achava que o alcoolismo e drogadição em geral eram patologias importantes para serem trabalhadas dentro do setor público. A gente não se conformava com a exclusão desses quadros. (R.P.T.L.).

Conforme a entrevistada comentou em seu relato na página anterior, é preciso mudar a *cultura* dos usuários e principalmente dos funcionários (incluindo os psicólogos). Portanto não basta ter equipamento, verba do SUS; operacionalizar as propostas de mudança, de acordo com a realidade local, é o mais complicado.

A gente fazia críticas [aos modelos de Santos e São Paulo], o duro era a gente fazer o nosso modelo funcionar e mostrar que funcionava, porque por outro lado resolvemos investir nas unidades, mas tinha dificuldade com a formação dos profissionais (...) as pessoas saíam com uma visão de que elas iam trabalhar com psicanálise pura, de divã. Que iam tratar só de neurose. Era muito louco. Eles montavam o consultório e ficavam lá dentro esperando as pessoas aparecerem. E a nossa proposta não era essa. Era trabalhar com busca ativa, era sair do centro de saúde e ir atrás. (R.P.T.L.).

Um dos pontos freqüentemente debatidos no âmbito dos projetos públicos é a continuidade e descontinuidade dos programas. Acredita-se que um dos motivos é a rotatividade de funcionários nos locais de trabalho, pois existem leis que garantem estas mudanças. Entretanto, na Secretaria Municipal da Saúde de Campinas, à época, parece ser diferente o que ocorre; a entrevistada abaixo atribui a rotatividade ao despreparo dos profissionais para lidar com a realidade da saúde pública, o que nos remete diretamente à formação acadêmica deles:

Então tinha uma rotatividade também muito grande por causa da inadequação. As pessoas entravam sem ter a menor idéia do que se

⁷⁴ Antônio Lancetti, Psicanalista, Secretário de Ação Comunitária de Santos, na gestão de Dr. David Capistrano Costa Filho.

⁷⁵ Roberto Tikanori Kinoshita, psiquiatra, especialista em saúde pública e drogadição. Participou das gestões do PT de Santos entre 1989 e 1996.

⁷⁶ Maria Fernanda Nicácio, terapeuta ocupacional, Prof^a da USP, também participou das gestões do PT de Santos entre 1989 e 1996.

esperava num trabalho em saúde pública, se frustravam barbaramente e a gente também se frustrava, porque queria o mesmo engajamento que as equipes tinham em Santos, e a gente não conseguia ter esse engajamento aqui. (R.P.T.L.).

Entretanto, salienta que não é o que ocorre hoje no setor em trabalho, o que mais tarde vai ser apontado por outra colega de trabalho como um fator que colabora para o sucesso da atividade desenvolvida no CEVI.⁷⁷

E é incrível, porque na rede tem uma rotatividade muito grande de profissionais. Você pode observar. Você vai ao centro de saúde hoje e daqui a um ano você vai lá e as pessoas mudaram. E essa [nossa] equipe se mantém há muitos anos. Quer dizer, se mantém não é 100% não. Mas as pessoas quando saem, saem por necessidades outras que não seja por incompatibilidade com o trabalho, ou por questão pessoal (...) A questão... são outros horizontes que se abrem e as pessoas vão... mas não deixam de estar conosco. Assim, a gente pode recorrer, as pessoas encaminham para nós, a gente recorre às pessoas que saem também... Quer dizer, o contato é o contato muito rico. (C.C.P.T.S.).

A mesma entrevistada avalia as condições gerais de trabalho no serviço público hoje e compara com anos anteriores:

Condições ideais não. Veja: nós temos condições muito superiores às que tínhamos na época e o reconhecimento, principalmente o reconhecimento, porque na época a psicologia, não era muito conhecida, (...) não existia uma demanda, clara do ponto de vista dos outros profissionais da rede, quer dizer, existia, tinha uma dificuldade eles mandavam para o psicólogo; agora não, o psicólogo é reconhecido, então com relação ao trabalho que o psicólogo faz, é muito mais reconhecido agora do que antes. Também era muito incipiente... (C.C.P.T.S.).

A entrevistada comenta ainda o modo de buscar diretrizes para a solução dos casos clínicos no cotidiano e, após afirmar que considera pioneiro o trabalho desenvolvido na Secretaria e no CEVI, resume a imagem que tem do trabalho que está realizando atualmente:

⁷⁷ CEVI – Centro de Vivência Infantil, é um centro de referência secundária público que atende crianças autistas e psicóticas da cidade, inaugurado em 1996 e o único do Estado em 2001.

... Nós mantemos grupo de estudo e temos reuniões semanais (..) com discussão de caso, avaliação do serviço... A gente está sempre pensando a respeito, sempre com essa preocupação. É muito dinâmico, é um trabalho muito específico com as crianças gravemente enfermas e as suas famílias (C.C.P.T.S.).

Os relatos analisados estão repletos de lembranças que traduzem imagens, emoções e que são revisitadas a cada depoimento. A afirmação acima remete a um processo que, embora tenha começado há mais trinta anos, parece estar conectado a um sonho de realização que ocorre no dia-a-dia e se retroalimenta.

CAPÍTULO 6

O SERVIÇO PÚBLICO DE SAÚDE COMO UM LUGAR DE REALIZAÇÃO?

(...) O critério da possibilidade ou impossibilidade dos sonhos é um critério histórico-social e não individual. O sonho viável exige de mim pensar diariamente a minha prática; exige de mim a descoberta, a descoberta constante dos limites da minha própria prática, que significa perceber e demarcar a existência do que eu chamo espaços livres a serem preenchidos. O sonho possível tem a ver com os limites destes espaços e estes limites são históricos. (Paulo Freire).

Ao analisar as imagens do ambiente de trabalho retratadas em alguns relatos das entrevistadas, fica evidente que na Secretaria Municipal de Saúde havia mais espaço para a participação e elaboração coletiva de propostas de trabalho nas décadas de 1970 e 1980. Isto pode ter facilitado o desenvolvimento das atividades de psicologia juntamente com outras profissões que atuam na saúde pública. Este espaço foi proporcionado inicialmente, segundo alguns depoimentos, pelo estilo das gestões implementadas pelos dirigentes que estiveram à frente da Secretaria de Saúde, conforme lembra R.B.R.: *A gente tinha um livre acesso ao Secretário [Sebastião de Moraes] (...) para conversar sobre problemas, dificuldades, sucessos também. Era uma coisa bem gostosa, era um relacionamento bem próximo.* Este foi o caminho encontrado por este Secretário, para atender a demanda social, gerada pelo “milagre” da economia brasileira da época, direcionada à Prefeitura; era preciso

formular diretrizes políticas, elaborar projetos e envolver os funcionários para programar, modificar e aperfeiçoar as propostas ao longo dos anos.

Nos relatos das entrevistadas foi possível constatar que os princípios norteadores dos eventos do Movimento Municipalista da Saúde foram implementados em Campinas, fazendo da cidade uma das pioneiras no desenvolvimento da saúde pública.

Pode-se deduzir, deste contexto do serviço público de saúde, que os dirigentes tenham concluído que seria incoerente e até impossível buscar participação da população sem contar com a participação e envolvimento dos funcionários nas decisões e, com isto, a prática externa refletiu uma prática interna adotada. Várias entrevistadas citaram nominalmente estes secretários⁷⁸ e atribuíram-lhes o pioneirismo do desenvolvimento da saúde pública e as possibilidades de participação nos projetos:

(...) tive a sorte de me relacionar muito bem com o secretário da saúde, que na época era o Nelsão, uma pessoa muito aberta, mas muito escorregadio, como eu sempre disse para ele, que ele me ensinou a ter jogo de cintura. (...) Por outro lado, ele tinha uma cabeça muita aberta para ouvir. À medida que eu fui propondo minhas idéias em relação ao trabalho, ele foi me dando autonomia e espaço. (R.F.V.).

Portanto, não seria possível deixar de salientar que Sebastião, Nelsão, Gastão e Igor - era o modo como quase todas se referiam carinhosamente a eles, sem a formalidade do título -, cada um em seu tempo, entraram não somente para a história da vida profissional de cada uma das entrevistadas, mas também para a história da saúde pública da cidade e do país. Estes personagens deixaram suas marcas em um trabalho que sempre foi feito pelo coletivo e se expande a cada dia, como o exemplo da saúde mental que virou referência nacional e até internacional, conforme notícia publicada pela Folha de São Paulo⁷⁹ (Anexo E).

⁷⁸ Secretários Municipais de Saúde de Campinas: Dr. Sebastião de Moraes (gestão 1977/1981), falecido em 20/10/1987; Dr. Nelson Rodrigues dos Santos (gestão 1983/1988); Dr. Gastão Wagner de Souza Campos (gestões 1989/ 1991 e 2001/2003) e Dr. Igor Carlos Concilio Del Guércio (gestão 1999/2000) falecido em 25/11/2002, Fontes: D.O.M. e http://www.campinas.sp.gov.br/saude/cms/ata_cms_11_12_2002.htm

⁷⁹ 02/11/2003 <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u2973.shtml> consulta em 11/01/2005

Da mesma forma, as psicólogas entrevistadas foram as primeiras a serem contratadas no Serviço Público Municipal e, em específico, para os serviços de saúde; todas fizeram e fazem parte de um coletivo que constrói a história da psicologia nesta frente de atuação profissional. Compreender como iniciaram este processo passou por ouvir relatos que estavam até então apenas em suas memórias. Ao falarem do início das atividades, as entrevistadas informam sobre o sentimento de realização profissional e como fizeram um trabalho *especialmente gratificante*.

A presente pesquisa pretendeu contar uma versão desta história colocando em evidência o contexto em que foi possível dar os primeiros passos de um trabalho que ainda está no início, no sentido de disponibilizar o acesso da psicologia para a população. Deste modo, cabe identificar na perspectiva do serviço público: quais serviços de psicologia eram considerados necessários aos habitantes de uma cidade e qual a abrangência dessa atuação. Concluímos que parte foi experimento e uma gratificante descoberta conforme síntese de uma das entrevistadas:

Eu aprendi coisas muito interessantes com esses grupos. Fizemos várias intervenções, que eu não fazia sequer idéia do alcance que esse trabalho tinha. Quando a gente se propôs a fazer, eu não podia avaliar o alcance que teria o trabalho. E teve um alcance incrível. Os grupos eram bastante concorridos. Nós fazíamos um grupo que era praticamente de palestras. Naquela época a gente convidava uma enfermeira para falar de alguns aspectos, um médico para falar de outros temas. (C.C.P.T.S).

Hoje é amplamente divulgada a existência de um grande desencontro entre o entendimento do senso comum, os próprios psicólogos e principalmente as escolas de psicologia, do que é “fazer psicologia”, “o que é ser psicólogo”. A própria lei de regulamentação da profissão restringe as atividades do psicólogo, segundo o entendimento de alguns profissionais. O resultado desse “desencontro” ao longo do tempo, destes mais de 40 anos de profissão regulamentada, pode ter sido a falta de modelo e as dificuldades de implementar mudanças na prática da psicologia não apenas no serviço público, como exemplificam os relatos das entrevistadas, mas em

muitas outras frentes de atuação da psicologia. A sensação de estar começando algo novo, jamais experimentado, é constante. Assim, as histórias de vidas destas profissionais poderão servir de exemplo para outros profissionais.

Do ponto de vista individual, considerando a formação e a trajetória de cada uma das entrevistadas dentro do serviço público, verifica-se que embora as mesmas não tivessem modelo de atuação, todas souberam aproveitar e buscar as oportunidades oferecidas na época para exercerem a profissão. Pretendeu-se compreender como estas profissionais puderam se realizar profissionalmente como psicólogas neste contexto de serviço público. Ao analisar a imagem das entrevistadas a respeito das atividades atribuídas às psicólogas desde o início das mudanças, percebe-se que o papel conferido a estas profissionais era apenas complementar a atividade do médico.

Nesta versão da história, importa saber se este caminho foi aberto pelos sanitaristas, psiquiatras e secretários que visualizaram e imaginaram um futuro para a saúde pública em Campinas, como aconteceu o processo de municipalização⁸⁰ da saúde no início da década de 1990 e outros aspectos relevantes da história da saúde pública da cidade; aqui vai importar principalmente como esse coletivo “psi” aproveitou cada momento para imprimir um novo jeito de “fazer psicologia” para que hoje possam se considerar pioneiras da psicologia no serviço público em Campinas. Nesta perspectiva, a resposta pode estar na imagem da postura adotada frente à prática cotidiana, conforme resume a entrevistada:

As teorias, todos [os psicólogos] têm, mas isso no público acontece quando a gente está construindo. E nós estamos construindo uma realidade, que é um serviço, um trabalho, pensando, repensando a cada momento; não temos nada pronto, nada pressuposto, estamos em cima de reflexões mesmo. (C.C.P.T.S.).

⁸⁰ Mais detalhes do processo de descentralização da gestão federal e estadual de saúde para a Prefeitura de Campinas a partir de 1989 estão disponíveis no site http://www.campinas.sp.gov.br/saude/o_sus_cps.htm consulta 10 de janeiro 2004.

Ainda restam questionamentos: por que nesta Secretaria de Saúde, e não em outras secretarias, existiram as condições propícias ao desenvolvimento da psicologia?

Ao analisar algumas anotações listadas em forma de uma cronologia a partir da memória das entrevistadas e de alguns dados retirados do Diário Oficial do Município e de documentos internos da Prefeitura (Anexo F), pode-se notar uma maior incidência de fatos marcantes apontados pelas entrevistadas em determinados períodos; fatos que coincidem com as administrações de secretários que possuíam projetos para a área da saúde do município e implementaram algumas políticas públicas, compartilhando suas propostas com o coletivo. As profissionais de psicologia se engajaram nestes projetos e foram construindo um caminho, revendo suas práticas cotidianas e neste processo conseguiram um reconhecimento ao longo dos anos. Na avaliação da entrevistada, essa realidade pode ser percebida hoje, mas precisa mudar mais ainda inclusive na saúde pública:

*(...) hoje o trabalho do psicólogo é muito mais reconhecido do que antes. Também era muito incipiente. Eram as primeiras turmas formadas pela Universidade, e o trabalho na Saúde Pública também era algo novo. Apesar do reconhecimento de hoje, sentimos que faltam ainda muitas coisas para gente poder exercer o trabalho. Faltam mais pesquisas talvez sobre uma proposta que a gente tenha. Atualmente nós temos algo pensado para um futuro próximo, com alguns centros de referência que a gente supõe também que sejam interessantes nesse momento.
(C.C.P.T.S.)*

O sonho de ampliar cada vez mais o acesso aos serviços de psicologia à população aos poucos vem se concretizando. Entretanto, existem muitos sonhos que ainda não se tornaram realidade. Outras entrevistadas também os manifestaram em relação a vários aspectos: a questão da criança em situação de abandono e outros conflitos sociais que geram sofrimento psíquico. O reconhecimento pelo trabalho realizado, o sentimento de realização profissional e o entusiasmo pelo que fazem estão presentes no cotidiano destas profissionais que atuam há mais de vinte anos nos serviços públicos de saúde.

A história da psicologia em outros locais de atuação no serviço público municipal de Campinas não caminhou da mesma maneira e ao mesmo tempo. Existiam outros equipamentos e projetos sociais com a presença de psicólogos, mas ao analisar os relatos, percebe-se que quando as entrevistadas estiveram presentes nestes locais, no início de suas trajetórias no serviço público, não existiam projetos de transformação social. Provavelmente por esse motivo não houve identificação com as atividades nestes locais, levando mais cedo ou mais tarde todas as entrevistadas a buscar trabalho na área da saúde.

Foi apenas na década de 1990 - era a primeira gestão do PT - que houve o ingresso de um número significativo de psicólogos e de psicólogas na Secretaria de Promoção Social⁸¹, época em que houve grandes transformações nas propostas de trabalho, quando havia projetos. Estes profissionais, provavelmente mais comprometidos com o desenvolvimento da comunidade, passaram a integrar a Rede Municipal de Atenção Primária, em conjunto com os que já atuavam na Saúde.

6.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho destacou o início e o percurso da atuação de profissionais de Psicologia na área pública no âmbito municipal, fato recente e pouco difundido; pretendeu contribuir para a historiografia da Psicologia na cidade de Campinas e do país, ampliando as possibilidades desse campo de atuação profissional e refletindo sobre sua responsabilidade social. Sabe-se que ainda é reduzido o número de profissionais que optam por esta frente de atuação profissional⁸². Portanto, torna-se importante produzir conhecimento histórico e compreender a Psicologia como uma construção do profissional na sua relação com a sociedade. Conseqüentemente, a comunidade compreenderá a importância da

⁸¹ A Secretaria da Promoção Social passou a se chamar Secretaria Municipal de Assistência Social. No site da Prefeitura, também consta o nome de Secretaria Municipal de Cidadania, Trabalho, Assistência e Inclusão Social, fonte: <http://www.campinas.sp.gov.br>

⁸² Segundo o censo de 1995 realizado pelo CRPSP, apenas 12% dos psicólogos do Estado de São Paulo estavam no serviço público. Em pesquisa encomendada pelo CFP, em 2004, 11% dos entrevistados atuavam na área pública e apenas 3% trabalhavam em Postos de Saúde.

Psicologia na saúde pública, usufruindo mais efetivamente dessa modalidade de atendimento.

Os aspectos da história aqui apontados podem auxiliar no enfrentamento das descontinuidades de governos e, conseqüentemente, dos projetos ou nas suas tentativas. As profissionais entrevistadas mostraram como sobreviveram às adversidades e como fizeram delas oportunidades para construir algo novo. Souberam recuar, resistir e avançaram, porque estavam empenhadas no processo de mudança social; por isso não só aderiram aos projetos apresentados, mas, sobretudo, auxiliaram na sua construção. Para a concretização de suas propostas, precisaram desenvolver novos métodos e técnicas de atuação profissional, objetivando atender a uma demanda que se apresentava nem sempre de forma evidente nos serviços públicos.

Durante a realização das entrevistas em 2001, constatou-se que detalhes da História da Psicologia no Serviço Público estavam apenas nas memórias das entrevistadas; estas foram questionadas sobre a importância de escreverem sobre suas experiências; algumas entrevistadas nunca haviam pensado a respeito, outras alegaram falta de tempo ou pouca familiaridade com o estilo acadêmico, mas todas consideraram importante a iniciativa de dar mais visibilidade a esta frente de atuação profissional. Em 2005, ocasião em que as entrevistadas forneceram novas autorizações para o uso de seus depoimentos na presente tese (Anexo C), obteve-se a informação de que em breve será publicado um livro sobre a experiência de alguns serviços que as mesmas ajudaram a implantar⁸³.

Vale lembrar que os depoimentos das entrevistadas e de demais psicólogos encontram-se disponíveis para outras possíveis leituras. Concluímos que foi possível apenas iniciar a sistematização de uma história, o resultado foi uma versão parcial. Apesar das descontinuidades, característica do serviço público, ficou evidente que as entrevistadas, ao reviverem em suas memórias, além de relatar o que foi feito, fizeram uma análise das dificuldades, um balanço de suas realizações, e o saldo foi positivo. Essa pesquisa nos permitiu compreender o processo como as atividades de

⁸³ O livro será organizado por Florianita Coelho Braga Campos que atualmente assessora o Ministério da Saúde para processar a Reforma Psiquiátrica em cidades do Nordeste.

psicologia se consolidaram no serviço público de saúde de Campinas e como se encontram na atualidade. Pretendeu-se contribuir para a continuidade do desenvolvimento da psicologia no serviço público e para o engajamento de novos profissionais que também possam estar comprometidos com a transformação do contexto social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, V. *História Oral: a experiência do CPDOC*- Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea, RJ. 1989.

ANTUNES, M.A.M. *A Psicologia no Brasil – leitura histórica sobre sua constituição*, São Paulo, UNIMARCO/EDUC, 1999.

_____.(et al) “Quadro de referências sobre a história da Psicologia no Brasil:1930-1962”. *Psicologia Revista*. Revista da Faculdade de Psicologia da PUC-SP; nº 8, maio/1999; EDUC/Fapesp; p.103.

_____. “Algumas reflexões acerca dos fundamentos da abordagem social em História da Psicologia” in: BROZEK, J. e MASSIMI, M., *Historiografia da Psicologia Moderna*, São Paulo: Unimarco/Loyola, 1998.

Anuário 1966 – Anuário comemorativo do Jubileu de Prata da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras 1941-1966, Universidade Católica de Campinas.

AZZI, E. “A Situação Atual da Profissão de Psicólogo no Brasil”, *Revista da Universidade Católica de Campinas*, Ano X, nºs 25/ 26, novembro/1964. p. 50.

BADARÓ, Ricardo S. C. *Campinas: o despontar da modernidade*. Campinas: CMU/Unicamp, 1996.

BARDIN, Laurence, *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70, Portugal.1995

BOSI, E., *O Tempo Vivo da Memória: ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BRANDÃO, C.R., “A Memória no Outono”. *Revista Psicologia USP*, 1998, vol.9, no.2, p.297-310. ISSN 0103-6564.

BUCHER, J.S.N. “Psicologia da Saúde no contexto da saúde pública: uma complexidade crescente”; in: YAMAMOTO, O. H.e GOLVEIA, V.V. *Construindo a psicologia Brasileira: desafios da ciência e prática psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003.

BUETTNER, G.E.B.P.V. *Análise da Estrutura Curricular de um Curso de Psicologia: Subsídios para Reestruturação*. Dissertação (Mestrado em Educação) Unicamp, 1990.

CAMPOS, F.C.B., *O Modelo da reforma psiquiátrica brasileira e as modelagens de São Paulo, Campinas e Santos*, Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) Faculdade de Ciências Médicas, Unicamp, 2000.

_____, O Psicólogo, o usuário e a saúde mental na instituição pública. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) PUC - SP, São Paulo, 1988.

CARVALHO, D.B. YAMAMOTO, O.H. “Psicologia e políticas públicas de saúde: anotações para uma análise da experiência brasileira”, artigo disponível em <http://www.psicolatina.org/Cero/psicologia_e_politicas_publicas.html>. Acesso em: 18 set. 2004.

FARDIN, S. A. (Org) *Fragmentos de uma demolição: História Oral do Teatro Municipal Carlos Gomes*. Campinas:SMTC/MIS –Átomo, 2000.

FRANÇA, V.R., “Aspectos Constitucionais da hipótese Tributária da Taxa pela prestação de serviço público”, disponível em <<http://www.mundojuridico.adv.br/html/artigos/documentos/texto263.htm>>. Acesso em: 10 out. 2004.

FREIRE, Paulo. “Educação: o sonho possível”. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org). *O Educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GUALART, F.A.A. *Municipalização: Veredas - Caminhos do Movimento Municipalista de Saúde no Brasil*. Brasília: UnB/ CONASCEMS, 1995. Pesquisa disponível em <<http://www.conasems.org.br/mostraPagina.asp?codServico=1202>>. Acesso em: 12 jan. 2005.

HALBWACHS, M., *A Memória Coletiva*, São Paulo: Ed. Vértice-Revista dos Tribunais, SP. 1990.

HILLMAN, J. *Psicologia Arquetípica*, São Paulo: Cultrix, 1995.

LAPA, J.R.A. *A cidade – Os Cantos e os Antos: Campinas 1850 – 1990*. São Paulo: EDUSP, 1996.

LE GOFF, J. *História e Memória*, Campinas: Unicamp, 1996.

LIMA, M.F. “*Nos caminhos da psicologia capixaba*”: notas para a história da psicologia, da psiquiatria e da saúde pública no Estado do Espírito Santo. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2005.

MEIHY, J.C.S.B, *Manual de História Oral*, 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1998.

NASCIMENTO, T. A. Q. R. *Memórias da Educação: Campinas (1850-1960)*. Campinas: Unicamp, 1999.

NORA, P. “Entre Memória e História: a problemática dos lugares”. Revista Projeto História, PUC-SP São Paulo, n^o 10, dez. 1993.

PENNA, A G. *História das Idéias Psicológicas*, Rio de Janeiro: Imago, 1991.

PORTELLI, A., "O que faz a História Oral diferente" Revista Projeto História, PUC-SP, São Paulo, n° 14, fev. 1997.

PRADO, J.R.C., *História Econômica do Brasil*, 20ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1977.

QUINTAES, M. "Psicologia Arquetípica uma questão de Estilo" artigo disponível em < <http://www.rubedo.psc.br/artigosb/psargest..htm>>. Acesso em: 01 fev. 2004.

Revista da Universidade Católica de Campinas, Ano X, n^{os} 25/ 26, novembro/1964.

_____, Ano XI, n^{os} 27/28, dezembro/1965.

_____, Ano XII, n^{os} 29/30, dezembro/1966.

_____, V.13, n^o 32, dezembro/1969.

_____, V.14, n^o 33, junho/1970.

SCHMIDT, M.L.S "Políticas Públicas e Saúde Mental" in: TRINDADE, Z.A. e ANDRADE, A.N. *Psicologia e Saúde: um campo em construção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SILVA, S. *Expansão cafeeira e origens da indústria no Brasil*. São Paulo, Alfa-Omega, 1976.

SPINK, M.J.P. *Psicologia social e saúde: práticas, saberes e sentidos*, Petrópolis,RJ: Vozes, 2003.

YAMAMOTO, O. "Questão social e políticas públicas: revendo o compromisso da Psicologia". In: BOCK, A.M.B. (org.) *Psicologia e compromisso social*. São Paulo: Cortez, 2003.

YOSHIKAWA, L. H., *Prestação de Serviço Público de Saúde*, Direito Administrativo, Dissertação (Mestrado em Direito), Puc-SP, 2000.

OUTRAS REFERÊNCIAS

A PSICOLOGIA no Serviço Público em Campinas – Reflexos da História. Produção MIS/CRPSP, Campinas –SP, 2002. Vídeo (40 mim) VHS, son., color.

Acervo de fotos e filmes do Museu da Imagem e do Som de Campinas, Secretaria de Cultura Esporte e Turismo da Prefeitura Municipal de Campinas.

D.O.M.C. - Diário Oficial do Município de Campinas/ SP. Décadas 1970,1980 e 1990, e dos anos 2000 e 2001.

Transcrições de depoimentos de psicólogos gravados em áudio e em vídeo em 2000 e 2001. (Relação de Entrevistadas Anexo D)

ANEXOS

ANEXO A

ROTEIRO GERAL DAS ENTREVISTAS - 1ª ETAPA

1) Contextualização

Data e local de realização da Entrevista:

Nome dos entrevistadores:

Nome do entrevistado:

Dados biográficos do entrevistado:

Data e local de nascimento:

Dados familiares: profissão dos pais e principais influências, nº de filhos:

Escolaridade: formação, escolas que frequentou e período:

Profissão: cargos ocupados e instituição, principal atividade profissional e outras atividades que exerce atualmente:

2) História da Psicologia em Campinas

2.1 Quais foram as primeiras atividades de psicologia na cidade antes do Instituto de Psicologia da PUC (na Pedagogia, no Trabalho, na Clínica/ Saúde Mental, outras)?

2.2 Quais eram as demandas e os interesses da cidade e região neste campo?

2.3 Quais as razões da implantação de um curso de Psicologia na PUC e em Campinas?

3) Implantação do Curso de Psicologia da PUC

3.1 Fale sobre a implantação do Curso de Psicologia da PUC.

3.2 Qual a sua relação com o início do Curso de Psicologia da PUC?

3.3 Fale de sua turma, ano de ingresso, colegas, professores, disciplinas.

3.4 Fale sobre a comissão paritária de 1968.

3.5 No que consistia a reforma estatutária?

3.6 Qual a relação destas questões com as demissões que ocorreram nessa época?

3.7 Quais os reflexos destas mudanças no ensino desde então?

3.8 A implantação das duas clínicas de Psicologia (Diana e Luís Otávio) que surgiram depois da briga dos professores influenciou o trabalho dos psicólogos nos Serviços Públicos em Campinas?

4) Implantação da Psicologia nos Serviços Públicos em Campinas

4.1 Como era o atendimento na área de Saúde Mental antes da entrada dos Psicólogos nos Serviços Públicos?

4.2 Fale sobre os primeiros trabalhos de Saúde Mental, com a criação dos ambulatórios e das equipes mínimas.

4.3 Como foi a experiência com a criação do SUS?

4.4 Analise o resultado da implantação destes serviços.

4.5 Reflexos em sua vida profissional da sua experiência na área pública.

4.6 Sua opinião sobre Psicologia em Campinas hoje.

4.7 Nomes que indicaria para serem os próximos entrevistados.

Anexo B

PROJETO MEMÓRIA DA PSICOLOGIA EM SÃO PAULO

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NOMES E DADOS BIOGRÁFICOS EM OBRAS DE PRESERVAÇÃO HISTÓRICA

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso da minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotos, objetos e documentos por mim apresentados, para compor obras diversas de preservação histórica; que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas pelo Museu da Imagem e do Som de Campinas, órgão da Secretaria Municipal de Cultura-Esportes e Turismo, da Prefeitura Municipal de Campinas com sede à Rua Regente Feijó, 859 - Centro - Campinas. Inscrito no CGC 51885242/0001/40 e pelo Conselho Regional de Psicologia de São Paulo com sede à Rua Arruda Alvim, 89, Jardim América, São Paulo, inscrito no CGC/MF sob o nº 37.115.433/0001-00 sejam essas destinadas à divulgação para psicólogos e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa - (livro e/ou jornal), de publicação do Conselho Federal de Psicologia - CFP e/ou Conselho Regional de Psicologia São Paulo - CRPSP, como também em mídia eletrônica (vídeo-tape, internet através de site) da responsabilidade do Conselho Federal de Psicologia - CFP e/ou Conselho Regional de Psicologia São Paulo - CRPSP e divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo histórico, sem qualquer ônus para o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo ou para Museu da Imagem e do Som de Campinas, ou a pesquisadores, Faculdades de Psicologia e psicólogos por essas expressamente autorizadas, que poderão utilizá-los em projetos e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada para a preservação da memória histórica, em todo o território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Campinas, ___de_____de 2001.

Nome:

Endereço:

RG nº:

Telefone para contato:

Assinatura:

Anexo C

AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM, SOM DE VOZ, NÔMES E DADOS BIOGRÁFICOS EM OBRAS DE PRESERVAÇÃO HISTÓRICA E PESQUISA

Eu, abaixo assinado e identificado, autorizo o uso da minha imagem, som da minha voz, nome e dados biográficos por mim revelados em depoimento pessoal concedido, além de todo e qualquer material entre fotos, objetos e documentos por mim apresentados, para compor obras diversas de preservação histórica que venham a ser planejadas, criadas e/ou produzidas por Marilda Castelar, RG _____, CPF _____, psicóloga e doutoranda do Programa de Pós Graduação da PUC – SP, residente à Rua _____, Salvador, Ba, sejam essas destinadas à pesquisa e divulgação para psicólogos e/ou para formação de acervo histórico.

A presente autorização abrange os usos acima indicados tanto em mídia impressa - (livro e/ou jornal), e divulgação científica de pesquisas e relatórios para arquivamento e formação de acervo histórico, sem qualquer ônus para a Pesquisadora Marilda Castelar ou para a PUC-SP, ou a futuros pesquisadores, faculdades de Psicologia e psicólogos, que poderão utilizá-los em projetos e/ou obra de natureza sócio-cultural voltada para a preservação da memória histórica da Psicologia e do Serviço Público, em todo o território nacional e no exterior.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima descrito, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou som de voz, ou a qualquer outro, e assino a presente autorização em 02 (duas) vias de igual teor e forma.

Campinas, ___ de _____ de 2005.

Nome:

Endereço:

RG nº:

Telefone para contato:

Assinatura:

ANEXO D

Relação das Entrevistadas da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura Municipal de Campinas

1. C.C.P.T.S. - **Celiana Costa Pinheiro Telles Silva** - nasceu em 07/06/1952 em Ribeirão Preto. Reside em Campinas desde os 12 anos, cursou Psicologia na PUC Campinas, concluiu em 1976. Ingressou na Prefeitura em 1978, sendo uma das primeiras a serem contratadas na Secretaria da Saúde; iniciou nos Centros de Saúde São Quirino e Jardim Conceição, também trabalhou no Ambulatório Municipal de Saúde Mental. Atua como Psicóloga no CEVI - Centro de Vivência Infantil, Secretaria Municipal de Saúde. Entrevistada em 08/06/2001 e 28/06/2001.
2. E.M.G.L.F. - **Eliana Maria Gulião Leite Figueiredo** - nasceu em 02/08/1953 em Araraquara-SP, cursou Psicologia na PUC Campinas, concluiu em 1978. Foi estagiária de Psicologia em Posto de Saúde em 1977. Ingressou na Prefeitura em 1984, iniciou no Ambulatório Municipal de Saúde Mental e atualmente coordena o CEVI - Centro de Vivência Infantil. Entrevistada em 07/06/2001 e 28/06/2001.
3. I.S.Z. - **Isabel Santiago Zacarias** - nasceu em 26/01/55 em Itajubá, cursou Psicologia na PUC Campinas, concluiu em 1977. Ingressou na Prefeitura como estagiária na Secretaria de Administração em 1977, foi efetivada como funcionária em 1978, para trabalhar no Ambulatório Municipal de Saúde Mental. Atua como Psicóloga no CEVI - Centro de Vivência Infantil, na Secretaria Municipal de Saúde. Entrevistada em 07/06 /2001 e 23/08/2001.
4. M.G.C.O. - **Maria da Glória Coelho de Oliveira** - nasceu em 27/04/56 em Sorocaba, cursou Psicologia na PUC Campinas, concluiu em 1978. Ingressou no Estado como Psicóloga em 1979, trabalhou no Ambulatório Estadual de Saúde Mental. Ingressou na Prefeitura via concurso público em 1989, está lotada na Secretaria da Saúde e trabalha no Centro de Saúde de Barão Geraldo e no CAPs Estação. Atua também como Psicóloga Clínica em consultório particular. Entrevistas concedidas em 14/05/2001 e 31/08/2001.
5. M.I.N.M. - **Maria Izabel Nascimento Marques** - nasceu em 19/04/1948, em Campo Grande, cursou Psicologia na PUC Campinas, concluiu em 1972, ingressou em 1977 na Prefeitura de Campinas, trabalhou na Secretaria do Bem Estar Social, no Conselho Carcerário de Campinas. E durante 7 anos na Secretaria de Saúde, foi Coordenadora do Centro de Saúde Santa Mônica. Atualmente está aposentada da Prefeitura, mas atua como Psicóloga Clínica e Conselheira do CRPSP. Entrevistas concedidas em 05/07/2000 e 28/06/2001.

6. R.P.T.L. - **Raquel Pastana Teixeira Lima** - nasceu em 03/08/1954, em Amparo-SP, cursou Psicologia na PUC Campinas, concluiu em 1976, ingressou na Prefeitura em 1977, trabalhou na Secretaria do Bem Estar Social, na Secretaria de Cultura e na Secretaria de Saúde desde 1984. Na época da entrevista exercia a função de Assessora no Gabinete do Secretário de Saúde da Prefeitura de Campinas. Entrevistas concedidas em 27/04/2001 e 28/06/2001.

7. R.B.R. - **Rosana Biageoli Rimoli** - nasceu em 21/12/1950, em Campinas, cursou Psicologia na PUC Campinas, concluiu em 1976. Foi estagiária na CPFL no setor de RH. Ingressou na Prefeitura em 1978 na Secretaria de Saúde, iniciou nos Centros de Saúde, também trabalhou no Ambulatório de Saúde Mental, sendo uma das primeiras a serem contratadas na Secretaria da Saúde. Atualmente trabalha no Centro de Saúde I, Barão de Jaguara da Secretaria Municipal de Saúde. Entrevistas concedidas em 21/06/2001 e 28/06/2001

8. R.F.V. - **Rosangela Fátima Villar** - nasceu em 12/12/1956, em Campinas, cursou Psicologia na PUC Campinas, concluiu em 1979. Ingressou na Prefeitura em 1983 e foi trabalhar no Ambulatório Municipal de Saúde Mental; assumiu sua coordenação nos dois últimos anos de sua existência. Atua como Psicóloga da Secretaria de Saúde no Centro de Saúde de Faria Lima, sendo responsável pelo SADA – Serviço de Apoio às Dificuldades de Aprendizagem. Entrevistas concedidas em 21/06/2001 e 27/06/2001.

ANEXO E

02/11/2003 - 08h01 <http://www1.folha.uol.com.br/folha/equilibrio/noticias/ult263u2973.shtml>

PROJETO DE SAÚDE MENTAL EM CAMPINAS VIRA REFERÊNCIA

FERNANDA BASSETTE

free-lance para a **Folha de S.Paulo**, em Campinas

A professora e psiquiatra da Universidade de Harvard (EUA) Cassis Henry chega hoje a Campinas (95 km de São Paulo) para desenvolver um estudo sobre experiências em saúde mental.

A cidade foi apontada pelo Ministério da Saúde como referência em trabalhos de saúde mental no país, assim como Sobral (CE).

A pesquisadora foi contratada pela OPAS (Organização Pan-Americana de Saúde). O resultado do estudo será publicado pela OPAS e pela universidade americana. A pesquisadora já passou pelo México para colher dados para compor o estudo e ainda visitará outros países das Américas antes de concluir o trabalho.

O coordenador do Programa de Saúde Mental do Ministério da Saúde, Pedro Gabriel Delgado, informou que Campinas foi escolhida por desenvolver boas experiências, conforme a política de saúde mental defendida pelo ministério, com uma rede comunitária de atenção psicossocial eficiente.

Ainda segundo Delgado, a pesquisa avaliará a qualidade dos serviços prestados pelas unidades e fará entrevistas com usuários do programa na cidade.

A coordenadora de saúde mental da Prefeitura de Campinas, Florianita Coelho Braga, disse que uma comissão de usuários vai acompanhar o trabalho.

Segundo ela, o reconhecimento é resultado da reforma psiquiátrica que está sendo implementada em Campinas desde 2001.

"A cidade fechou hospícios e inseriu as pessoas no meio social por meio de garantias de moradia e trabalho", disse Braga.

Hoje Campinas possui oito CAPs (Centro de Atenção Psicossocial), que são serviços territoriais de atenção diária para atender as pessoas que necessitam de cuidados especiais.

Cinco deles são destinados a adultos, um é infantil, outro para dependentes adultos de drogas e álcool e, por último, um que recebe crianças e adolescentes que fazem uso de drogas.

Quatro CAPs funcionam 24 horas e oferecem 32 leitos --oito em cada unidade. "Essas unidades substituem os hospícios e têm a proposta de tratar em liberdade os seres humanos que sofrem de doenças mentais graves", explicou a coordenadora.

Braga destacou que o objetivo do programa de saúde mental de Campinas é que esses pacientes não sejam excluídos da sociedade.

"A emergência na doença mental é processual. Ela é visivelmente perceptível para quem acompanha rotineiramente as pessoas. A gente pode cuidar dos pacientes sem necessitar de internação no hospital", disse Braga.

A coordenadora disse que fazer com que o doente diminua sua crise e permitir que ele tenha uma assistência rotineira na comunidade faz com que ele entenda seus momentos.

"A doença mental não tem cura, mas temos de aprender a conviver com essas pessoas."

Além dos CAPs, o programa de saúde mental possui 30 casas distribuídas em diversos bairros da cidade, onde vivem 142 pessoas que estavam "morando" em antigos hospícios. Segundo Braga, essas pessoas são mantidas com os recursos que eram destinados aos hospitais onde elas estavam, por meio de uma política internacional de saúde mental.

ANEXO F

Cronologia da Psicologia no serviço público municipal de Campinas⁸⁴

1970 - ORESTES QUÉRCIA era Prefeito de Campinas.

1970 - OSCAR DONATO RADOMILLE era Secretário da saúde.

01/02/1973 - LAURO PERICLES GONÇALVES começa o seu mandato como Prefeito de Campinas

01/02/1973 - OSCAR DONATO RADOMILLE continua como Secretário de Saúde de Campinas.

1974 – Ingresso da primeira psicóloga na PMC, Márcia Libertini é contratada na Secretaria da Promoção Social.

14/08/1975 – JOSÉ CARLOS SCOLFARO nomeado Prefeito em virtude da licença do titular.

31/01/1977 - OSCAR DONATO RADOMILLE deixa a Secretaria da Saúde

01/02/1977 - FRANCISCO AMARAL começa o seu mandato como Prefeito de Campinas

01/02/1977 - SEBASTIÃO DE MORAES toma posse como Secretário de Saúde de Campinas.

1977 - Maria Isabel e Raquel ingressam na Secretaria da Promoção Social. Isabel é designada para trabalhar numa instituição não-governamental ligada ao Fórum de Campinas, chamada Conselho Carceragem de Campinas. E Raquel vai trabalhar no setor de projetos sociais.

1977 - Isabel ingressa como estagiária no setor de RH, na Secretaria de Administração da PMC.

1977 - Sebastião de Moraes inicia investimentos em saúde pública que envolve a Atenção Primária à Saúde, contrata psicólogos e outros profissionais para a Secretaria Municipal de Saúde.

1977 - Eliana ingressa como estagiária no segundo Posto de Saúde Municipal construído na cidade.

1978 - Isabel, Celiana, Rosana e mais dois psicólogos ingressam na Secretaria de Saúde da PMC.

1978 - A primeira atividade atribuída a Celiana foi trabalhar com Psicologia Escolar. Trabalhou na Escola São José. As Psicólogas vão atuar nas escolas municipais, investem em um trabalho não clínico junto às assistentes e orientadoras pedagógicas da escola.

1978 - Primeiras atividades de Psicologia na saúde foram desenvolvidas nos “Postos” de Saúde com grupos de mulheres, gestantes e mães, atividade de sala de espera.

1978 - É inaugurado o ambulatório de Saúde Mental do Município nas dependências da SANASA. Algumas psicólogas continuam nos “Postos” de saúde e se reúnem periodicamente no ambulatório e outras ingressam diretamente no ambulatório e vão atuar com alcoolistas. Desde o início das atividades as psicólogas também atendiam crianças e o psiquiatra atendia mais adulto, as crianças eram remetidas pelas escolas ou de uma demanda do centro de saúde.

⁸⁴ Fonte: Diário Oficial do Município, documentos internos da PMC, fornecidos pelas entrevistadas e basicamente a memória das próprias entrevistadas.

27/09/1978 – RUY FERNANDO AMARAL GONÇALVES nomeado Prefeito em virtude da licença do titular.

1979 - Isabel desenvolve, no Centro de Saúde Jardim Esmeraldina, um projeto de estimulação antes do pré-escolar, além do programa de 0 a 18, no qual o bebê era acompanhado até os 18 meses.

1979 - Só existia o ambulatório de saúde mental da Prefeitura. Logo depois é implantado o do INAMPS, na Av. Campos Salles.

1980 – É inaugurado o Ambulatório de Saúde Mental do Estado, que mais tarde vai ser municipalizado.

1980 - Rosana trabalha no Centro de Saúde com o Programa da Criança, cria um grupo de sala de espera com as mães que levavam seus filhos para serem atendidos com o Pediatra. Participou também do Programa de Gestantes.

18/05/1981 - SEBASTIÃO DE MORAES deixa a Secretaria da Saúde.

19/05/1981 - JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA nomeado Prefeito em virtude da licença do titular.

19/05/1981 - JOÃO PLUTARCO RODRIGUES LIMA toma posse como Secretário de Saúde de Campinas, permanece até 17/05/1982

18/05/1982 - LUÍS CARLOS MOKARZEL nomeado Prefeito em virtude da renúncia do Prefeito e do Vice.

18/05/1982 - THOMÁS RINCO toma posse como Secretário de Saúde de Campinas, permanece até 31/01/1983.

01/02/1983 - JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA começa o seu mandato como Prefeito eleito de Campinas.

01/02/1983 - NELSON RODRIGUES DOS SANTOS toma posse como Secretário de Saúde de Campinas.

1983 - Nelson Rodrigues dos Santos estabeleceu nova carga horária (de 20 e 30 horas semanais) para os psicólogos e outros profissionais de saúde.

1983 - Rosângela ingressa na Prefeitura, na Secretaria de Saúde e vai trabalhar no Ambulatório de Saúde Mental com dificuldades de aprendizagem.

1983/1984 – Inicia-se o trabalho da Equipe de Atenção às Dificuldades de Aprendizagem no Ambulatório de Saúde Mental da SMS, amplia o quadro de pessoal com a contratação de uma fonoaudióloga e de uma psicóloga, com a função exclusiva de atender as queixas de dificuldades de aprendizagem em crianças da faixa escolar.

1984 - M. Isabel inicia com o trabalho nos Núcleos Comunitários de Campinas, com crianças de sete a quatorze anos nas periferias, em período extra-escolar.

1984 - Eliana ingressa na Prefeitura e vai trabalhar no Ambulatório Municipal de Saúde Mental, inicia o trabalho de triagem das 400 crianças que aguardam vaga para serem atendidas e inicia o trabalho com 28, trabalho este que será o “embrião” do CEVI só em 1996.

Abril de 1985 – Equipe do SADA envia à rede municipal de Educação um questionário que tinha por objetivo conseguir o diagnóstico da rede quanto ao número de alunos repetentes em 1ª série. Prováveis causas das dificuldades de aprendizagem e evasão escolar (na visão do professor) Perfil dos professores da 1ª série do 1º grau. Necessidade de treinamento e capacitação destes últimos.

Novembro de 1985 – Iniciam-se cursos teórico-práticos, para professores de primeira série da rede municipal.

1985 – Início da parceria da Secretaria da Saúde com a Secretaria de Educação; as psicólogas trabalham com professores e orientadores pedagógicos, mantêm parte do horário com atendimento clínico das crianças.

1985, 1986 - Rosana volta a trabalhar na escola fazendo um projeto de orientação e assessoria aos professores.

1986 - Novos cursos foram ministrados com o tema "Distúrbios de Aprendizagem e Linguagem" e abrangeram todos os professores de 1ª a 4ª série da SME. Eles tiveram como resultado "maior eficiência na capacidade do professor triar as crianças com dificuldades de aprendizagem, de linguagem ou portadoras de problemas emocionais".

1986 - Celiana faz Especialização em Família na Unicamp.

1987 - A equipe que já atuava com distúrbios de aprendizagem, deu continuidade aos cursos e foram iniciadas visitas a algumas escolas municipais (EMPG do Parque Industrial e do Jd. São Marcos) para contato com grupos de professores.

20/10/1987 - morre SEBASTIÃO DE MORAES.

1988 - O trabalho com professores abrangeu mais escolas: EMPG de Nova Sousas, Jd. Santa Lúcia, Jd. Londres, Jd. Amazonas, Pq. Industrial, Jd. Florence e São Vicente.

1988 - Maria da Glória entrou no Mestrado em Educação, na UNICAMP, para discutir a questão do fracasso escolar (não concluído).

14/09/1988 - NELSON RODRIGUES DOS SANTOS deixa a Secretaria da Saúde.

14/09/1988 - CARLOS ALBERTO AVANCINI DE ALMEIDA toma posse como Secretário de Saúde de Campinas, permanece até 31/12/1988.

01/01/1989 - JACÓ BITTAR começa o seu mandato como Prefeito de Campinas

01/01/1989 - GASTÃO WAGNER DE SOUZA CAMPOS toma posse como Secretário de Saúde de Campinas.

1989 - Concurso Público Municipal abre por volta de 30 vagas para Psicólogos na Secretaria de Saúde.

1989 - Raquel faz parte da equipe que desenvolveu uma proposta para a área de Saúde Mental dentro do programa de governo na Saúde do PT.

1989 - O papel do psicólogo começa a ser questionado de forma geral dentro do serviço público, em relação à questão de atender mais criança. A proposta que se chamava de equipe mínima, que seria pelo menos três profissionais: um psiquiatra, uma psicóloga, uma terapeuta ocupacional ou assistente social. Só existia no discurso, mas na prática ainda não.

1989 – Início do processo de fechamento do Ambulatório Municipal Saúde Mental e mais tarde inicia também o processo de fechamento do Ambulatório Estadual de Saúde Mental. Houve dificuldades de ordem política para implementação das mudanças, devido ao espírito de corporativo dos funcionários, principalmente no ambulatório estadual. As equipes de saúde mental foram alocadas gradualmente em seis centros de saúde.

1989 - Maria da Glória presta concurso para a Prefeitura, exonera-se no Estado e vai trabalhar no Centro de Saúde do Jardim Aurélia, onde já existia um trabalho de psicologia.

1989 - Começa a discussão para ampliar a demanda da saúde mental para outros aspectos do sofrimento psíquico, porque as filas estavam inchadas de demandas de neuroses. E os pacientes mais graves não apareciam nos centros de saúde. Iam parar direto nas internações, nos PS's, na PUC, na UNICAMP.

1989 – Foi dada ênfase à questão do atendimento, com a prioridade a psicóticos e alcoolistas adultos. Entretanto, as psicólogas continuaram trabalhando com crianças mesmo em condições precárias de atendimento na Faria Lima, que recebeu algumas psicólogas dos ambulatórios. Este trabalho deu origem a dois serviços distintos o SADA - Serviço de Atenção às Dificuldades de Aprendizagem e mais tarde o CEVI – Centro de Vivência Infantil, um centro de referência especializado em crianças com psicopatologias graves (psicose, autismo)

1989 e 1990 - O SADA - Serviço de Atenção às Dificuldades de Aprendizagem, utiliza a mesma estrutura de trabalho, incluindo outras escolas, na lista das já trabalhadas (EMPG do Parque Dom Pedro I, do Pq. Fazendinha, do Jd. Aeroporto, do Pq. Universitário, do Jd. Cristina, do Jd. São Domingos, do Jd. Bandeiras II, do Jd. São José, do Jd. Flamboyant, da Vila Rica, do Jd. Boa Esperança, do Pq. Valença, do Jd. Santa Rosa, do Jd. Ipaussurama, da V. Orozimbo Maia e Jd. São Fernando).

1990 - Maria da Glória trabalha com um grupo de psicóticos, de hipertensos e de diabéticos além dos atendimentos à criança. Em sua formação, já havia entrado outras técnicas, o psicodrama e trabalhos de abordagem corporal.

1990 - Secretaria da Saúde fecha convênio com o Hospital Psiquiátrico Filantropo Cândido Ferreira e dá início a um radical processo de desinstitucionalização que passou a ser modelo para a reforma psiquiátrica no país.

1990 – O SADA começa trabalhar com a educação do Estado; antes trabalhava somente com a educação municipal.

1991 - O SADA realiza encontros mensais com os Coordenadores de Ciclo Básico das 4 delegacias de Ensino de Campinas, incluem também os Orientadores Pedagógicos semanalmente.

1991 - M. Isabel é transferida para a Secretaria de Saúde e vai trabalhar no Centro de Saúde Padre Anchieta como psicóloga. Depois assume a coordenação do Centro de Saúde Santa Mônica.

1991- Raquel e outros profissionais saem da equipe de governo da Secretaria de Saúde, depois de saída do Jacó Bittar do PT.

15/03/1991 - GASTÃO WAGNER DE SOUZA CAMPOS deixa a Secretaria de Saúde.

15/03/1991 - JOSÉ ROBERTO MICCOLI toma posse como Secretário de Saúde, permanece até 27/02/1992.

27/02/1992 - MARCILIO PAZINATO toma posse como Secretário de Saúde, permanece até 31/03/1992.

31/03/1992 - ANTONIO DA CRUZ GARCIA toma posse como Secretário de Saúde de Campinas.

1992 - Abre uma vaga na Poli III, na Barreto Leme, e Rosana ficou lá de 92, até 96.

1992 até 2002 – Praticamente não houve investimento na área de Saúde Mental.

31/12/1992 - ANTONIO DA CRUZ GARCIA deixa a Secretaria de Saúde.

01/01/1993 - JOSÉ ROBERTO DE MAGALHÃES TEIXEIRA começa o seu segundo mandato como Prefeito de Campinas

01/01/1993 - ROGÉRIO DE JESUS PEDRO toma posse como Secretário de Saúde de Campinas, permanece até 29/04/1994.

29/04/1994 - CARMEM CECÍLIA DE CAMPOS LAVRAS toma posse como Secretária de Saúde de Campinas.

1995 - Nova mudança foi introduzida quando a equipe de Saúde do Escolar foi convidada pelo NAL (Núcleo de Alfabetização) a trabalhar com os professores de 12 escolas consideradas as mais

comprometidas da Rede Municipal, considerando-se os índices de reprovação e evasão escolar nas primeiras séries.

1996 – Fundação do CEVI - Centro de Vivência Infantil. Equipe de profissionais entregam o projeto do CEVI, à Secretaria de Saúde. Com a aprovação, alugam uma casa e iniciam as atividades deste centro de referência infantil.

1996 - No SADA, a avaliação do trabalho de 95 foi positiva; teve como consequência, o pedido do NAL para a continuidade do trabalho em 96, abrangendo todas as escolas municipais.

29/02/1996 – EDVALDO ANTÔNIO ORSI – nomeado Prefeito em virtude do falecimento do Titular.

31/12/1996 - CARMEM CECÍLIA DE CAMPOS LAVRAS deixa a Secretaria de Saúde.

01/01/1997 - FRANCISCO AMARAL começa o seu segundo mandato como Prefeito de Campinas.

01/01/1997 - ODAIR ALBANO toma posse como Secretário de Saúde de Campinas.

1997 a 2000 – A equipe do SADA interrompe o trabalho com a Rede Municipal e mantém o trabalho apenas com a Rede Estadual de Ensino. Esse trabalho permanece paralisado por toda a Administração Francisco Amaral, devido a divergências político-ideológicas entre profissionais da Secretaria Municipal de Educação e a equipe do SADA.

1998 - M. Isabel se aposenta.

30/06/1999 - ODAIR ALBANO deixa a Secretaria da Saúde.

01/07/1999 - IGOR CARLOS CONCILIO DEL GUERCIO toma posse como Secretário de Saúde de Campinas.

1999 a 2000 - A equipe do SADA monta 2 grupos de trabalho distintos nas Diretorias de Ensino Leste e Oeste: 2 grupos de professores do Ensino Fundamental de cada Diretoria e um grupo de Coordenadores em cada Diretoria: cada grupo tendo encontros mensais, com temas na área das Dificuldades de Aprendizagem.

31/12/2000 - IGOR CARLOS CONCILIO DEL GUERCIO deixa a Secretaria da Saúde.

01/01/2001 - ANTONIO DA COSTA SANTOS começa o seu mandato como Prefeito de Campinas.

10/01/2001 - GASTÃO WAGNER DE SOUZA CAMPOS toma posse como Secretário de Saúde de Campinas.

2001 – Início de uma nova fase de investimentos na Secretaria Municipal de Saúde